



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - FATECS
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL
DISCIPLINA: MONOGRAFIA ACADÊMICA
PROFESSORA ORIENTADORA: SANDRA DE SOUZA MACHADO

O documentário *Arquitetura da Unidade*

Um estudo de caso sobre a função da TV pública

JORDANA ANDRADE DE ARAÚJO
RA: 20654739

BRASÍLIA/DF, junho de 2011

JORDANA ANDRADE DE ARAÚJO

O documentário *Arquitetura da Unidade*

Um estudo de caso sobre a função da TV pública

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de bacharelado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof(a). Orientadora: Sandra de Souza Machado

Brasília/DF, junho de 2011

JORDANA ANDRADE DE ARAÚJO

O documentário *Arquitetura da Unidade*

Um estudo de caso sobre a função da TV pública

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de bacharelado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof(a). Orientadora: Sandra de Souza Machado

Banca Examinadora:

Prof(a). Sandra de Souza Machado

Orientadora

Prof. Severino Francisco da Silva Filho

Examinador

Prof(a). Carolina Assunção e Alves

Examinadora

Brasília/DF, junho de 2011

“A terra é um só país e os seres humanos seus cidadãos.”

Bahá'u'lláh

Dedico este trabalho acadêmico, inicialmente, a Deus, a meu avô Adonias, que recentemente deixou essa vida mortal, e as duas pessoas que contribuíram essencialmente para a pessoa que sou hoje: minha mãe e meu pai. Prova de que o amor infinito e incondicional é capaz de transformar um sonho em realização.

Agradeço a Deus por ter me capacitado espiritualmente a vencer todas as provações enfrentadas ao longo do caminho.

Agradeço à minha família e aos meus amigos pelo afeto e compreensão.

Agradeço a atenção e encorajamento dos professores Sérgio Luiz Galdino, Ana Paz e Susana Dobal, dos jornalistas Célio Dupin, Solange Calmon, além da produtora Mariana Capelo.

Meus sinceros agradecimentos ao jornalista Vicente Adorno e ao cinegrafista Valdir Rodrigues que, apesar da sobrecarga de afazeres, gentilmente esclareceram todas as questões vitais para a materialização dessa pesquisa acadêmica.

Agradeço à TV Cultura, à Comunidade Bahá'í do Brasil e a todos que direta ou indiretamente contribuíram para o resultado final desta pesquisa.

Sumário

Introdução	9
1. Referencial Teórico	12
1.1 O gênero cinematográfico documentário	12
2. Metodologia do trabalho	15
3. TV Pública	18
4. TV Cultura e Documentários	21
5. Religião	24
5.1 Fé Bahá'í.....	25
5.2 Abordagem de Comunicação Bahá'í.....	27
6. Vicente Adorno em perfil	29
7. Com a Palavra: Vicente Adorno e Valdir Rodrigues	30
8. O documentário “Arquitetura da Unidade”	34
8.1 Análise	35
8.2 Primeiro Bloco: Arquitetura de Deus	37
8.3 Segundo Bloco: Arquitetura da Humanidade	46
8.4 Terceiro Bloco: Arquitetura da Unidade entre Deus e os Homens	50
8.5 Quarto Bloco: Arquitetura do Futuro.....	55
8.6 Análise Financeira.....	57
8.7 Retorno de Audiência.....	59
9. Conclusão	61
BIBLIOGRAFIA	65
Anexo: DVD do documentário “Arquitetura da Unidade”	68
Apêndices	69
Apêndice I	69
Apêndice II	117
Apêndice III	137

RESUMO

ARAÚJO, Jordana Andrade. **O documentário *Arquitetura da Unidade*** - Um estudo de caso sobre a função da TV pública. 2011. Trabalho de conclusão de Jornalismo (graduação). Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas - FATECS, Centro Universitário de Brasília-Uniceub, Brasília, 2011.

O presente estudo de caso objetiva promover uma reflexão sobre a função social da TV pública em comunicar interesses específicos da sociedade, por meio do documentário enquanto memória coletiva. Tem como objetivos específicos: desvendar o processo de criação e produção do documentário “Arquitetura da Unidade”, transmitido em 2006, pela TV Cultura; investigar como foi feita a parceria para a divulgação nacional da religião Bahá’i, pela TV Cultura e a Comunidade Bahá’i do Brasil; e compreender de que forma alguns conceitos de arquitetura e religião se apresentam no gênero cinematográfico em estudo. Uma introdução ao gênero documentário; o conceito de TV pública; uma apresentação geral da Fé Bahá’í e de como é divulgada pelos meios de comunicação no Brasil e no mundo. A análise do documentário, bem como as entrevistas realizadas, revelou ser possível haver a parceria de uma emissora pública e dos interesses específicos da sociedade, quando há uma convergência pacífica e positiva de propósitos.

Palavras-chave: Arquitetura, Documentário, Religião, Televisão, TV Pública.

Introdução

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral promover uma reflexão sobre a função social da TV pública em comunicar interesses específicos da sociedade, por meio do documentário enquanto registro audiovisual de memória coletiva.

Tem como objetivos específicos: desvendar o processo de criação e produção, do documentário “Arquitetura da Unidade”, transmitido pela TV Cultura; investigar como foi feita a parceria para a divulgação nacional de uma comunidade religiosa, a Fé Bahá’í com a TV Cultura; e compreender de que forma alguns conceitos de arquitetura e religião se apresentam no gênero cinematográfico em estudo.

No cenário nacional, observa-se um aumento de adesão à TV por assinatura. No final de 2006, o Brasil contava com 4.583.125 domicílios com TV por assinatura, após quatro anos houve um crescimento de 113,15%, já que em 2010 o mercado atingiu a marca de 9.768.993.¹

De acordo com dados da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), o número de assinaturas, até fevereiro de 2011, ultrapassa 10 milhões de residências, num total de 10.176.149, o que representa um crescimento de 4,17%, em relação ao ano de 2010. A tendência é que esse mercado continue a subir.

Nesse mesmo ritmo acelerado de crescimento é que se encontra a TV Digital no Brasil, com 102 emissoras digitais que atendem 46% da população brasileira; o que correspondente a 87,7 milhões de brasileiros. A mudança integral do sistema de

¹ <http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalNoticias.do?acao=carregaNoticia&codigo=22357> – Acesso no dia 30 de maio de 2011.

transmissão analógica para a transmissão digital no País está prevista para ocorrer em 2016.²

Em momentos de expansão da TV por assinatura e da iminente chegada da TV Digital torna-se fundamental refletir sobre o papel da televisão pública no gênero televisivo “documentário”, e a viabilidade de aliança entre o capital público e a comunicação de interesses específicos da sociedade.

O gênero documentário, de não-ficção, tenta representar uma realidade e deve ter a capacidade de transmitir uma impressão de autenticidade do “real”, do mundo em que vivemos. É nessa junção de som e imagem que o paralelo entre arquitetura e civilização incide em “Arquitetura da Unidade”, um documentário da emissora pública paulista, a TV Cultura, que foi exibido pela primeira vez em novembro de 2006, no programa Cultura Mundo.

O espaço dado a esse documentário é outro aspecto que merece atenção, por ter sido veiculado em uma TV pública, educativa e, mesmo com orçamento escasso, ainda assim, conseguiu condições financeiras para apresentar um programa de nível internacional, com gravações em três países: Estados Unidos, Alemanha e Índia.

A proposta foi situar esse documentário em uma questão mais ampla a fim de examinar como interesses específicos de uma sociedade podem convergir diretamente com a função social da TV pública. O presente documentário pode ser considerado um trabalho inédito sob a perspectiva de abordagem religiosa da arquitetura Bahá'í, a mais recente religião mundial.³

Embora a Fé Bahá'í seja pouco difundida no Brasil, aproximadamente sete milhões de pessoas, espalhadas por 247 países e territórios, fazem parte da

²<http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalPaginaEspecialPesquisa.do?acao=&tipoConteudoHtml=1&codNoticia=22469> - Acesso no dia 30 de maio de 2011.

³ Com cerca de 60 mil seguidores espalhados por todos os estados brasileiros, de acordo com dados da Assembleia Espiritual Bahá'í do Brasil, Brasília, DF. O estado da Bahia possui o maior número de seguidores, com 12 mil adeptos.

Comunidade Bahá'í, o que faz com que seja a segunda religião mais difundida em termos geográficos no mundo, superada apenas pelo cristianismo.⁴

O problema que motivou este tema de estudo, é a seguinte indagação: Será possível unir interesses de uma comunicação de uma comunidade específica a um veículo de comunicação pública de massa? De que forma? Com qual objetivo? Por quais meios?

A hipótese que se apresenta a ser confirmada ou refutada é de que a função da TV pública é capaz de atender, tanto a interesses específicos de uma comunidade minoritária, como a uma demanda mais ampla da sociedade, ávida por novos conhecimentos, dentro de um contexto democrático.

O primeiro capítulo explica o conceito de TV pública e dos veículos de comunicação estatais e comerciais. Uma breve introdução à história da TV Cultura na produção de documentários são expostas no segundo capítulo. Como o documentário aborda o sagrado, o terceiro capítulo é sobre religião, trazendo um pouco da história da Fé Bahá'í, para então contextualizá-la em relação aos meios de comunicação, tanto no Brasil, quanto em esfera internacional.

No quarto capítulo, o perfil do produtor, roteirista e editor do documentário em estudo, Vicente Adorno, é apresentado. O quinto capítulo expõe uma síntese da entrevista com os principais responsáveis pelo documentário Vicente Adorno e o cinegrafista Valdir Rodrigues. O sexto capítulo traz a concepção do documentário "Arquitetura da Unidade", analisa aspectos de produção do roteiro, relata como o projeto foi viabilizado financeiramente e qual foi o retorno do público. Na conclusão, as principais considerações, ao longo do trabalho, são expostas como forma de atestar algumas das funções da comunicação pública no País.

⁴ De acordo com a Enciclopédia Britânica do ano de 2003, conforme divulgado no próprio documentário em estudo e que também pode ser confirmada na tese de mestrado: SCHEJBAL, David. **Multiculturalism with the focus on the Bahá'í International Community**. Master Thesis, Masaryk University Brno, 2009. http://is.muni.cz/th/105361/pedf_m/Master_Thesis_-_Bc._D._Schejbal_-_Multiculture_with_the_Focus_on_the_Baha_i_International_Community.pdf - Acesso no dia 30 de maio de 2011.

1. Referencial Teórico

1.1 O gênero cinematográfico documentário

O documentário de não-ficção, gênero cinematográfico, é um discurso que tenta representar uma realidade, e deve ter a capacidade de transmitir uma impressão de autenticidade do “real”, do mundo em que vivemos. “A interpretação e o significado do que vemos vão depender de muitos outros fatores, além da questão de a imagem ser a representação da câmera.”⁵

O gênero documentário funciona como um registro de memória coletiva, conforme o pesquisador Russell Porter (2005) “esse é um papel muito importante que ele está desempenhando e tem desempenhado historicamente, em particular nas comunidades do mundo que valorizam sua singularidade e ainda não foram totalmente cooptadas pelos valores comerciais globais”.⁶

De acordo com o teórico Bill Nichols (2007), todo filme “é um documentário que podem ser classificados em dois tipos. Os documentários de satisfação de desejos são chamados de ficção, já os que representam a realidade social recebem o título de não-ficção”.⁷

Documentários de não-ficção chamam a atenção para questões sociais, problemas recorrentes, e tentam mostrar soluções possíveis. Novas visões de mundo são compartilhadas por meio da compreensão sobre o passado, o presente ou o futuro da humanidade. Para Nichols, o documentário⁸ define-se pelo contraste com filme de ficção ou filme experimental e de vanguarda:

⁵ NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 2007, p.20.

⁶ PORTER, Russell. *Sobre Documentários e Sapatos*. In: MOURÃO, Maria Dora. LABAKI, Amir (Orgs.). **O Cinema do Real**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2005, p.46-47.

⁷ NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 2007, p.26.

⁸ No caso, documentário de não-ficção. A partir deste item o conceito de documentário refere-se sempre ao de não-ficção.

Se o documentário fosse uma reprodução da realidade, esses problemas seriam bem menos graves. Teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é a realidade é a representação do mundo em que vivemos. Representa uma visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares.⁹

Os documentários são baseados em suposições diferentes sobre seus objetivos, envolvem um tipo de relação diferente entre o cineasta e seu tema e inspiram expectativas diversas no público. Quando documentários são capazes de transmitir confiança de que “o que vemos é testemunho do que o mundo é”¹⁰, podem influenciar ações humanas.

Todo documentário segue um roteiro, ou seja, possui a narração de uma história contada por meio de imagens e sons. Esse roteiro é um discurso sedimentado em acontecimentos da realidade. Por essa razão, ao contrário dos filmes de ficção, a concepção de um documentário acontece de forma gradual. “Dentro das etapas de roteirização, a escrita de um argumento seria momento anterior à escrita do roteiro, uma apresentação menos detalhada do filme no papel”¹¹, afirma o pesquisador Sérgio Puccini (2009). O processo de criação do roteiro se constitui em recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim.

Segundo Puccini, a investigação do “real” começa a partir da seleção do tema e continua com as definições: de personagens, das vozes que darão corpo à pesquisa, das locações e cenários, das cenas, sequência, de planos de filmagem, dos enquadramentos, do trabalho de câmera e som, entre outros. Na fase de pós-produção, o processo de seleção fica mais restrito, porém o documentarista adquire total controle

⁹ NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 2007, p. 47.

¹⁰ Idem, p. 20.

¹¹ PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de Documentário: Da Pré-Produção à Pós-Produção**. Campinas: Papirus, 2009, p.16.

do universo de representação do filme e, normalmente, desenvolve um roteiro para ajudar na montagem do material registrado nas gravações.

Conforme Nichols, a representação do mundo pode ser feita de três formas, em primeiro lugar, pelo retrato reconhecível do mundo; em segundo lugar, pela representação de interesses de outros; e, em terceiro lugar, além de defender os outros, afirmam a natureza de determinado assunto. O caráter autoral do gênero é evidenciado pela ampliação do campo das alternativas para expor um argumento.

2. Metodologia do trabalho

O processo de pesquisa é sempre um esforço de elaboração e sistematização do conhecimento científico dentro de uma determinada área de atuação humana. De acordo com Melania Moroz e Mônica Helena T. A. Gianfaldoni (2006), “o caráter coletivo do conhecimento reflete não só o fato de que o homem não produz conhecimento sozinho, como o fato de que o conhecimento sozinho, uma vez produzido, interfere na vida do próprio homem”.¹²

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, já que se pretendeu “investigar um fenômeno contemporâneo, dentro de um contexto da vida real”.¹³ Inicialmente foi feito um levantamento bibliográfico que consistiu na seleção de obras, artigos, monografias e periódicos sobre as temáticas: televisão pública, gênero cinematográfico documentário, religiões, Fé Bahá'í.

Para investigar se é possível haver uma parceria entre um veículo de comunicação público e interesses específicos da sociedade, o presente estudo analisou o documentário “Arquitetura da Unidade”, transmitido na TV Cultura e, conseqüentemente, visa proporcionar uma reflexão sobre o papel da TV pública no Brasil.

*Analisar um filme não é mais vê-lo, é revê-lo e, mais ainda, examiná-lo tecnicamente. Trata-se de uma outra atitude com relação ao objeto-filme, que, aliás, pode trazer prazeres específicos: desmontar um filme é, de fato, estender seu registro perceptivo e, com isso, se o filme for realmente rico, usufruí-lo melhor.*¹⁴

¹² GIANFALDONI, Mônica, Helena T. A. MOROZ, Melania. **O Processo de Pesquisa: Iniciação – Série Pesquisa**. Vol. 2, 2ª ed. Brasília: Editora Liber Livro, 2006, p. 10.

¹³ BARROS, Antonio; Duarte, J. (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p.216.

¹⁴ GOLIO-LÉTÉ, Anne. VANOYE, Francis. **Ensaio Sobre a Análise Fílmica**. Campinas: Papyrus, 1994, p.12.

Por tanto, para compreender a mensagem por trás de um documentário, é preciso reconhecê-lo como uma ferramenta de difusão de interpretações da realidade. Isso infere em aceitar a diversidade das próprias representações de mundo, já que o mundo não é construído por uma única verdade. A análise sistemática de um filme contribui para uma compreensão do objeto, mas não exclui outros caminhos possíveis de interpretações.

Segundo a pesquisadora Diana Rose (2002), as representações da mídia são mais do que discursos: “os meios audiovisuais são um amálgama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, sequência de cenas e muito mais. É, portanto, indispensável levar essa complexidade em consideração, quando se empreende uma análise de seu conteúdo e estrutura”.¹⁵ De modo que transcrever e codificar um conjunto de dados não constitui em uma verdade única, o importante é explicitar e justificar os critérios de seleção.

Em relação ao levantamento de dados, adotou-se a técnica de descrição do roteiro e das imagens do documentário, em que a estrutura narrativa dói considerada. Foram estabelecidas categorias de análise interpretativa por blocos temáticos, destacando o conteúdo semântico das unidades de discurso, mas sempre remetendo ao que estava sendo dito pelas imagens. A discussão dos resultados ampara-se no referencial teórico estudado.

Além da análise fílmica do documentário, foi realizada uma entrevista semi-estruturada¹⁶ com os principais responsáveis pelo desenvolvimento do documentário: o jornalista Vicente Adorno e o cinegrafista Valdir Rodrigues.

Também foi entrevistada a secretária adjunta da Secretaria de Ação para a Sociedade e Governo, da Comunidade Bahá'í do Brasil, Mary Aune Caetana, com o objetivo de compreender a abordagem de divulgação pública da Fé Bahá'í nos veículos

¹⁵ ROSE, Diana. *Análise de Imagens em Movimento*. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – Um Manual Prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 343.

¹⁶ Combina perguntas fechadas e abertas.

de comunicação do País. As informações referentes ao orçamento do documentário foram cedidas pelo ex-diretor financeiro da Comunidade Bahá'í do Brasil, Washington Araújo. Outros elementos também foram empregados, tais como análise de discurso narrativo e de imagem.

O exame técnico do objeto de estudo foi realizado por meio de verificações sistemáticas para tentar decifrar como a narrativa por meio de imagens e sons também contribui para abranger interesses da sociedade em geral; perceber como o jornalista, Vicente Adorno, promove a ligação entre arquitetura, civilização, Fé Bahá'í e a realidade atual do mundo; e, assim, indicar como a estrutura do documentário legitima o fortalecimento da participação da sociedade em uma emissora de televisão pública.

O filósofo Michel Foucault (1926-1984) destaca em seu livro, *A Arqueologia do Saber*, que a análise do campo discursivo vai além dos próprios enunciados, à medida que procura entender a intenção do sujeito, sua atividade consciente e até mesmo inconsciente. Para ele, trata-se mesmo de reconstituir outro discurso, descobrir a palavra muda do já-dito.¹⁷

Verificou-se imprescindível contextualizar e diferenciar o conceito de TV pública com os veículos de comunicação estatais e comerciais. Após essa introdução ao tema norteador do presente trabalho, foi possível verificar se o documentário “Arquitetura da Unidade” corresponde à missão da TV pública.

Como a proposta do trabalho visa compreender de que forma a TV pública pode acolher interesses específicos da sociedade, sem perder a sua função democrática, o exame com profundidade técnica do filme não foi o fundamental para o resultado final desse estudo. Percebeu-se que, mesmo que não haja uma análise profunda da linguagem cinematográfica, a descrição da estrutura interna e todo o processo de produção conseguem sustentar a presente pesquisa.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 7ªed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2004, p.30.

3. TV Pública

Entre as TVs públicas de prestígio no mundo estão as emissoras: britânica BBC (*British Broadcasting Corporation*), a norte-americana PBS (*Public Broadcasting Service*), e a japonesa NHK (*Nihon Han-guk Kurabu*). No Brasil, embora com bem menos reconhecimento, as mais populares são a TV Cultura (1960) e a TV Brasil, criada em 2007 e administrada pela Empresa Brasileira de Comunicação (EBC).

As emissoras públicas internacionais têm em comum, o fato de serem financiadas por taxas pagas pelo telespectador, que é capaz de garantir a manutenção e uma programação de alta qualidade.¹⁸ “Quando o governo de São Paulo criou uma taxa na conta de luz para ajudar a manutenção da TV Cultura, o mundo veio abaixo, da esquerda orgânica à direita bem pensante. E a proposta acabou enterrada pelo ministério e pela opinião pública”¹⁹, afirma o escritor e jornalista, Jorge da Cunha Lima.

As emissoras privadas brasileiras, ou seja, de cunho comercial, conseguiram progredir tecnicamente e têm a capacidade para a produção de ficção e matérias jornalísticas, com nível de qualidade internacional. Porém, a sua programação focada no entretenimento mostra que a sua meta principal é a conquista da audiência.²⁰

É válido ressaltar que o advento da TV pública surge como um veículo de comunicação de massa instigante por não ser nem uma tevê comercial e nem estatal. Esse novo patamar de instituição nasce como uma reivindicação da sociedade moderna.

De acordo com a pesquisadora Elizabeth Brandão, a expressão comunicação pública abrange conceitos ainda em construção, já que muitos autores não chegaram a um acordo sobre o que ela é ou deveria ser. No entanto, a maioria ressalta que a

¹⁸ LIMA, Jorge da Cunha. **Cultura Pública: A Organização Política do Sonho**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001, p. 241.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ *Idem*, p. 263.

comunicação pública não é comunicação governamental e diz respeito ao Estado e não ao Governo.²¹ “É possível encontrar um ponto comum de entendimento que é aquele que diz respeito a um processo comunicativo que se instaura entre o Estado, o governo e a sociedade com o objetivo de informar para a construção da cidadania”, afirma Brandão.²²

A autora menciona no livro, *Comunicação Pública - Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público*, o conceito de comunicação pública segundo a pesquisadora Ana Lucia Novelli (2006), “como o processo de comunicação entre as instituições públicas e a sociedade e que tem por objetivo promover a troca ou compartilhamento das informações de interesse público, passa a desempenhar um papel importante de mediação para as práticas de boa governança”²³.

A TV pública e a TV estatal são veículos de comunicação públicos, contudo, possuem características distintas. A TV estatal é identificada como a comunicação do Estado e/ou governamental em que se estabelece um fluxo informativo e comunitário com seus cidadãos.²⁴ Já o conceito de emissora pública está ligado à independência administrativa, intelectual e política do governo, tendo como objetivo promover conhecimento e reflexão, com programação educativa, cultural e informativa.

Porém, de acordo com o jornalista membro do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta, Eugênio Bucci²⁵ (2008), essa característica básica das emissoras públicas de autonomia é comprometida quando há falhas na gestão, no momento em que não existe um distanciamento das emissoras em relação ao governo e ao poder econômico. A falta de verba também contribui para a queda da qualidade das

²¹ BRANDÃO, Elizabeth Pazito. *Conceito de comunicação pública*. In: DUARTE, Jorge. (Org.). **Comunicação Pública - Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2009, p. 15.

²² Idem, p.9.

²³ Idem, p. 18.

²⁴ Idem, p. 4.

²⁵ LIMA, Jorge da Cunha. **Uma História da TV Cultural**. São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 2008, prefácio, p. 9.

emissoras públicas, contudo “não é a tecnologia ou o dinheiro que geram excelência, mas antes, a independência”²⁶, afirma Bucci.

Na visão do jornalista, a aspiração por uma emissora de qualidade técnica e de conteúdo é totalmente possível, pois a própria TV Cultura já demonstrou isso na programação infantil, na cobertura jornalística, no desenvolvimento de uma televisão educativa, sempre que exerce o seu poder autônomo em relação ao governo.

A TV pública é uma emissora sem fins lucrativos, que não como preocupação atender as demandas do mercado, tem o compromisso com o interesse público e, ao contrário das emissoras comerciais, a prioridade não é a audiência. Desse modo, os recursos financeiros são pagos pela própria população, por meio de verbas orçamentárias repassadas pelo governo, de apoios culturais dados por empresas e de serviços prestados.²⁷ Os programas transmitidos em emissoras públicas devem cumprir a função de exercício da cidadania em uma sociedade democrática.

²⁶ Idem, p. 12.

²⁷ LIMA, Jorge da Cunha. **Cultura Pública: A Organização Política do Sonho**. São Paulo: Editora Senac, 2001, p. 263.

4. TV Cultura e Documentários

Em 20 de setembro de 1960, as Emissoras Associadas, de Assis Chateaubriand, inauguraram a TV Cultura. No início, a emissora transmitiu programas de teor comercial através do canal 2, de São Paulo. Em 1967, o então governador de São Paulo, Roberto de Abreu Sodré, implantou a televisão pública no Brasil. Na época, foi chamada de televisão educativa, embora tivesse caráter comercial.

Abreu Sodré criou a Fundação Padre Anchieta, entidade de direito privado, com autonomia intelectual, política e administrativa, para gerir as emissoras de rádio e televisão. Imediatamente também adquiriu a TV Cultura do grupo de Assis Chateaubriand. A partir daí, a TV Cultura se tornou uma emissora pública, sem fins lucrativos, tendo por finalidade informar o interesse público à sociedade, além de promover aperfeiçoamento educativo e cultural dos telespectadores. O governo do estado buscou construir uma TV educativa de alta qualidade. Por isso, comprou novos equipamentos e somente após realizar um planejamento e atualização técnica, iniciou as atividades da “nova” TV Cultura, no dia 15 de junho de 1969.

Embora o Brasil estivesse em plena ditadura militar, o Poder Executivo Federal autorizou a constituição de uma instituição com estrutura política, intelectual e administrativa independente – a Fundação Padre Anchieta. Desde o início, o governo paulista se comprometeu a financiar o custeio da instituição de autonomia intelectual, administrativa e editorial, subordinada apenas ao Conselho de Curadores, inicialmente composta por vinte e cinco membros.

O primeiro programa a ser exibido pela TV Cultura foi um documentário intitulado “Planeta Terra”²⁸, no dia 16 junho de 1969, que trouxe fenômenos da natureza

²⁸ De 1983 a 2004, o programa exibiu 407 títulos. Informação obtida em: BRITO, Flávio. **A TV Cultura de São Paulo e a Produção de Documentários (1969-2004)**. Orientadora: Dra. Marília Franco. Tese de pós-graduação, ECA-USP, 2009.

como tema. Essa escolha mostra a relevância do gênero documentário ao estabelecer a programação da emissora.²⁹

A programação infantil se destacou na produção de *Castelo Rá-Tim-Bum* e, recentemente, do *Cocoricó*, ambos foram premiados também pela Associação Paulista de Crítico de Arte como melhor programa infantil do ano, respectivamente, em 1994 e 1996.

Em 1998, a TV Cultura criou a Associação Brasileira de Emissoras Públicas, Educativas e Culturais³⁰ (Abepec), que reúne 21 emissoras de todos os Estados brasileiros de caráter educativo e cultura, sem fins lucrativos.

Jorge da Cunha Lima, presidente da Fundação Padre Anchieta de 1995 até 2004 e que, desde 2001, exerce o cargo de presidente do Conselho Curador, lançou o livro “Uma História da TV Cultura”, neste ano de 2011. A biografia dessa instituição foi recuperada pelo empenho de editores, pesquisadores e historiadores. Jorge da Cunha Lima ressalta:

*Emissora, aberta, gratuita, com programação dirigida para toda a população brasileira, a TV Cultura, com outorga de Televisão Educativa, tornou-se ao longo do tempo uma televisão generalista, isto é, cultural, artística, informativa e educativa, com ênfase na programação infantil. Era, pois, necessário verificar como isso aconteceu.*³¹

Em 2003, com o apoio estatal, foi inaugurado o Programa de Fomento à Produção e Teledifusão do Documentário Brasileiro: DOCTV (modelo de política pública, desde 2006). As TVs e instituições públicas dos estados brasileiros participam do programa, que tem por finalidade apoiar todo processo produtivo do documentário, criar ambientes de mercado, auxiliar na formação de profissionais, contribuir na

²⁹ BRITO, Flávio. **A TV Cultura de São Paulo e a Produção de Documentários (1969-2004)**. Orientadora: Dra. Marília Franco. Tese de pós-graduação, ECA-USP, 2009.

³⁰ Programação de debates, documentários, programas jornalísticos e infantis.

³¹ LIMA, Jorge da Cunha. **Uma História da TV Cultura**. São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 2008, p.16.

divulgação do conteúdo em âmbito nacional e garantir a regionalização da produção. A partir da iniciativa do Programa DOCTV, surgiu a ideia do DOCTV IBERO-AMÉRICA, DOCTV Colômbia e DOCTV Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Em 2007, com a abolição do Núcleo de Documentários da TV Cultura, os programas DOCTV, A'Uwe, e "O Mundo Secreto dos Jardins" foram extintos. Os que continuaram na grade da programação foram: Cultura Mundo, Cultura Documentários, Planeta Terra e Sangue Latino. Desde sua origem até o ano de 2004, a TV Cultura transmitiu um total de 2240 títulos de documentários.³²

Atualmente, a produção de documentários da TV Cultura é dividida em categorias: nacionais e internacionais - produzidas pelo Departamento de Jornalismo, coproduções, exibição de produções independentes e filmes elaborados por outras TVs educativas do Brasil.

³² BRITO, Flávio. **A TV Cultura de São Paulo e a Produção de Documentários (1969-2004)**. Orientadora: Dra. Marília Franco. Tese de pós-graduação, ECA-USP, 2009.

5. Religião

Quando colocamos lado a lado as crenças fundamentais comuns a todas as religiões, descobrimos que nossas diferenças são superficiais e nossas semelhanças, profundas. Esses princípios eternos têm admirável propriedade de inspirar a unidade. As diferenças desaparecem e a alma pergunta a si mesma: por que temos tantos conflitos?

Jeffrey Moses³³

Do latim, a palavra religião significa religar, ligar novamente o homem com o sagrado, o divino. Define-se religião como um conjunto de práticas e crenças que guiam seus seguidores a desenvolver uma estrutura de conduta ética ao longo da vida.

No livro *Unidade - Os Princípios Comuns a Todas as Religiões*³⁴, o autor, Jeffrey Moses (2009), cita as definições de religião:

Budismo: *Em que consiste a religião? Consiste em produzir o mínimo dano possível, fazer o bem em abundância, praticar o amor, a compaixão, a veracidade e a pureza em todos os setores da vida.*

Cristianismo: *Pois toda a lei se cumpre em uma só palavra: amarás o teu próximo como a ti mesmo.*

Hinduísmo: *A verdadeira religião é amar, como Deus ama todas as coisas, sejam elas grandes ou pequenas.*

Fé Bahá'í: *Ser a Causa da cura para quem está doente; conforto para quem sofre; água para quem tem sede; alimento para quem tem fome; luz para cada lâmpião; um arauto para quem anseia pelo Reino de Deus.*

³³ MOSES, Jeffrey. *Unidade - Os Princípios Comuns a Todas as Religiões*. Rio de Janeiro: Sextante, 2009, p. 11.

³⁴ Idem, p. 134.

Taoísmo: *Piedade no infortúnio e alegria no bem-estar dos outros; auxílio aos carentes; salvação para os que estão em perigo; e compaixão por teus adversários, como se estivesses no lugar deles.*

Islamismo: *Quais são as ações mais brilhantes? Alegregar o coração de um ser humano, alimentar o faminto, ajudar o aflito, aliviar o sofrimento do triste e eliminar a mágoa dos injustiçados.*

O 14º Dalai-Lama, ressalta que “todas as religiões têm ideias semelhantes sobre amor e um objetivo comum: fazer o bem à humanidade por meio da prática espiritual”.³⁵

Karen Armstrong (2011), pesquisadora de religiões comparadas, pensa que muitas formas do que chamamos de fundamentalismo religioso deveriam ser vistas como um discurso essencialmente político – um tipo de nacionalismo ou etnicidade expresso em termos de religião. Para ela, religião é uma disciplina prática que nos ensina a descobrir novas capacidades mentais e afetivas. “Só vamos descobrir a verdade – ou a mentira – dessas doutrinas se as traduzirmos em ação ritual ou ética”, diz Armstrong.³⁶

Todas as religiões de Deus ensinam o amor, a trabalhar em prol da paz universal. Todos os Manifestantes de Deus que surgiram na Terra explicam a importância da união e harmonia entre as nações, de que o gênero humano é uma grande família.³⁷

5.1 Fé Bahá'í

Bem-aventurado e feliz é aquele que se levanta para promover os melhores interesses dos povos da Terra.

Bahá'u'lláh

³⁵ MOSES, Jeffrey. **Unidade - Os Princípios Comuns a Todas as Religiões**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009, p.15.

³⁶ ARMSTRONG, Karen. **Em Defesa de Deus: O que a Religião Realmente Significa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 13.

³⁷ MOSES, Jeffrey. **Unidade - Os Princípios Comuns a Todas as Religiões**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009, p. 11.

A Fé Bahá'í surgiu na antiga Pérsia, atual Irã, por Bahá'u'lláh, cujo título em árabe significa a glória de Deus. É uma religião mundial, independente, não possui dogmas, rituais, clero ou sacerdócio, possui suas próprias leis, escrituras sagradas, administração e calendário. O ciclo bahá'í tem início em 23 de maio de 1844, com a declaração de Seu precursor, o Báb, Mensageiro divino que teve como missão preparar o caminho para o advento da Revelação de Bahá'u'lláh. A palavra “bahá'í” significa seguidores da Glória. A Casa Universal de Justiça, instituição prevista por Bahá'u'lláh, é o órgão máximo da Fé Bahá'í e está localizada em Haifa, Israel, no Centro Mundial Bahá'í.

Entre os ensinamentos de Bahá'u'lláh estão: a Unicidade de Deus, a Revelação Divina Progressiva; a eliminação de toda forma de preconceito e discriminação; a livre e independente busca da Verdade; igualdades de direitos entre homem e mulher; a harmonia entre religião e ciência; justiça para todos; a educação compulsória universal; a adoção de um idioma auxiliar universal; solução espiritual dos problemas econômicos, um parlamento mundial. Os bahá'ís se dedicam a causa da paz mundial e fraternidade humana.

A Revelação Divina Progressiva é baseada no conceito de que todas as religiões provem de um só Deus. De época em época, a humanidade recebe Educadores Universais, também chamados de Manifestantes Divinos, para guiar a humanidade com Seus ensinamentos. Os Ensinamentos de Bahá'u'lláh estão em harmonia com os Ensinamentos de Abraão, Krishna, Moisés, Buda, Zoroastro, Jesus Cristo, Maomé e o Báb.

Bahá'u'lláh ensina sobre a importância da unidade entre os povos: “Que todas as nações se unam em uma mesma Fé, e todos os homens se tornem irmãos; que os laços de unidade e afeição entre os filhos dos homens sejam fortalecidos; que cesse a diversidade de religião, e as diferenças de raças sejam anuladas – que mal há nisso?”, e continua com uma visão positiva do futuro da humanidade, dizendo: “E assim há de ser: essas lutas infrutíferas, essas guerras arruinadoras, não de passar e a “Paz

Máxima” há de vir. Que o homem não se vanglorie pelo amor a sua pátria e sim pelo amor a sua espécie...”³⁸

5.2 Abordagem de Comunicação Bahá’í

Para entender como é realizada a comunicação bahá’í no Brasil, a secretária adjunta da Secretaria de Ação para a Sociedade e Governo, Mary Aune Caetana foi entrevistada.

Sendo uma religião muito recente, com apenas 168 anos, a Fé Bahá’í tenta aos poucos encontrar espaço na mídia. Embora anteriormente o foco de abordagem nos meios de comunicação fosse à proclamação, no sentido de trazer conhecimento à população, a Fé Bahá’í se diferencia por não ser caracterizada como uma religião proselitista, ou seja, o objetivo principal não é a conversão de um crescente número de adeptos, já que a premissa vai além da mera crença.

Fazer com que haja a visibilidade de ações que promovam a melhoria da sociedade, no sentido de capacitar indivíduos para o serviço à humanidade, trabalhar pela eliminação de preconceito de raça, credo, gênero, nacionalidade e classe social; eliminação de extremos de pobreza e riqueza, para a construção de um mundo mais justo e igualitário; e a defesa dos direitos humanos como um todo - esses são os principais propósitos da Comunicação Bahá’í. Isso se traduz, inclusive, no modo como ela é divulgada no País e no mundo. Os focos são ações sociais e desenvolvimento socioeconômico, além das áreas temáticas que defendam princípios universais.

Entre algumas ações que visam ao desenvolvimento socioeconômico estão: a Escola das Nações, em Brasília-DF; Centro Educacional de Salvaterra, em Salvaterra-PA, a Associação Monte Carmelo, em Mogi Mirim-SP, Associação para o Desenvolvimento Coesivo da Amazônia (ADCAM), responsável por uma série de projetos no Amazonas e que coordena as atividades do Instituto Politécnico Rural da

³⁸ CENTRO MUNDIAL BAHÁ’Í. **A Proclamação de Bahá’u’lláh**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bahá’í do Brasil, 1977, p.6.

Amazônia Djalal Eghrari, Faculdade Tahirih, Escola Vocacional Masrour, Núcleo de Desenvolvimento Familiar e Instituto de Tecnologia Masrour. A Comunidade Bahá'í desenvolve atividades básicas de ação social como estudos de livros que visam ao empoderamento das capacidades humanas, educação espiritual para crianças e jovens e também as reuniões devocionais.

A Fé Bahá'í tem maior evidência na mídia nacional e internacional atualmente devido à sistemática perseguição religiosa procedente do governo iraniano. Nesse mesmo ano de 2011, os jornais *Folha de São Paulo*, o *Estado de São Paulo*, o *Correio Braziliense*, a revista *Veja*, expressaram indignação pela presente situação dos sete líderes bahá'ís, condenados a 20 anos de reclusão, no Irã, exclusivamente por serem bahá'ís.

Em 2009 e 2010, o jornal americano *The New York Times* publicou duas matérias sobre o tema. A violação de direitos humanos atrai o interesse jornalístico, e assim, editores, redatores-chefes, repórteres, analistas de política internacional têm a iniciativa de colocar em evidência no noticiário as diversas formas de como se manifesta essa perseguição religiosa aos bahá'ís iranianos.

Como não existe uma assessoria Bahá'í de imprensa formalizada, o principal meio de divulgação da atuação dos bahá'ís, tanto no Brasil como no mundo - é através da *internet*, por indivíduos da própria comunidade que colaboram para isso e, inclusive, sugerem pautas para a grande mídia. Em nível nacional a divulgação é feita pelo blog <http://sasg.bahai.org.br>, e em nível mundial acontece pelo sítio <http://www.bwns.org>.

No meio televisivo a Fé Bahá'í teve destaque na TV Cultura, com a exibição dos documentários “Os Seguidores da Glória” e “Arquitetura da Unidade”, respectivamente em 2005 e 2006, no programa Cultura Mundo; o SBT, no documentário “A polêmica história do Irã”, no programa Conexão Repórter, as lideranças bahá'ís e a intolerância do governo do Irã, em dezembro de 2010; a Globo, no Jornal Hoje, apresentava aos telespectadores em junho de 2009, um pouco da história da Fé Bahá'í com imagens diretamente de Israel. Essas foram algumas das principais notícias na televisão.

6. Vicente Adorno em perfil

Na época em que o documentário em estudo foi idealizado, Vicente Adorno assumia o cargo de editor chefe do jornalismo internacional da emissora paulista. Era o apresentador do Jornal da Cultura e também do programa diário *Na companhia da música*, tocada na Rádio da Cultura FM. De 1988 até 2008, exerceu a função de comentarista na Fundação Padre Anchieta. Adorno é cristão, chegou a pensar em seguir a carreira clerical e desistiu quando ainda era seminarista.

Formado em jornalismo pela faculdade Cásper Líbero e Letras (alemão inglês, italiano e português) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, autor do livro *Tietê – esperança de futuro para as águas do passado* e co-autor, com Jadwiga Mielzynska, de *O pão amargo* e *Farrapos*, trabalhou como tradutor, redator, repórter, entrevistador e locutor no Departamento de Transmissões em Línguas Estrangeiras da Rádio Japão, emissora internacional da Nippon Hoso Kyokai (NHK), a equivalente japonesa da BBC e, como *free-lancer*³⁹ para *stringer*⁴⁰ da Rádio Eldorado, *O Estado de S. Paulo* e Editora Abril.

Segundo o jornalista, documentários sempre o atraíram pela facilidade de abordar, com mais profundidade, questões relevantes que - nos simples noticiários do dia-a-dia - são deixadas de lado ou até mesmo ignoradas. Então, a partir de 1990, começou a produzir documentários. Os que mais lhe marcaram foram: *Rondon – o sentimento da terra* e *Anchieta – o Abaré*, dos quais escreveu o roteiro e participou como supervisor; *Pré-histórias da Pedra Furada*, *O país do desperdício*, *Que viva Glauber!*, *Os Seguidores da Glória* e *Arquitetura da Unidade*, documentários nos quais tem como foco a Fé Bahá'í, do qual foi produtor, roteirista e diretor, em que o documentário *Arquitetura da Unidade* é objeto de análise deste estudo.

³⁹ Profissional autônomo.

⁴⁰ Jornalista profissional que não tem o status oficial de correspondente, mas que atua como se fosse.

7. Com a Palavra: Vicente Adorno e Valdir Rodrigues

Esse capítulo traz o relato da entrevista realizada no dia 12 de março de 2011, entre 11h da manhã e 16h30, em São Paulo. Na ocasião, os dois principais responsáveis pelo documentário em análise foram entrevistados: o roteirista, editor e produtor, na época editor-chefe do jornalismo internacional da emissora, Vicente Adorno e o cinegrafista, Valdir Rodrigues.

Adorno explicou que todo documentário nasce a partir de uma ideia inicial proveniente do próprio jornalista ou proposta por alguém. Cabe ao supervisor ou diretor discuti-la com o responsável pelo departamento (no caso da TV) e verificar se ela é viável ou não. Resolvida essa fase inicial, começa então o planejamento do filme.

O projeto dos documentários “Os Seguidores da Glória”⁴¹ e “Arquitetura da Unidade” foram idealizados a partir de uma sugestão feita pela Assembleia Nacional dos Bahá’ís do Brasil ao jornalista Vicente Adorno.

Para que a ideia não ficasse apenas no papel, o projeto precisava da autorização do então Presidente da Fundação Padre Anchieta, Marcos Mendonça. Por acreditar que os dois documentários sobre a Fé Bahá’í estavam de acordo com a linha editorial da emissora e dentro dos parâmetros de conteúdo e qualidade vigente, o projeto foi aprovado.

Segundo Vicente Adorno, a repercussão favorável, tanto pela TV Cultura como pela crítica do público, ao documentário anterior, “Os Seguidores da Glória”, abriu as portas para a chegada do “Arquitetura da Unidade”. Com o apoio recebido de Marcos Mendonça e Pedro Vieira, Adorno foi mais uma vez transferido oficialmente do departamento de Jornalismo para o Núcleo de Documentários da TV Cultura.

⁴¹ Lançado em 2005, foi o primeiro documentário sobre a Fé Bahá’í a ser transmitido nacionalmente no Brasil.

Após a fase inicial, o documentário “Arquitetura da Unidade” seguiu o cronograma estabelecido pelo roteirista com datas para as seguintes etapas: pesquisa de texto e imagem; pesquisa de material de arquivo; levantamento de entrevistas necessárias e escolha dos entrevistados; elaboração do pré-roteiro e agendamento de entrevistas; filmagens exteriores e em locações e gravação de entrevistas; elaboração do roteiro final; decupagem do material gravado; edição e montagem; sonorização e acabamento; e exibição.

“Em todo esse processo o supervisor está sempre que possível presente, porque ele requer a atenção constante de pelo menos uma pessoa responsável pela uniformidade da linguagem, da manutenção do conceito e do cumprimento de cada etapa”, destaca Adorno.

O livro “Tudo que é sólido se desmancha no ar”, do filósofo Marshall Berman foi fonte de inspiração. A partir dessa leitura, surge a pergunta inquietante para Adorno: Como as pessoas ocupam espaços? Para ele, o projeto do documentário era extraordinário nessa perspectiva, além de “falar sobre um aspecto muito interessante que é o da cultura bahá’í que é essa, esse cuidado e esse refinamento com a construção dos templos. E, eu confesso para você que todos dos que eu vi até hoje me deixaram emocionados, porque mostram as coisas boas que um ser humano é capaz de fazer quando se dispõe a um esforço coletivo”.

Após estudar a história arquitetônica das civilizações, Adorno verifica que “todas as grandes civilizações de fato começavam com a construção de templos, até mesmo os imigrantes que foram dos Estados Unidos, eles construíam, uma igreja, uma escola, uma fundição, a vida deveria ser organizada em três núcleos: instrução, a fé e a indústria”.

Contudo, Adorno sempre se interessou pela maneira como as cidades são organizadas, como no passado as habitações eram precárias e foram evoluindo até a tendência dos arranha céus, a simbologia das construções “são uma espécie de linguagem, uma afirmação de cada povo”, diz. Por acreditar que a Fé Bahá’í seja a

religião da modernidade, decidiu apresentá-la aos telespectadores justamente para mostrar o paralelo entre arquitetura e civilização.

O desafio de construir em vídeo esse paralelo entre arquitetura e civilização com um aspecto religioso aparentava ter um grau de dificuldade alto para o roteirista. No entanto, Adorno conta que, como a qualidade das entrevistas realizadas foi excelente, a dificuldade maior foi conseguir recursos para sair do País.

Outra dificuldade foi destacada pelo cinegrafista Valdir. Na Alemanha, a temperatura chegou a 30°C negativos, e a câmera simplesmente parou de funcionar por ter sido congelada. “Você está querendo me gozar”, essa foi a reação imediata de Vicente para Valdir. Embora Valdir soubesse que durante a viagem enfrentaria temperaturas negativas, com bastante neve, não foi possível encontrar uma capa térmica de câmera antes da viagem.

A câmera que registrou a maioria das imagens da viagem possuía as seguintes características: Sony DSR-500, DVCAM, com fitas de duas horas de duração. Quando o cinegrafista Valdir era consumido pelo cansaço, optava por filmar com uma câmera menor, a Sony DSR-PD170 DVCAM.

Para Adorno, o fato da Fé Bahá'í ter reconhecido e instituído a primeira organização não-governamental junto às Nações Unidas significa marcar uma posição firme. “A igualdade entre homem e mulher, entre etnias, religiões, sem distinção nenhuma, demonstra a abertura de mundo dos bahá'ís”, afirma Adorno que também acredita que os estereótipos de toda ordem, devem ser banidos, afinal de contas, além das pessoas serem iguais, as necessidades são as mesmas.

“A função da TV pública é promover cultura, educação, valores, cidadania e discussões, ser um veículo de discussão eficaz desses temas”, explica Adorno. Para ele “até pouco tempo atrás, as emissoras públicas, no Brasil, bem ou mal, ainda estavam fazendo isso e ainda fazem, porém, cada vez menos”, o que ocasiona, em sua visão, a perda de qualidade na programação e um dano a própria identidade da

emissora pública. Por isso, acredita que o desafio deve ser de toda a sociedade e que os veículos de comunicação públicos devem ser um canal de escuta das demandas da população a fim de construir um País mais justo e igualitário.

8. O documentário “Arquitetura da Unidade”

O documentário da TV Cultura, “Arquitetura da Unidade”, foi produzido, roteirizado e dirigido por Vicente Adorno e transmitido pela primeira vez em 22 de novembro de 2006, no programa *Cultura Mundo* da TV Cultura, que reúne séries e documentários sobre marcos da história e da atualidade, e que em sua maioria são produzidos pela BBC de Londres. O jornalista contou com a consultoria de roteiro do cineasta Bahá'í Flávio Azm Rassekh e do arquiteto e ex-membro da Assembleia Nacional dos Bahá'ís do Brasil, Luís Henrique Beust.

Em dezembro de 2005, durante 20 dias, Vicente Adorno e o cinegrafista Valdir Rodrigues viajaram para cinco cidades do mundo: Frankfurt e Hofheim-Langenhain, na Alemanha; Nova Déhli, na Índia; Nova Iorque e Chicago, nos Estados Unidos. As imagens de Israel já haviam sido registradas pelo próprio Valdir Rodrigues e exibidas no documentário anterior sobre a Fé Bahá'í, “Os Seguidores da Glória”, em novembro de 2005.

O programa é apresentado pela jornalista que trabalhou na TV Cultura como repórter, editora e apresentadora de vários telejornais, Laila Dawa. A narração do roteiro é feita por Valéria Grillo, combinada com locuções alternadas de Alfredo Alves, Hélio Vaccari e Madeleine Alves. O documentário em estudo teve edição *off-line* e pós-produção de César Melão; a edição e produção executiva foram coordenadas por Lina Murano.

A pesquisa iconográfica sobre o tema foi feita no Centro de Documentação da Fundação Padre Anchieta. À frente da gerência do Núcleo de Documentários estavam Pedro Vieira e Marco Antonio Coelho Filho, que exercia o cargo de diretor de Rede Expansão e Documentários.

8.1 Análise

O programa Cultura Mundo é dividido em quatro blocos: primeiro a “arquitetura de Deus” (15”); em seguida o bloco da “arquitetura da humanidade” (13’12”); a terceira parte aborda a “arquitetura da unidade entre Deus e os homens” (13’55”); e por último, a “arquitetura do futuro” (9’26”). O documentário tem duração total de 51 minutos e 33 segundos.

A progressão do filme acontece no passado e a continuidade da narrativa é baseada na linearização, em que um plano se vincula ao plano seguinte por meio do método de *sum off*. “Esse artifício de narrador onisciente serve para construir a objetividade do discurso e também, para o espectador ‘esquecer’ o caráter fundamentalmente descontínuo do significante fílmico; constituído de imagens ‘coladas’ umas às outras”.⁴² A técnica de mostrar os fatos relacionados com a antiguidade, serve para registrar uma realidade e promover a reflexão tanto do presente como do futuro.

Na vinheta produzida especialmente para o documentário, “Arquitetura da Unidade”, vários símbolos religiosos (o fogo de Zoroastro, a estrela de David, o crucifixo de Cristo, o Máximo Nome Bahá’í entre outros) surgem quando a flor de lótus é aberta. Verifica-se também a fusão entre as imagens, ao invés de se utilizar o corte seco. Esses elementos transmitem a ideia de complementação e se adéquam ao conteúdo do documentário, na medida em que a Fé Bahá’í acredita na unidade religiosa.

A trilha sonora do documentário usa Hans Zimmer (1957), músicas bíblicas, *feste romane* (poemas sinfônicos de autoria do italiano Ottorino Resoighi) misturada à música eletrônica, canções bahá’ís e a música minimalista de Phillip Glass, entre outras não identificadas. A escolha do compositor alemão Zimmer - criador da trilha sonora impactante do filme *O Gladiador* aconteceu justamente por ele combinar orquestra e melodias simplistas que remetem ao passado, época do auge do Império Romano. A

⁴² GOLIO-LÉTÉ, Anne. VANOYE, Francis. **Ensaio Sobre a Análise Fílmica**. Campinas: Papirus, 1994, p. 26.

seleção das músicas instrumentais ou as cantadas em coral contribuem para criar uma atmosfera de meditação aos temas abordados, ao longo de todo o documentário.

Todos os blocos adotam o padrão de serem iniciados por uma citação que é exposta em caixa de texto, o que põe o público a refletir imediatamente sobre o assunto.

A escolha dos entrevistados é feita de modo a dar credibilidade a todo o enredo. Para comprovar o papel dos bahá'ís nas decisões da ONU, a chefe representante dos bahá'ís na ONU, em Nova Iorque, Bani Dugal é entrevistada.

No primeiro bloco, os templos Bahá'ís dos Estados Unidos, Alemanha e da Índia são apresentados como marcos arquitetônicos importantes entre os séculos XX e XXI. Os respectivos arquitetos dos templos da Alemanha e da Índia são entrevistados: Teuto Rocholl e Fariboz Sahba, Louis Bourgeois, arquiteto do templo de Wilmette, nos Estados Unidos faleceu em 1930. No entanto, os arquitetos americanos que ajudaram a finalizá-lo, Scott Conriad e Bob Armbruster, foram contatados e também entrevistados. Todos os templos Bahá'ís foram submetidos a concursos públicos, entre os arquitetos citados o único que não é membro da Comunidade Bahá'í é o alemão Teuto Rocholl.

A entrevista com os gerentes dos templos Bahá'ís dos Estados Unidos e da Índia, respectivamente Pam Monshin e Shatrughub Jiwnani, ajudam a sustentar os conceitos de arquitetura Bahá'í. Já a entrevista com a maestrina do Coral Bahá'í, na Alemanha, Ameli Dzimba e a médica anglo-iraniana da Comunidade Bahá'í de Frankfurt, Alemanha, Negin Pittas, contribuem para que o entendimento dos ensinamentos da Fé Bahá'í.

Os jovens voluntários do templo Bahá'í em formato de uma flor de lótus, na Índia, Nila Facha Sadi, da Austrália, Evan Walker, dos Estados Unidos, e Ginus Enaiatpour (de nacionalidade iraniana) demonstram por si mesmos como os bahá'ís se devotam a atos de serviços benéficos a sociedade e também evidenciam a diversidade étnica dos seguidores da Fé Bahá'í.

O ângulo de filmagem em *close up* de todos os entrevistados é frontal, escala em primeiríssimo plano, a câmera fica fixa, sem qualquer movimento. Esse ângulo da câmera é uma tomada que geralmente expressa emoção e escrutínio.⁴³ Mas em alguns textos narrados, a câmera ganha movimento, com o intuito de mostrar diferentes ângulos e ampliar a visão do espectador.

8.2 Primeiro Bloco: Arquitetura de Deus

O prólogo do documentário é um panorama geral da história do ser humano na construção de templos para, em seguida, recortar uma fé específica. A citação do livro *História do Declínio e Queda do Império Romano*, de Edward Gibbon, exemplifica a visão global do assunto: “Todas as grandes civilizações produziram monumentos arquitetônicos de vários tipos. Os únicos que são comuns a todas elas são os templos.”

A citação do historiador inglês Gibbon denota a maneira como, logo no início, o objetivo da emissora pública funciona, ou seja, como agente na construção do conhecimento. De acordo com o pesquisador Michael Rabiger⁴⁴ (2005) a introdução do filme é a fase de sedução do telespectador com o tema, é o período de convencimento do público para mostrar que o assunto tem relevância e atrai a atenção do mesmo. A narrativa chama a atenção pelo sentimento de identificação do público com o tema amplo da história da arquitetura.

Com esse aspecto de amplitude, o tema narrado em *off*, propicia um clima de suspense para se saber quando e como o assunto principal será revelado, já que o tema específico não foi citado nenhuma vez. O texto apenas fala de emblemas universais. Somente através das imagens pode-se perceber claramente qual a abordagem proposta. Primeiro traz a arquitetura, para depois se articular um discurso sobre a arquitetura do espaço sagrado.

⁴³ ROSE, Diana. *Análise de Imagens em Movimento*. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – Um Manual Prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 357.

⁴⁴ RABIGER, Michael. *Uma Conversa com Professores e Alunos Sobre a Realização de Documentários*. In MOURÃO, M. D. LABAKI, Amir (Orgs.). **O Cinema do Real**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2005, p. 60.

Assim, a compreensão integral do discurso só é possível através da junção de texto e imagem. Esse diálogo de complementação é uma forma de introduzir sutilmente o tema religioso. Na medida em que a narração diz “o ser humano projeta esse anseio pela imortalidade em diversas formas”, e as imagens mostram templos de várias religiões. Se não houvesse esse ‘casamento’ entre o texto e a imagem, a abordagem seria ainda desconhecida.

Contudo, o auxílio da figura de linguagem metafórica, em que se afirma que os marcos arquitetônicos são como a própria identidade das eras em que foram construídos, também funciona para ampliar e despertar o imaginário e o intelecto do telespectador, que tenta depreender a abordagem antes dessa ‘conversa’ entre o texto e a imagem.

Uma citação sobre o templo de Salomão é utilizada com o propósito de confirmar o discurso feito anteriormente, tendo como fonte de referência a Bíblia. A passagem foi extraída da edição “Ave Maria”, a mais popular⁴⁵ entre os católicos no Brasil, publicada em 1959. Como sete em cada dez pessoas no Brasil são cristãs – segundo pesquisa do IBGE⁴⁶, do ano 2000 – a escolha pela Bíblia não foi aleatória e sim, posta exatamente para proporcionar maior identificação do público com o discurso narrativo.

É dessa forma, que o roteirista insere, dentro de um contexto global, o assunto específico da arquitetura Bahá’í. O mesmo acontece quando a TV Cultura teve o interesse de apresentar os conceitos arquitetônicos da Fé Bahá’í, mas que abrangessem ao mesmo tempo questões relevantes para o exercício de cidadania.

Essa introdução do tema geral serviu para despertar maior interesse para se chegar até o clímax do bloco: o momento que a Fé Bahá’í é apresentada ao público. A narração, portanto, é iniciada com um tema conhecido por todos os seres humanos,

⁴⁵ Informação obtida no roteiro do documentário em estudo.

⁴⁶ <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/27062003censo.shtm> - Acesso em 1 de agosto de 2010.

para depois chegar ao aspecto da visão da arquitetura Bahá'í, que é uma ferramenta utilizada para deixar os espectadores mais receptivos a uma fé pouco difundida no Brasil, com cerca de 60 mil seguidores.⁴⁷ Embora seja pouco conhecida no Brasil, é a segunda religião mais expandida no mundo, em termos geográficos, como divulgado no próprio documentário. Desse modo, a abordagem global do documentário tem por finalidade promover imediatamente a identificação dos espectadores e, em seguida, propiciar uma abertura para o tema específico da arquitetura Bahá'í.

Para se chegar até esse clímax, as imagens mostram edifícios da atualidade e o discurso deixa de ser tão impalpável, com explicações históricas: o texto retorna ao presente, para cotidiano do século XXI. A linguagem metafórica mostra o mundo em transformação: nos campos político, social e econômico e ainda, realça que a visão do sagrado passou por várias mudanças. Nesse trecho, a câmera faz um *travelling* panorâmico do Santuário do Báb, local sagrado para os bahá'ís, localizado na cidade de Haifa, em Israel, e do Templo Bahá'í de Nova Délhi, na Índia. Até então, a Fé Bahá'í não havia sido apresentada aos telespectadores. Porém, as imagens de um edifício com uma cúpula dourada e da arquitetura inusitada, em formato de flor, realçados pelos jardins ao redor destes locais - são um convite para o público conhecer mais sobre o tema.

A Fé Bahá'í foi introduzida, indiretamente, através de imagens. Em seguida, a narração traz informações de quando e onde surgiu a visão dessa arquitetura peculiar, em meio aos grandes conglomerados metropolitanos, e qual o seu papel no espaço urbano. Nesse trecho, as imagens voltam para o passado e, depois, novamente para o presente, com pessoas caminhando nas ruas, dentro do metrô, com *flashes* rápidos de uma visão panorâmica dos edifícios de grandes centros urbanos e financeiros.

Em entrevista, Adorno lembra-se da visita no templo Bahá'í de Lótus e diz “aquele espaço em torno do templo, dá uma paz, aquilo é uma coisa de beleza impressionante! Realmente, uma das figuras mais bonitas que eu já vi na minha vida é

⁴⁷ De acordo com a Assembleia Espiritual dos Bahá'ís do Brasil, Brasília, DF.

aquele templo”. Portanto, a intenção do roteirista é atrair o público primeiro pelas imagens da arquitetura Bahá’í e, por meio do texto narrativo, tentar atizar ainda mais a curiosidade do telespectador para saber qual é a concepção singular desta arquitetura religiosa dos tempos atuais.

O presente é apresentado de forma acelerada, as imagens do metrô em movimento chegam a se fundir uma na outra, o que elucida o conceito do tempo na era da modernidade. Nota-se o contraste das imagens de pessoas em meditação, dentro dos espaços sagrados, em contraposição ao burburinho e agitação de outras, em meio aos grandes conglomerados urbanos.

Então, após toda uma narrativa e imagens introdutórias, os telespectadores escutam a palavra bahá’í, dita pelo arquiteto americano entrevistado Scott Conriad, que ajudou a finalizar a construção do templo Bahá’í de Wilmette, em Chicago. Essa forma de narração escolhida deixa quem entende melhor do assunto contar o que é o conceito de arquitetura Bahá’í e assim, trazer credibilidade ao texto.

À medida que Conriad fala de como foi o processo de seleção para o projeto da construção do templo de Chicago e dá ênfase à característica da arquitetura Bahá’í, que combina elementos do Ocidente e do Oriente, com detalhes que remetem ao islamismo, cristianismo, budismo e outras crenças, o recurso ilustrativo é utilizado para tornar o depoimento mais dinâmico e interativo e, desta forma, o telespectador consegue visualizar o que está sendo dito.

Como a abordagem é sobre arquitetura, primeiro apresentou-se a arquitetura Bahá’í para, depois, explicar o que é a Fé Bahá’í. Essa ordem estabelecida no roteiro também favorece a assimilação do tema por parte do telespectador.

Assim que o arquiteto termina o seu depoimento, a narração é retomada com um tom de reflexão sobre o que é um templo sagrado e como a relação do homem com Deus continua a ter espaço em um mundo tecnológico. Esse trecho pode levar o telespectador a refletir sobre como o mundo atual se tornou um espaço de

competitividade, marcado pelo consumismo desenfreado, onde o verbo “ter” é mais importante do que o próprio “ser”, no qual os valores estão cada vez mais efêmeros, trocados na mesma velocidade do capitalismo, conseqüentemente, produzindo uma sociedade egocêntrica.

A narrativa continua com o depoimento da gerente de atividades do templo Bahá’í dos Estados Unidos, Pam Monshine, sobre o conceito de arquitetura Bahá’í que abrange elementos de diferentes religiões e é, segundo ela própria, um espaço acolhedor para todos os povos. Os telespectadores não sabem ainda que essa arquitetura relaciona-se diretamente aos ensinamentos da Fé Bahá’í, religião que prega a unicidade divina, a unidade religiosa e a unidade de todo o gênero humano, respeitando a sua diversidade étnica, cultural e social.

De acordo com Roland Barthes (1957), o mito da comunidade humana funciona inicialmente como uma forma de afirmar a diferença das morfologias humanas, e apenas depois do pluralismo é que se afirma a unidade do gênero humano: “o homem nasce, trabalha, ri e morre por toda a parte da mesma maneira; e, se nos seus atos subsiste ainda alguma particularidade étnica, deixa-se entender pelo menos que existe, no fundo de cada um deles, uma natureza idêntica, que a sua diversidade é apenas formal e não desmente a existência de uma matriz comum”.⁴⁸

A narrativa entra apenas para conectar a fala de Monshine com os esclarecimentos do arquiteto alemão do templo Bahá’í da Alemanha, Teuto Rocholl, sobre o que é de fato o conceito arquitetônico característico de todos os templos Bahá’ís: edifícios de formato redondo, com nove entradas, representando as nove grandes religiões mundiais (Sabeísmo, Hinduísmo, Judaísmo, Zoroastrismo, Budismo, Cristianismo, Islamismo, Fé Babí e Fé Bahá’í) com uma rotunda no ponto central do templo, símbolo da união de todas as religiões mundiais em torno do único Criador. Novamente, o recurso ilustrativo ajuda na percepção do discurso do arquiteto. Mesmo assim, o público não conhece nada sobre Teuto Rocholl – quem ele é.

⁴⁸ BARTHES, Roland. **Mitologias**. 5ª ed. São Paulo: Difel Difusão Editorial, 1957, p. 113.

Adorno confessa, na entrevista, que apenas após o arquiteto Teuto Rocholl chamar atenção para tais características é que verificou: “Puxa, realmente é isso que acontece! Nos outros templos tem essa mesma preocupação, apesar deles terem desenhos e estruturas diferentes, essa preocupação principal fica bem marcada”.

O telespectador é apresentado aos arquitetos dos templos Bahá'is da Alemanha e da Índia e reconhece um deles, já que Teuto Rocholl havia acabado de expressar as recomendações recebidas para a construção do templo sagrado Bahá'í. Essa introdução aos arquitetos é importante, pois a história do período de construção será retratada mais adiante, especificamente no terceiro bloco. Utiliza-se imagens históricas em preto e branco das construções dos templos, o que opera como ferramenta de autenticidade do discurso.

Finalmente, a narração fala explicitamente da Fé Bahá'í, para dizer que esses arquitetos se basearam nos ensinamentos da mais recente religião mundial. É dessa maneira que os espectadores são introduzidos ao fundador da religião, Bahá'u'lláh.

O texto diz que embora os templos Bahá'is tenham características de várias culturas, eles também absorvem elementos da localidade as quais são erguidos e o depoimento de Shatrughub Jiwnani, gerente do templo Bahá'í da Índia confirma essa afirmativa.

A narrativa muda de assunto com o intuito de explicar a importância do Santuário do Báb, Profeta precursor de Bahá'u'lláh, localizado na cidade de Haifa, em Israel. Os telespectadores já reconheciam o local sagrado pelas imagens, porém dessa vez, passam a conhecer mais o seu significado, por meio da narração. Logo em seguida, o texto mostra onde se localiza, em Bahjí, também em Israel, o Santuário de Bahá'u'lláh e as imagens exibem uma visão panorâmica do local.

O público é informado da localização dos templos Bahá'is, em sete países do mundo: Estados Unidos, Alemanha, Panamá, Uganda, Austrália, Índia e Samoa Ocidental. O recurso ilustrativo com um globo desenhado em 3D mostra esses templos

em cinco continentes, o que contribui para mostrar como a Fé Bahá'í é amplamente difundida no mundo.

O texto fala quais são os ensinamentos fundamentais da Fé Bahá'í e seus princípios são ilustrados com imagens do interior de um templo mostrando pessoas de diferentes origens, classe social, etnia, vestindo trajés típicos de sua cultura, crianças, jovens e adultos recitando orações. Mais um exemplo da junção entre texto e imagem.

A partir daí, o telespectador já pode ser capaz de perceber quão próxima a Fé Bahá'í está do espaço arquitetônico dos tempos modernos. Esse entendimento passado ao telespectador é um alicerce para a interpretação de mundo que o jornalista expressa no bloco seguinte.

Como forma de indicar a importância dessa fé logo no início do documentário, o texto narrado rapidamente introduz que a Fé Bahá'í foi o primeiro organismo internacional a instituir uma organização não-governamental, com status consultivo, na Organização das Nações Unidas.

A escolha por contar primeiro os princípios da Fé Bahá'í antes de falar da ligação da religião com a ONU, ajuda o espectador a descobrir, por si só, a consonância dos ideais. Desse modo, antes mesmo do depoimento da principal representante dos bahá'ís na ONU, Bani Dugal, pode-se perceber o motivo pelo qual a Fé Bahá'í trabalha junto à ONU. Imagens de arquivo, ainda em preto e branco, da ONU são utilizadas nesse trecho, além de mostrar a sua sede, em Nova Iorque, atualmente, com imagens coloridas. As imagens em preto e branco dão a ideia de temporalidade, já que o texto diz que a Fé Bahá'í apóia as ações da ONU desde o seu surgimento, em 1945.

A parceria entre a Fé Bahá'í e o organismo internacional a ONU acontece justamente por haver uma convergência de ideais: defesa dos direitos humanos, estímulo à cooperação entre as nações e busca da segurança e da paz mundial. Do mesmo modo, a parceria entre a comunidade religiosa e a TV Cultura advém da

consonância em difundir conhecimento e estimular a reflexão do indivíduo acerca das diferentes formas da humanidade reverenciar o sagrado.

A TV pública tem por objetivo resguardar o direito à informação e cidadania, mas também de atuar como meio democrático de difusão de conteúdos de interesses globais, que envolvam a participação do público. Esse pensamento é defendido na carta aberta aos parlamentares brasileiros do Ministro Gilberto Gil, por ocasião da votação da MP 398/07 em Brasília, no dia 18 de fevereiro de 2008, que diz:

“SIM a TV da diversidade cultural, que não seja pautada apenas pelo Ibope, mas pelo conjunto dos cidadãos. Porque democracia não é imposição de uma maioria hegemônica, mas o direito das diversas minorias, dos diversos brasileiros, das diversas realidades, vontades e necessidades de indivíduos capazes de se pluralizar. Indivíduos que, mesmo distintos, convergem-se no coletivo, no espaço comum, no espírito público e republicano que faz o Brasil de hoje e, certamente, fará a nova TV Brasil; diremos SIM a esta TV. Uma TV da educação, da ciência e do direito a informação, que ensine e prepare o brasileiro a viver no século XXI e na globalização, que revele cada um dos pedaços desse país.”

Assim sendo, a TV pública cumpre a sua função de divulgar uma religião minoritária no Brasil e que representa uma pluralidade de crenças; e também atua como um órgão de um Estado Laico e democrático ao resguardar o direito a diversidade religiosa, reconhecida pela Constituição Federal de 1988, que garante no Capítulo I - Dos direitos e deveres individuais e coletivos, artigo 5º, inciso VI – “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias”.⁴⁹

⁴⁹ ANGHER, Anne Joyce (Org.). **Vade Mecum Acadêmico de Direito – Série Vade Mecum**. 11ª ed. São Paulo: Editora Rideel, 2010.

O depoimento da maestrina do Coral Bahá'í na Alemanha, Ameli Dzimba, explica o significado do princípio bahá'í referente à unicidade divina: o ensinamento da Revelação Progressiva Divina, em que Deus envia, de tempos em tempos, Seus Manifestantes para guiar a humanidade. Ela finaliza dizendo que os bahá'ís creem que Bahá'u'lláh é a mais recente Manifestação de Deus, mas que, de acordo com o conceito da Revelação Progressiva e do Próprio Autor da Revelação Bahá'í, daqui há mil anos, outro Manifestante virá à terra.

Como o público ainda desconhece a história de Bahá'u'lláh, o roteirista aproveitou o momento em que a maestrina fala do Fundador da Fé Bahá'í, para apresentar um pouco mais sobre sua vida, missão e trajetória. São apresentadas imagens de uma foto do pai de Bahá'u'lláh, um mapa da antiga Pérsia, berço de seu nascimento e suas escrituras em persa e árabe, que ajudam a contar um pouco de sua história. No ponto central de um templo, o símbolo máximo da religião Bahá'í é exibido e lentamente focado, enquanto o texto conta quando e onde Bahá'u'lláh proclamou sua missão (1863).

A pesquisa demográfica da quantidade de bahá'ís em diferentes regiões do mundo é apresentada e, novamente, um globo desenhado em 3D, que dessa vez ocupa toda a tela, evidencia a presença dos bahá'ís no mundo inteiro por estatísticas demográficas: Ásia – 3,6 milhões; África – 1,8 milhão; América Latina – 900 mil, Índia – 2,2 milhões; Irã – 350 mil; Estados Unidos – 150 mil; Brasil – 60 mil; Guiana com a maior porcentagem de bahá'ís na população, 7%.

Constata-se que durante todo o bloco a narrativa partiu de um assunto amplo da arquitetura, até chegar à Fé Bahá'í. Na história das religiões o mesmo acontece, primeiro o tema amplo da arquitetura, ilustrando como em cada época histórica e em diferentes civilizações, a arquitetura tem sido utilizada para representar o sagrado, para só então falar da Fé Bahá'í e contextualizá-la no mundo contemporâneo.

O tema introdutório da arquitetura é abordado para tentar promover a identificação da sociedade em geral, já no caso do modo gradativo com que a Fé Bahá'í

é apresentada, faz com que o telespectador possa absorver as informações que se tornam familiares à medida que são assimiladas aos valores transmitidos por outras religiões já conhecidas. Essa técnica é sustentada pelo conceito de ancoragem de Moscovici (1984), em que diz “um objeto social novo, e não familiar, se tornará mais familiar à medida que assimilado a um outro que já o seja”.⁵⁰

8.3 Segundo Bloco: Arquitetura da Humanidade

O segundo bloco é aberto com a citação do pensador Joseph Campbell, exposta em caixa de texto, extraída do livro “O poder do mito”, edição brasileira de 1987: “O templo é uma paisagem da alma. Ao entrar numa catedral a pessoa penetra num mundo de imagens espirituais. É o ventre da sua vida espiritual”. A música clássica e a imagem do oceano ao fundo se adequam ao tema espiritual. Por ser um trecho metafórico, optou-se por elementos neutros. A narrativa entra para explicar o conceito de templo segundo Joseph Campbell. As imagens de velas acesas, raios solares, luzes e obras de arte no interior de um templo, ajudam a projetar o pensamento do que há de mais íntimo na alma de cada ser. A música ao fundo ajuda a dar continuidade à citação exposta em caixa de texto na sequência narrativa.

Nessa parte do documentário, o tema geral de arquitetura é retomado. A ideia é reconstituir um pouco da história arquitetônica do Brasil e contrastar com os edifícios da modernidade. O roteiro então mostra uma comparação do passado com o presente. O espectador consegue diferenciar qual é o período, tanto pelo texto quanto pela imagem que aparecem em preto e branco, denotando aspectos de desgaste visual. Essa característica de junção entre texto e imagem é exposta na entrevista pelo cinegrafista Valdir Rodrigues: “Meu trabalho é sempre de acordo com o que está escrito no roteiro”.

Elementos da tradição católica são explicitados, mais uma vez, na narrativa e catedrais decoradas com imagens antropomórficas, em que tudo há forma humana; em

⁵⁰ ROSE, Diana. *Análise de Imagens em Movimento*. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – Um Manual Prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 354.

contraponto às civilizações primitivas em que as divindades têm forma animal. A imagem mostra a decoração interna de uma igreja e, em seguida, uma caverna com pinturas rupestres.

Essa pequena introdução do segundo bloco pretende atrair o público até o ponto principal do documentário: a tese de que as construções arquitetônicas de uma época se relacionam diretamente com os valores vigentes da sociedade. Quando na cidade medieval a igreja se eleva acima de todos os edifícios, na era moderna os edifícios mais altos e imponentes são os que representam o império financeiro. Essa visão de mundo induz os telespectadores a refletirem sobre essa relação entre arquitetura e os valores da sociedade contemporânea movida pelo consumismo.

Para ilustrar a transformação arquitetônica dos centros urbanos foram utilizadas imagens do Antigo Templo de Jerusalém⁵¹, das ruínas de Persépolis da antiga Pérsia, da Acrópole⁵² em Atenas, de pinturas medievais, de templos budistas, xintoístas, taoístas, japoneses, balineses, chineses, bem como das ruínas de templos gregos, romanos, egípcios, maias⁵³, astecas⁵⁴, mesquitas, sinagogas, catedrais, representações de santos, desenhos rupestres, o Vaticano, o palácio de Versalhes⁵⁵, de Buckingham⁵⁶, o Congresso Americano⁵⁷, a Torre Eiffel⁵⁸ entre outros edifícios. Não obstante, as imagens de monumentos históricos entram em contraste com símbolos arquitetônicos do século XX e XXI. O Palácio do Planalto⁵⁹, o Maracanã⁶⁰, a Catedral de Brasília⁶¹,

⁵¹ Local de adoração a Javé, Deus de Israel.

⁵² É a parte mais elevada do relevo em uma região. A principal acrópole do mundo está localizada em Atenas, na Grécia, com a construção do Partenón, o templo da deusa grega Atena. É monumento mais conhecido remanescente da antiga Grécia.

⁵³ A civilização maia era politeísta e teve origem na cultura mesoamericana pré-colombiana. A influência dos povos maias se encontra em países como Honduras, Guatemala, El Salvador e México.

⁵⁴ Uma civilização mesoamericana pré-colombiana e politeísta. Os astecas habitaram no território correspondente ao atual México, entre os séculos XIV e XVI.

⁵⁵ O Palácio de Versalhes, em Paris, foi o centro do poder do antigo Regime da França. É considerado um dos maiores palácios do mundo.

⁵⁶ A residência oficial da monarquia inglesa e está localizada em Londres, na Inglaterra.

⁵⁷ O poder legislativo do governo federal dos Estados Unidos, também conhecido como Capitólio dos Estados Unidos fica em Washington, D.C.

⁵⁸ Construída no século XIX, em Paris, na França. A torre se tornou um ícone arquitetônico da França e é uma das estruturas mais reconhecidas no mundo.

⁵⁹ Projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, o edifício é o local de trabalho do Presidente do Brasil e está situado na Praça dos Três Poderes, em Brasília.

grandes empresas de Bolsa de Valores, *Wall Street*, em Manhattan⁶², *Chrysler Building*⁶³, *Empire State Building*⁶⁴, *Shoppings Centers*, e demais imagens dos maiores edifícios do mundo são exibidas durante a narração do roteiro.

Assim, o documentário traça paralelos entre o progresso da civilização e os principais marcos arquitetônicos da era moderna. Com o rápido desenvolvimento do capitalismo as construções de maior projeção arquitetônica que antes era basicamente utilizada pelos edifícios religiosos cederam lugar aos edifícios relacionados ao mundo das finanças, da indústria e do comércio. Essa constatação é bem explorada pelo roteirista Adorno. No tempo em que se presencia o declínio das religiões e a ascensão do poderio financeiro, comercial e industrial na vida moderna.

Uma música instrumental ao fundo impede que a história seja contada de forma monótona. Com auxílio de recurso ilustrativo, é apresentado um mapa com fotos rotativas de: Paris, Berlim e Chicago. Isso estabelece uma dinâmica maior para mostrar como a estrutura física das cidades se transformaram ao longo dos séculos e passaram a girar em torno de símbolos do poder político, social e econômico. Paralelamente com o texto, são exibidas as sedes das grandes corporações e das Bolsas de Valores. A característica desses edifícios é que são locais fechados e bem guardados. A câmera também faz movimentos rotatórios com intuito de elucidar o que o texto expressa.

Essa disposição de imagens que foram obtidas, em sua maioria, pelo próprio Banco de Imagens da TV Cultura, serve para reforçar, por meio da impressão visual, o modo com que o espaço urbano é estruturado e influencia no grau de relação harmoniosa entre os seres humanos. A constante evidência visual da transformação arquitetônica faz com que o público compreenda melhor a realidade e questione os valores que ditam a própria vida. Esse poder de reflexão é característico de uma

⁶⁰ O nome oficial do estádio de futebol localizado no Rio de Janeiro é Jornalista Mário Filho.

⁶¹ A Catedral Metropolitana de Nossa Senhora Aparecida é uma obra de autoria de Oscar Niemeyer.

⁶² Dominante centro financeiro global, desde a Segunda Guerra Mundial e o lar da Bolsa de Valores de Nova Iorque.

⁶³ Um dos prédios mais altos do mundo que está situado na cidade de Nova Iorque, Estados Unidos.

⁶⁴ O arranha-céu com 102 andares é um dos prédios mais altos do mundo e fica na cidade de Nova Iorque, Estados Unidos.

comunicação pública, além de gerar uma expansão da perspectiva do mundo ao qual está inserido.

A narração então contrasta os templos Bahá'ís com essa transformação, por serem abertos a todos os povos, independentemente da crença, etnia, classe social e como eles entram em contraste com os arranha-céus da era da modernidade. As imagens mostram o templo Bahá'í da Alemanha, tanto de fora como no interior. Um edifício financeiro aparece novamente para afrontar com estes locais sagrados. É dessa forma que outra particularidade da arquitetura Bahá'í é revelada: a preponderância de luz, como forma de representar a divindade na Terra.

O depoimento do arquiteto americano Bob Armbruster, que ajudou a finalizar o templo Bahá'í de Wilmette, confirma essa característica. Ele descreve o sonho que Louis Bourgeois teve de um templo de luz. Na sequência, entra novamente, o depoimento do arquiteto alemão Teuto Rocholl contando mais como planejou o templo para que fosse possível a entrada de muita luz natural.

Uma música instrumental é sobreposta ao fundo. A narrativa faz a conexão entre a luz natural que penetra no interior do templo, através da rotunda, com o intuito de ilustrar ainda mais o conceito de iluminação da arquitetura Bahá'í. O Santuário do Báb é mostrado novamente, mas, dessa vez, com informações detalhadas do local sagrado: imagens da cidade de Haifa, dos jardins Bahá'ís ao seu redor e dos dezenove patamares que o compõem.

A transcendência do ser humano para o mundo espiritual é apontada por Scott Conriad como o objetivo do arquiteto franco-canadense Louis Bourgeois e do paisagista Hilbert Dahl. A beleza dos jardins representando: paz, tranquilidade, sossego e reflexão - auxilia para o momento de oração, o encontro com Deus. Esse é o contraponto posto pelo roteirista frente aos templos religiosos do Ocidente, normalmente erguidos como entidades autônomas.

Durante a narração, o telespectador é informado de que a visita ao templo também proporciona ao devoto a oportunidade de se aperfeiçoar como indivíduo e como cidadão do mundo. Negin Pittas, médica anglo-iraniana da Comunidade Bahá'í de Frankfurt, Alemanha, apresenta os ensinamentos de Bahá'u'lláh, como uma fonte de esperança para um mundo melhor. É assim que as atividades socioeducativas da Fé Bahá'í encontram espaço para serem divulgadas no documentário.

A segunda parte é concluída com depoimentos dos jovens voluntários em serviço no templo Bahá'í de lótus, na Índia, Nila Facha Sadi, da Austrália e Evan Walker, dos Estados Unidos. Ambos expõem sobre o significado da oração e de um templo sagrado.

8.4 Terceiro Bloco: Arquitetura da Unidade entre Deus e os Homens

Dessa vez a epígrafe transmite uma visão de Bahá'u'lláh: “Entre os objetivos dos fiéis devem estar sempre a busca incessante da eliminação das barreiras da eliminação geopolíticas e a construção da fraternidade universal”.

O texto reitera o que foi expresso no primeiro bloco, que a Fé Bahá'í foi a primeira Organização Não-Governamental a trabalhar exclusivamente com as Nações Unidas. Bani Dugal retoma a importância do apoio da Comunidade Bahá'í ao trabalho da ONU em prol da paz mundial.

Nessa parte do documentário, percebe-se que o objetivo é relacionar as características da arquitetura Bahá'í com atos de serviço social. Uma das formas de indicar isso é através do depoimento da jovem voluntária no templo de lótus, Ginus Enaiatpour.

As características físicas e toda a história da construção dos templos da Alemanha, Índia e dos Estados Unidos são compartilhadas com o público como forma de explicar as razões pelas quais essas construções são consideradas marcos arquitetônicos da humanidade, e ilustra de que forma todas as características

apresentadas nos blocos anteriores realmente são elementos constituintes da arquitetura Bahá'í. O objetivo é mostrar como os templos Bahá'ís são a manifestação concreta do empenho dos seguidores dessa religião em colocar, em prática, o preceito da abolição de todas as diferenças que separam os seres humanos.

O documentário traz a informação de que dentro dos templos Bahá'ís é permitida a leitura de textos sagrados de outras religiões, pois os bahá'ís acreditam na origem divina de todas elas e que todas fazem parte e contribuem para o desenvolvimento espiritual da humanidade. As imagens mostram um coral sendo regido dentro de um templo.

O templo de Langenhain, localizado a 25 km de Frankfurt, na Alemanha foi projetado e construído pelo alemão Teuto Rocholl, e possui uma superestrutura de concreto e aço da Holanda. A base do domo tem 48 metros de diâmetro e a altura do edifício é de 28 metros. Um complexo redondo de aço, alumínio e vidro.

Imagem do templo já construído é combinada com os desenhos do início do projeto e também momentos registrados na fase inicial de construção. Todos os templos Bahá'ís são construídos de forma que a acústica seja criada por reverberação, um local onde só se escuta o mais belo dos instrumentos divinos: a voz humana, à capela, sem auxílio de nenhum instrumento. A imagem da superfície superior do templo é mostrada com movimentos circulares da câmera e, em seguida, o coral aparece em “som *in*”, ou seja, a fonte do som é visível na tela, som sincrônico. Esse artifício da música faz com que o telespectador se sinta em paz em total conexão com o divino.

A narração continua chamando a atenção dos telespectadores para as características físicas do templo de Frankfurt, que possui um mosaico de vidro composto por 540 janelas em forma de diamante, o que permite a incidência máxima de luz solar. Texto e imagem são combinados de modo que o público tenha a máxima compreensão do tema abordado. Para concluir a história do templo de Frankfurt, o narrador explica que o período de construção demorou quatro anos até ser inaugurado, no ano de 1964 - e que foi, inteiramente, financiado pelos seguidores bahá'ís ao redor

do mundo inteiro; assim como todos os demais templos, também conhecidos como Casas de Orações Bahá'ís.

Após conhecer a história da construção do templo da Alemanha e suas características físicas, é a vez do templo de Nova Délhi, que teve inspiração na flor de lótus, um símbolo bastante recorrente no Extremo Oriente, em especial, na própria Índia. A imagem mítica é associada à flor que representa a pureza nascida do lodo e do barro. Primeiro a imagem do templo é exibida para então mostrar uma imagem de uma nívea flor de lótus.

Mais uma vez o conceito de ter nove entradas e nove portas é apontado no documentário pelo depoimento do gerente do templo, Shatrughun Jiwnani, que diz que no caso do templo de lótus ao invés de serem portas, são pétalas estilizadas. Ele também explica que o número nove é visto como um símbolo da perfeição, da unidade. O nove é o maior dos dígitos, simbolizando por isso abrangência e culminação; além disso, a razão pela qual é usada na forma do templo é que “9” tem o exato valor numérico de ‘Bahá` (na numerologia relacionada ao alfabeto árabe) e ‘Bahá’ é o nome do Revelador da Fé Bahá'í, Bahá'u'lláh.

A narração explica mais sobre a concepção da flor de lótus ser associada para muitos povos do Oriente como a manifestação de Deus, e que por tanto, é considerada uma flor sagrada. Detalhes da flor presente em diferentes edifícios arquitetônicos no Continente indiano são apresentados paralelamente com imagens reais da flor de lótus. Um *travelling* panorâmico em movimento circular do templo da Índia ajuda a mostrar a semelhança com a flor e, inclusive, ilustra a característica básica dos nove lados.

As seguintes imagens são mostradas: o templo sendo desenhado; uma visão panorâmica da superfície superior e uma maquete do templo; projeções do templo no computador e os arquitetos discutindo o projeto enquanto ainda na planta. Elas ajudam a contar a história desde quando o arquiteto Fariborz Sahba foi apontado como ganhador do concurso, realizado em 1974. Muitos duvidaram da concretização da construção, em forma de uma flor de lótus, por ter que ser erguido na Índia, talvez na

Inglaterra ou em outro país do Continente Europeu seria viável, onde existiam técnicas modernas de construção, mas, na Índia, era quase impossível.

Então, os indianos se uniram para realizar algo dito como impossível: utilizariam seus recursos e capacidades. Todos foram tomados pelo espírito de unidade e, desse modo foi atingido o êxito da concretização do projeto. Como mencionado no primeiro bloco, os templos Bahá'ís possuem também fortes características do local de origem. Nesse trecho, o telespectador consegue perceber a precária situação da Índia, por meio das imagens antigas de pessoas humildes, executando a obra, de forma quase artesanal.

Se no templo da Alemanha o material utilizado em sua construção veio da Holanda, no da Índia a estrutura externa foi revestida com mármore proveniente da Grécia, o mesmo utilizado no Partenón e nos Edifícios do Centro Mundial Bahá'í, em Haifa, Israel.

Na Itália, durante dois anos e meio, as linhas da flor de lótus foram moldadas, em escala real, por serras controladas por computadores. As imagens recuperaram esse processo e aumentam a percepção de como o templo foi construído. A narração destaca que mais de 10 mil pedaços de mármore curvo foram encaixados por meio de âncoras, um sistema nunca usado antes. Com as imagens do exterior do templo registradas bem próximas, o público nota a divisão do mármore em pequenos blocos.

A importância do templo de lótus, finalizado em 1986, é dada pela narração na qual conta que tal construção já conquistou grande número de prêmios e é um dos mais conhecidos marco arquitetônico da capital indiana. O ângulo bastante aberto da câmera mostra várias pessoas caminhando em direção ao templo; imagens dos prêmios recebidos e imagens em *close up* do templo para mostrar cada detalhe arquitetônico - são expostas tendo uma música instrumental ao fundo, passando assim, para os telespectadores, uma atmosfera de paz.

Com uma estrutura de 27 pétalas de mármore, divididas em grupos de três com a finalidade de formar nove lados. O templo possui um pouco mais de 40 metros de altura, capacidade de acolher 2500 pessoas em seu interior, com 105 mil metros quadrados e uma superfície luminosa. Além dessas características, a narrativa continua dizendo que o templo da Índia, segundo autoridades de turismo da Índia, é o edifício mais visitado do mundo, supera inclusive a Torre Eiffel e o Taj Mahal (20 mil pessoas o visitam diariamente).

Para dar continuidade, outra música instrumental se inicia ao fundo e a narração remete ao sonho e o desejo de superação semelhante que também aconteceu no período de construção do templo de Wilmette, às margens do rio Michigan, nos Estados Unidos; que demorou 50 anos para ser inaugurado, por falta de recurso financeiro a obra foi suspensa diversas vezes. Na tela uma foto em preto e branco ilustra o passado, carros antigos nas ruas dos Estados Unidos também comprovam a antiguidade da imagem. A foto em preto e branco de Louis Bourgeois ainda jovem é para evidenciar quem foi o ganhador do concurso.

Mesmo com a quebra da Bolsa de Valores de 1929, em Nova Iorque, o esqueleto de aço da cúpula foi completado e, em 1953, o templo foi inaugurado. Imagens de funcionários em passeatas e do esqueleto ainda inacabado são expostas ao público. A característica básica da arquitetura Bahá'í também é encontrada no templo de Wilmette que possui nove lados e uma cúpula central, que se eleva a 50 metros de altura e possui 10 mil entalhes de renda em concreto. É possível observar a superfície interna superior pela disposição de imagens.

A narração explicita que, no ano de 1978, o templo entrou para o Registro Nacional de Locais Históricos do governo dos Estados Unidos e as imagens apresentam mais dos detalhes interiores. Para destacar mais o autor da obra arquitetônica, a foto de Louis Bourgeois é exibida novamente, dessa vez, a imagem ainda em preto e branco é de um senhor com mais idade.

O bloco é finalizado com imagens dos sete templos, ao redor do mundo, para dizer que o oitavo templo já está em construção no Chile, nas proximidades da capital, Santiago. Com recurso ilustrativo, as imagens do projeto, em forma de um ninho de pássaro, são apresentadas.

8.5 Quarto Bloco: Arquitetura do Futuro

A citação de Shoghi Effendi (1897-1957), guardião da Fé Bahá'í, apresentada em forma de texto, abre o quarto e último bloco: “No futuro, templos Bahá'ís serão construídos em todas as aldeias, vilas e cidades, com o objetivo de marcar a universalidade e a abertura da fé a todos os povos, raças e classes sociais, e reafirmar o propósito de servir aos seres humanos sem nenhuma distinção de espécie alguma”.

O último bloco foca o mundo contemporâneo, que é bastante competitivo, no qual as relações humanas quase sempre têm objetivos econômicos, onde há a predominância do individualismo e uma inversão de valores que causa a desunião entre as pessoas. Analisa o que poderá ser a vida dos centros urbanos em função dos estilos de construções atuais e como as escolhas expressas dos conceitos arquitetônicos influenciam a qualidade de vida.

Após a apresentação dos conceitos da arquitetura Bahá'í nos blocos anteriores, quatro perguntas são lançadas para público: Que tipo de cidade o ser humano deseja? Qual é o espaço urbano ideal para que ele viva em plenitude? É possível simplesmente os cidadãos de cada país se conformarem com projetos urbanísticos geradores de metrópoles em que o poder econômico será o centro incontestável de toda atividade humana? Ou eles terão condições de optar por espaços em que a busca da unidade, justiça e fraternidade será o símbolo visível e poderoso ao redor do qual deverão girar todos os desejos e aspirações da população?

Esse bloco dá ênfase à mudança dos valores da sociedade moderna, no qual o consumismo se tornou o ideal de vida e os anseios essenciais das populações foram sendo esquecidos ao longo do tempo. Traz um questionamento sobre o presente e o

futuro da humanidade que hoje é movida pelo “templo do consumo”, sem deixar de lembrar que a palavra consumo contém a ideia de queima e destruição. Dessa forma, a expressão funciona como uma ironia a tudo que foi expresso no documentário, já que o templo foi definido como um local sagrado, espiritual e que tem como função ajudar no aperfeiçoamento do indivíduo e, não, no seu extermínio.

Imagens dos centros urbanos, edifícios enormes, multidões caminhando nas cidades, *travelling* panorâmico de cidades, *shoppings centers* e consumidores - essas imagens se contrapõem com as da natureza, dos espaços para o diálogo e as de troca de experiências e ajudas mútuas. O roteirista tem a intenção de mostrar que a arquitetura dos centros urbanos atua como antagonista do meio ambiente.

É justificado, novamente, o motivo pelo qual a arquitetura Bahá'í é um exemplo de oposição a esse modelo falido e que serve como um elo para a confraternização harmoniosa entre os seres humanos. Um espaço de troca de experiências, um local que promove a unidade na diversidade. De acordo com o cineasta, no mundo atual capitalista, o convívio se transformou em algo vazio, descartável, uma mera mercadoria.

Acompanhadas por uma música, as imagens do templo da Índia e da Alemanha, com flores e muito verde ao redor – trazem uma harmonia ao ambiente arquitetônico, além das pessoas de diferentes idades meditando em seus interiores – facilmente contribui para que o telespectador compreenda a realidade apresentada. Neste momento, entra o depoimento do arquiteto Scott Conriad que fala que a experiência em uma Casa de Oração, nada mais é do que “um momento para meditação, uma busca pessoal e silenciosa”.

O documentário termina com as imagens de pessoas de diferentes credos dentro de locais sagrados meditando; uma forma de estabelecer a igualdade entre os povos. O texto afirma que quando as pessoas se encontram dentro de um templo, há uma predisposição para a unidade de todas as religiões, pois esse é o caminho natural de todos os seres humanos.

O pesquisador Arlindo Machado (2005), no livro “A televisão levada a sério”, cita os sete critérios de qualidade televisiva segundo o teórico Geoff Mulgan (1990) que são em síntese os seguintes: 1- conceito técnico (utilizar bem os recursos técnicos); 2- capacidade de detectar as demandas da audiência ou da sociedade (análise de recepção ou de conjuntura); 3- competência para explorar recursos de linguagem (abordagem estética); 4- aspectos pedagógicos e valores morais (ponto de vista dos educadores e religiosos); 5- capacidade de mobilização, participação e comoção nacional (interesse coletivo); 6- programas que valorizem as diferenças, as individualidades, as minorias, os excluídos; 7- diversidade de programação (amplitude de temas).⁶⁵

Tendo como base esses critérios, pode-se perceber que o documentário em estudo se adequa aos conceitos do que Mulgan classifica como um programa televisivo de qualidade, já que aplica recursos técnicos para auxiliar na compreensão do enredo; emprega métodos de contraste, assimilação, citações ilustrativas e metafóricas, além da natureza retórica; apresenta valores morais de uma minoria religiosa no País, que valoriza a diversidade humana, defende os direitos humanos e é contra qualquer tipo de preconceito ou discriminação; e, também, pelo fato do roteirista detectar a ausência de valores morais em uma sociedade capitalista e constatar a necessidade de produzir um programa com abordagem ética com capacidade de fazer as pessoas refletirem sobre o futuro da humanidade.

8.6 Análise Financeira

A produção financeira do projeto “Arquitetura da Unidade” foi realizada através da parceria entre a TV Cultura e a Comunidade Bahá’í do Brasil. Os valores exatos que viabilizaram o documentário em estudo não estão mais disponíveis, por essa razão, o ex-diretor financeiro da Comunidade Bahá’í do Brasil, Washington Araújo, calculou os custos estimados totais com base nos valores atuais de mercado.

⁶⁵ MACHADO, Arlindo. *A Televisão Levada a Sério*. 4ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005, p. 24-25.

Essa co-produção só foi possível devido ao interesse da TV Cultura pelo tema. Mas, por ser um documentário que exigia uma enorme contribuição financeira, a TV Cultura, uma emissora pública, historicamente com orçamento limitado, solicitou à Comunidade Bahá'í do Brasil para cobrir as despesas das viagens aéreas do jornalista Vicente Adorno e do cinegrafista Valdir Rodrigues para a Alemanha, Estados Unidos e Índia. As imagens de Israel foram resgatadas no arquivo da emissora, com o documentário “Os Seguidores da Glória”, gravado em 2001.

Dessa forma, a TV Cultura bancou os salários do roteirista, editor e produtor, Vicente Adorno e do cinegrafista Valdir Rodrigues, no intervalo de 20 dias referentes à viagem. Sendo que esses profissionais mantinham vínculo trabalhista com a emissora num período superior a 15 anos.

A emissora paulista também arcou com as despesas referentes a dois meses de edição do extenso material produzido durante a realização do documentário. Assim, estima-se que o trabalho de edição consumiu 336 horas (42 dias úteis multiplicados por oito horas diárias).

A preço de mercado uma hora de edição em uma produtora de vídeo custa em média 80 reais. Por tanto, calcula-se que os custos cobertos pela emissora chegaram a computar R\$26.880,00 (vinte e seis mil e oitocentos e oitenta reais) - somados aos respectivos salários dos profissionais.

O preço das passagens aéreas dos dois profissionais: De São Paulo a Frankfurt saiu por \$2,450 dólares; de Frankfurt a Nova Délhi por \$1,070 dólares; Nova Délhi a Nova Iorque por \$1,630 dólares; de Nova Iorque a Chicago, por \$245 dólares; de Chicago a São Paulo por \$1,610 dólares. O total estimado apenas com passagens aéreas foi de \$ 7 mil dólares, cerca de R\$11.109,00 (onze mil e cento e nove reais).⁶⁶

⁶⁶ Estes dados foram calculados baseados na cotação atual do dólar, 1,587. Conforme indicado no sítio www.bcb.gov.br - Acesso feito no dia 2 de junho de 2011.

Para cobrir os gastos com hospedagens e alimentação, a Comunidade Bahá'í cedeu \$150 dólares por dia, ou seja, \$3,000 dólares nesse intervalo de 20 dias. Além de uma verba de \$500 dólares para bancar os deslocamentos internos, como táxi, metrô, ônibus, trem. Assim, a estimativa é que a Comunidade Bahá'í do Brasil ajudou com uma verba de aproximadamente R\$ 16.663,00 (dezesesseis mil, seiscentos e sessenta e três reais).

O documentário “Arquitetura da Unidade” foi produzido com o montante equivalente a R\$ 43.543,00 (quarenta três mil, quinhentos e quarenta e três reais), isso sem contar com os salários dos profissionais. Portanto, o valor financeiro total confirma que é possível realizar parcerias produtivas entre a comunicação pública e a iniciativa privada em benefício da sociedade.

Se não houvesse essa ajuda financeira por parte da Comunidade Bahá'í, o documentário em estudo não teria saído do papel. Porém, por meio da entrevista realizada com o jornalista Adorno fica evidenciado que tal apoio financeiro não influenciou na forma com que a religião foi apresentada ao público.

8.7 Retorno de Audiência

A TV Cultura transmitiu o documentário “Arquitetura da Unidade”, na grade de programação, nos anos consecutivos de 2006, 2007 e 2008, devido à receptividade do público e crítica. De acordo com a pesquisa de Ibope da emissora, houve um crescimento gradativo em relação à audiência; embora não tenha sido possível obter a informação de quantas vezes o mesmo chegou a ser reprisado.

A estreia do documentário exibido em rede nacional, no programa Cultura Mundo, em 22 de novembro de 2006, atingiu a audiência de 0,7% no Estado de São Paulo, o que representa 124.600 telespectadores. No dia 18 de abril de 2007, a audiência chegou à marca de 1%, cerca de 178.000 telespectadores, 59.900 domicílios paulistas. Já em 30 de abril de 2008 a taxa foi de 1,2%: o equivalente a 213.600 pessoas. Por questões financeiras essa pesquisa foi feita apenas no Estado de São

Paulo, o que significa que o número de telespectadores do documentário foi superior aos dados registrados já que foi veiculado nacionalmente.⁶⁷

Adorno confirma que houve receptividade por parte dos telespectadores e acrescentou “até hoje as pessoas me falam do documentário”. Ele conta que, desde o documentário “Os Seguidores da Glória” o público se surpreendeu em saber que Israel não é a sede de três, mas de quatro religiões e que a beleza visual, assim como os conceitos expostos contribuem para a aceitação do público. Adorno conta ainda que muita gente pergunta “como estão os Bahá’ís que você descobriu?”. Ele responde que é o contrário: “foram eles que me descobriram”.

⁶⁷ Conforme informação da funcionária da TV Cultura, Maria Aparecida Pasquavis. Os dados foram repassados por uma mensagem eletrônica no dia 29 de outubro de 2010.

9. Conclusão

O estudo do documentário “Arquitetura da Unidade”, da TV Cultura, indica ser possível haver a parceria de uma emissora pública e interesses específicos da sociedade quando há uma convergência pacífica e positiva de propósito.

Promover conhecimento e reflexão, com programação educativa, cultural e informativa, é a característica das emissoras públicas. Por outro lado, a Fé Bahá'í, apresenta uma mensagem que visa unir os povos, culturas e religiões dentro de um contexto de cidadania global. Desse modo, o elo feito entre a TV Cultura e a Fé Bahá'í para a realização do documentário “Arquitetura da Unidade”, fortalece o exercício de cidadania com a difusão de uma cultura que valoriza a diversidade humana e, conseqüentemente, abrange o interesse da sociedade como um todo.

Para mostrar a viabilidade dessa união, o conteúdo e todo o processo de produção do documentário “Arquitetura da Unidade” foi estudado. Com a análise fílmica verificou-se que o documentário tinha por objetivo mostrar que as construções arquitetônicas de uma época se relacionam diretamente com os valores vigentes da sociedade. Essa tese foi comprovada historicamente com o exame de que na cidade medieval a igreja se eleva acima de todos os edifícios, já na era moderna os edifícios mais altos são os que representam o império financeiro. Essa visão de mundo leva os telespectadores a refletir sobre a relação entre arquitetura e os valores da sociedade contemporânea movida pelo consumismo.

Por meio da técnica de descrição e interpretação do roteiro e das imagens do documentário, verificou-se que os critérios desenvolvidos pelo teórico Geoff Mulgan referentes aos aspectos norteadores de um programa televisivo de qualidade correspondem ao conteúdo do documentário em estudo, pois este emprega recursos técnicos com domínio; utiliza métodos de contraste, assimilação, citações ilustrativas e metafóricas, além da natureza retórica para representar a ligação direta entre a construção social de valores e o modo com que as cidades são organizadas arquitetonicamente; apresenta uma minoria religiosa no País, que valoriza a diversidade

humana; e, sobretudo, constata a demanda da sociedade para assuntos de caráter moral e tem a capacidade de promover uma reflexão sobre o futuro da nação.

A escolha por mostrar esse paralelo entre arquitetura e civilização sob o conceito de arquitetura Bahá'í, é justificada ao longo do documentário como um contraste da época do “templo do consumo”, além de sustentar a analogia feita pelo cineasta Vicente Adorno. Por ser uma religião da era moderna e conseguir exprimir na própria construção dos templos sagrados os princípios bahá'ís.

Contudo, ao optar por uma minoria religiosa no País, a TV pública cumpre o papel de ser pautada pelo conjunto dos cidadãos, mesmo que este não seja a imposição de uma maioria hegemônica, respeitando o direito à diversidade religiosa. A TV pública tem por objetivo resguardar o direito à informação e cidadania, mas também opera como meio democrático de difusão de conteúdos de interesses globais, que envolvam a participação do público.

Como os bahá'ís acreditam em todos os Mensageiros de Deus e buscam a união dos povos em uma única raça humana, o conceito de arquitetura Bahá'í também combina elementos de diferentes religiões, aspectos do Oriente e do Ocidente, os templos sempre têm nove entradas de modo a representar as grandes religiões (Sabeísmo, Hinduísmo, Judaísmo, Zoroastrismo, Budismo, Cristianismo, Islamismo, Fé Babí e Fé Bahá'í) e são cobertos por uma cúpula que simboliza a união de todas as religiões mundiais em torno do Criador único.

Desse modo, a TV pública cumpre a função de trazer conhecimento e informação sobre uma cultura religiosa da era moderna e que ainda é pouco divulgada no País, embora seja a segunda religião mais difundida em termos geográficos no mundo, com seguidores em 247 países e territórios. O documentário, “Arquitetura da Unidade” chama atenção para questões sociais, promove a reflexão da sociedade quanto aos valores que ditam o mundo moderno e questiona o presente e o futuro da humanidade nessa ascensão do poder financeiro, comercial e industrial.

A análise de produção constatou que, embora a sugestão do tema tenha partido da Comunidade Bahá'í do Brasil, o então Presidente da Fundação Padre Anchieta, Marcos Mendonça, aprovou o projeto do documentário por considerá-lo compatível com a linha editorial da emissora e dentro dos parâmetros de conteúdo e qualidade vigente. A aliança dos bahá'ís com a TV Cultura foi uma forma avançada de diálogo social, inclusivo e crítico, tendo o compromisso de levar informação e cultura, em um Estado laico.

A análise de discurso de “Arquitetura da Unidade” mostra que o documentário promove a reflexão dos valores vigentes de uma sociedade do tempo do consumo e apresenta princípios de uma religião da era moderna que busca a unidade do gênero humano. Com o documentário em estudo, a TV pública cumpriu a função de promover uma cultura de tolerância à diversidade, atuando como ferramenta de disseminação de valores éticos, direitos humanos, dignidade, qualidade de vida e conhecimento.

O valor financeiro de produção do documentário chegou a contabilizar R\$ 43.000,00 (quarenta e três mil reais), sem incluir o salário dos profissionais responsáveis, Vicente Adorno e Valdir Rodrigues, o que mostra que é viável fazer parcerias produtivas entre uma comunicação pública e uma iniciativa privada em benefício da sociedade. Por meio da entrevista realizada com o jornalista Adorno fica evidenciado que tal apoio financeiro da Comunidade Bahá'í não influenciou na forma com que a religião foi apresentada ao público.

O fato da TV pública ter reprisado o documentário “Arquitetura da Unidade”, na grade de programação, é resultado direto do interesse público do tema. Além do mais, constatou-se que as transmissões em 2006, 2007 e 2008 apresentaram crescimento gradativo em relação à audiência.

A interrelação entre arquitetura, religião, Organização das Nações Unidas e TV pública revela-se esclarecedora quanto ao propósito do que deva ser comunicação construída pela sociedade. Dessa forma, o conceito norteador da comunicação teria

sido trazido à tona por essa aliança de interesses, tal conceito seria a construção coletiva de uma sociedade onde haja a conjunção pacífica e positiva de interesse.

A presente pesquisa conclui que pode e deve haver um diálogo entre a sociedade e veículos de comunicação pública, conseqüentemente, interesses específicos da sociedade podem ser propostos a emissoras públicas, porém, para que sejam atendidos devem se adequar a linha editorial do veículo de comunicação que funciona como mediadora do bem comum.

BIBLIOGRAFIA

ARMSTRONG, K. **Em Defesa de Deus: O que a Religião Realmente Significa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BARROS, A; DUARTE, J. (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

BARTHES, R. **Mitologias**. 5ª ed. São Paulo: Difel Difusão Editorial, 1957.

BRANDÃO, E. P. *Conceito de comunicação pública*. In: DUARTE, Jorge. (Org.). **Comunicação Pública - Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2009, p. 1-33.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2004.

GIANFALDONI, M. H. T. A. MOROZ, M. **O Processo de Pesquisa: Iniciação – Série Pesquisa**. Vol. 2, 2ª ed. Brasília: Editora Líber Livro, 2006.

GOLIO-LÉTÉ, A. VANOYE, F. **Ensaio Sobre a Análise Fílmica**. Campinas: Papyrus, 1994.

LIMA, J. **Cultura Pública: A Organização Política do Sonho**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.

LIMA, J. **Uma História da TV Cultura**. São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 2008.

MACHADO, A. **A Televisão Levada a Sério**. 4ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

MOSES, J. **Unidade - Os Princípios Comuns a Todas as Religiões**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

NICHOLS, B. **Introdução ao Documentário**. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 2007.

PORTER, R. *Sobre Documentários e Sapatos*. In: MOURÃO, M. D. LABAKI, Amir (Orgs.). **O Cinema do Real**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2005, p.42-66.

PUCCINI, S. **Roteiro de Documentário: Da Pré-produção à Pós-Produção**. Campinas: Papyrus, 2009.

RABIGER, M. *Uma Conversa com Professores e Alunos Sobre a Realização de Documentários*. In: MOURÃO, M. D. LABAKI, Amir (Orgs.). **O Cinema do Real**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2005, p.52-66.

ROSE, D. *Análise de Imagens em Movimento*. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – Um Manual Prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 343-364.

Outras Fontes de Referências:

ANGHER, A. J. (Org.). **Vade Mecum Acadêmico de Direito – Série Vade Mecum**. 11ª ed. São Paulo: Editora Rideel, 2010.

CENTRO MUNDIAL BAHÁ'Í. **A Proclamação de Bahá'u'lláh**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bahá'í do Brasil, 1977.

BRITO, F. **A TV Cultura de São Paulo e a Produção de Documentários (1969-2004)**. Orientadora: Dra. Marília Franco. Tese de pós-graduação, ECA-USP, 2009.

Documentário “**Arquitetura da Unidade**”, do programa Cultura Mundo, da TV Cultura, transmitido em novembro de 2006.

SCHEJBAL, D. **Multiculturalism with the focus on the Bahá'í International Community**. Master Thesis, Masaryk University Brno, 2009.

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/27062003censo.shtm>. - Acesso em 1 de agosto de 2010.

<http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalNoticias.do?acao=carregaNoticia&codigo=22357>– Acesso no dia 30 de maio de 2011.

<http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalPaginaEspecialPesquisa.do?acao=&tipoConteudoHtml=1&codNoticia=22469> - Acesso no dia 30 de maio de 2011.

http://is.muni.cz/th/105361/pdf_m/Master_Thesis_-_Bc._D._Schejbal_-_Multiculture_with_the_Focus_on_the_Baha_i_International_Community.pdf - Acesso no dia 30 de maio de 2011.

www.bcb.gov.br - Acesso no dia 2 de junho de 2011.

Entrevistas realizadas:

Vicente Adorno e Valdir Rodrigues (12/03/11), Washington Araújo (16/03/11), Mary Caetana (12/04/11).

Anexo: DVD do documentário “Arquitetura da Unidade”

Apêndices

Apêndice I

Roteiro do documentário: ARQUITETURA DA UNIDADE

**DOCUMENTÁRIO SOBRE A IMPORTÂNCIA E SIGNIFICADO DOS TEMPLOS
BAHÁ'ÍS NO MUNDO E A RELAÇÃO DO CONCEITO ARQUITETÔNICO POR TRÁS
DELES COM A CRIAÇÃO DE UMA NOVA SOCIEDADE PLANETÁRIA SEM
DISTINÇÃO DE RAÇA, COR, CREDO, NACIONALIDADE OU FILIAÇÃO POLÍTICA**

Autor: Vicente Adorno

Consultoria: Flávio Rassekh e Luiz Henrique Beust

VOZES:

AA – Alfredo Alves

HV – Hélio Vaccari

MA – Madeleine Alves

VG – Valéria Grillo

São Paulo, Outubro / 2006

TIME CODE	IMAGENS, MÚSICA	SONORAS, VOICE OVER, EFEITOS SONOROS, MÚSICA E NARRAÇÃO:
	<p>Clipe com marcos arquitetônicos do mundo tipo <i>Powaqqatsi</i>, seguidos de imagens de templos de todos os tipos – música tipo Hans Zimmer (<i>Gladiator</i>).</p>	<p>Prólogo / NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Passar pela vida e deixar uma marca que sobreviva através dos tempos é uma constante na história das grandes civilizações.</p> <p>O ser humano projeta esse anseio pela imortalidade em diversas formas. Uma das mais poderosas é a construção de marcos arquitetônicos, que dão testemunho da atuação histórica de um povo no planeta.</p> <p>Ao longo dos séculos eles se tornam a própria identidade das eras em que foram construídos – e a manifestação visível do que o homem pode conceber e realizar.</p> <p>Essas construções monumentais evidenciam ainda a preocupação com a vida eterna e com a relação individual entre o ser humano e a divindade.</p>
	Vinheta do programa	Fade in / out - TRILHA DO PROGRAMA
	Vinheta da Parte I	PARTE I – A ARQUITETURA DE DEUS
	Vinheta do programa	Fade in / out
	Clipe com ritmo moderado – nem	EPIGRAFE

	<p>acelerado demais nem lento em excesso – com imagens de ruínas de grandes monumentos egípcios, gregos, maias, astecas e romanos.</p> <p>Desfazem-se em meia fusão, e sobrepõe-se com símbolos religiosos em uma fusão (em morf) começamos com os mais antigos vindo até as religiões mais recentes. Rostos de pessoas de diferentes raças e idades se fundem nessa apresentação.</p> <p>Entra GC</p> <p>“Todas as grandes civilizações produziram grandes monumentos arquitetônicos de vários tipos. Os únicos que são comuns a todas elas são templos.” (Edward Gibbon, <i>História do Declínio e Queda do Império Romano</i>)</p>	<p>(Música tipo 3rd Psalm ao fundo ou, melhor ainda, algo de Respighi do tipo <i>Le coline romane</i> ou temas de <i>The Robe</i> e <i>Quo Vadis</i>) + CITAÇÃO (se possível, na voz de HÉLIO VACCARI):</p> <p>“Todas as grandes civilizações produziram monumentos arquitetônicos de vários tipos. Os únicos que são comuns a todas elas são templos”. (Edward Gibbon, em <i>História do Declínio e Queda do Império Romano</i>) Heródoto (?)</p> <p>VERIFICAR AUTENTICIDADE DA FRASE E DA AUTORIA, SE POSSÍVEL ENCONTRAR CITAÇÃO <i>IPSIS LITTERIS</i>.</p>
	<p>Visuais de Abu Simbel no Egito, Jerusalém, table tops, trecho da Bíblia (se possível, página exata da Bíblia em zoom com a citação)</p> <p>ATENÇÃO: USAR</p>	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>A tradição de construir templos vem desde a história mais remota da humanidade, e alguns povos a consideram parte de sua própria origem.</p> <p>A necessidade de espaço sagrado esteve</p>

	<p>SEMPRE A MESMA BÍBLIA, A EDIÇÃO DA AVE MARIA COORDENADA POR FJJPC, OFM</p>	<p>sempre presente entre eles. No Antigo Testamento, o rei Salomão, que viveu cerca de 1000 anos antes de Cristo, aceita como uma das principais tarefas de seu reinado a construção de um templo por ordem direta de Deus – dada a seu pai, o rei Davi, antes mesmo do nascimento do próprio Salomão.</p>
	<p>Na mesma linha, agora também com imagens e <i>table tops</i> do antigo Templo de Jerusalém.</p> <p>Igualmente, texto aparece em GC, porém mais rápido, sem preocupação de dar tempo para ler:</p> <p>“Davi deu a Salomão, seu filho, os planos do pórtico e das construções, salas do tesouro, aposentos superiores, aposentos interiores, assim como os da sala do propiciatório; o plano de tudo o que ele tinha no espírito referente ao átrio do templo, a todas as salas ao redor, para os tesouros do templo e os tesouros das coisas sagradas, para as classes de sacerdotes e levitas, assim como toda a organização do serviço da Casa de Deus...”</p> <p>(I Crôn., 28:11-13)</p>	<p>NARRAÇÃO DA BÍBLIA (continua com música bíblica ao fundo):</p> <p>Começa com voz masculina (HÉLIO VACCARI), MISTURADA COM MÚSICA E EFEITOS SONOROS (VINDO DE LONGE, MEIO EM ECO, CRESCENDO) lendo o trecho:</p> <p>“Davi deu a Salomão, seu filho, os planos do pórtico e das construções, salas do tesouro, aposentos superiores, aposentos interiores, assim como os da sala do propiciatório; o plano de tudo o que ele tinha no espírito referente ao átrio do templo, a todas as salas ao redor, para os tesouros do templo e os tesouros das coisas sagradas, para as classes de sacerdotes e levitas, assim como toda a organização do serviço da Casa de Deus...”</p> <p>(I Crôn., 28:11-13)</p> <p>Lentamente a voz vai entrando em BG junto com a música e os efeitos, e a eles se sobrepõe</p>

	Clipe rápido com imagens e talvez <i>table top</i> ou reconstituição em computação gráfica de maquetes do Templo de Salomão	EFEITOS SONOROS: Música “pseudo-sacra”, tipo <i>Parsifal</i> , de R. Wagner, trecho de <i>Roma</i> , de N. Rota, ou semelhante. Ideal seria música como a executada pela Filarmônica da cidade de Jerusalém em A Hebraica em (?). Pesquisar nome do compositor.
	Clipe de vários templos de várias épocas, marcos arquitetônicos de grandes cidades: Berlim, Paris, Roma, Milão, Moscou, São Petersburgo, Nova Délhi, Tóquio, Doha (Catar), Teerã, Riad, Joanesburgo, São Paulo, NY, Chicago –	NARRAÇÃO (VG): Em cada tradição religiosa, na história das civilizações do passado, encontramos conceitos específicos – como o revelado a Salomão – de como deveria ser o espaço dedicado a Deus. Assim como o mundo se transformou nos campos político, social e econômico, também a visão arquitetônica do sagrado passou por grandes mudanças.
	Música do tipo <i>Feste romane</i> misturada com música eletrônica em BG	NARRAÇÃO (VG): Uma concepção bastante singular dessa arquitetura voltada para a religião surgiu no Oriente, na segunda metade do século XIX, em plena Revolução Industrial. Ela se apresenta como metáfora concreta da presença divina nos grandes aglomerados metropolitanos e nas cidades multiculturais do mundo moderno. Busca desempenhar um novo papel no espaço urbano e no imaginário coletivo, dentro de uma sociedade aberta, plural e integrada pela tecnologia. E, ainda, busca combinar características do Oriente e do Ocidente.
	DV 1006 SONORA	SONORA SCOTT CONRIAD (VOZ HV):

<p>SCOTT CONRIAD / ARQUITETO / WILMETTE, EUA</p> <p>01:26:16 A: That was I think one of the most attractive things to the Bahá'ís for this design, because there were many designs by many architects submitted for the Bahá'í Temple in Chicago. Some of them looked like the Taj Mahal, some of them looked like churches, a lot of them looked very catholic to me, and then some were kind of Islamic, or Buddhist, but Bourgeois's was different, he went and did everything at once, he has like almost an Indian dome, surrounded by like a Catholic kind of like corners, surrounded by a Muslim... there are Buddhist wheels, there are things all over the building you're really not quite sure what it was. And he did it on purpose, he wanted this building to reflect the designs of both East and West, and this is a very... one of the big concepts of the Bahá'í Community is: there needs to be unity between we call the</p>	<p>Essa combinação foi um dos maiores atrativos desse projeto para os Bahá'ís. Houve um grande número de projetos submetidos por muitos arquitetos para o Templo de Chicago. Alguns pareciam o Taj Mahal, outros pareciam igrejas, muitos pareciam católicos, outros tinham um toque islâmico ou budista. Mas o de Louis Bourgeois era diferente, ele conseguiu juntar tudo de uma vez, com um domo meio indiano, cercado por cantos que têm um jeito católico aqui, muçulmano ali... há entalhes circulares budistas, há detalhes espalhados por toda a construção que não dá para ter certeza do que é. Ele fez isso de propósito, ele queria que o prédio refletisse os estilos do Oriente e do Ocidente. E este é um dos grandes conceitos da Comunidade Bahá'í: precisa haver unidade entre os que chamamos de ocidentalizados e os que chamamos de influenciados pelo Oriente; entre religiões do Oriente e do Ocidente, entre povos do Oriente e do Ocidente... que em geral vêem o mundo de maneiras muito diferentes, mas acreditamos que eles podem se unir.</p>
---	--

	<p>ocidentally oriented... religions from the East, and what we call religions from the West.... people from the East, people from the West... who see the world in very different ways usually, but we believe they don't – and can come together and not only...</p>	
	<p>Sobe música</p>	
	<p>Ênfase em imagens de pessoas de diferentes origens, pobres e ricos, trabalhando em cidades e na lavoura, interagindo através de computadores, sentados em parques entretidos em pensamento. Correndo de um lado ao outro no centro de uma grande cidade.</p>	<p>NARRAÇÃO (VG): A verdadeira natureza do homem está além da mera existência física. O templo reflete essa transcendência e a cultura milenar associada a ela; e ainda chama a atenção para suas linhas modernas – uma maneira de expressar como a tão antiga relação com Deus continua a ter lugar no mundo de hoje, marcado por velozes avanços tecnológicos.</p>
	<p>Imagens dos templos com atenção para os detalhes que revelam as diferentes influências arquitetônicas. Fechar com aéreas de Wilmette e fundir com imagens de dentro do templo.</p>	<p>NARRAÇÃO (VG): Em suas linhas o templo também deve sugerir variedade de conceitos, a fim de representar com fidelidade a riqueza de estilos de vida e correntes de pensamento em que está inserido. E – não menos importante – apresenta-se ainda como um refúgio, um local sereno, a fim de que, dentro dele, as pessoas deixem de lado as pressões e o STRESS a que estão sujeitas pelo ritmo acelerado da vida.</p>

	<p>DV 1006 SONORA PAM MONSHINE (VERIFICAR GRAFIA) / GERENTE DO TEMPLO BAHÁ'Í EM WILMETTE, EUA</p> <p>00:21:50 A: The Bahá'í House was built in order for there to be a place where people can go for meditation, no matter what your religion.</p>	<p>SONORA PAM MONSHINE (VOZ MA):</p> <p>Os templos Bahá'ís são construídos com a finalidade de oferecer um lugar onde as pessoas possam ir para rezar e meditar, não importa de que religião sejam.</p>
	<p>Música em BG. Clipe vai chegando ao final.</p>	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Para conciliar todos esses elementos é preciso estabelecer uma visão atualizada do que deve ser uma casa de oração.</p>
	<p>DV 966 SONORA TEUTO ROCHOLL / ARQUITETO / FRANKFURT, ALEMANHA</p> <p>12:46 R.: Alle anderen Voraussetzungen, die habe ich durch die Bahá'í Gemeinde bekommen... Es war sehr... endlich sehr einfach, es sollte ein Zentralbaum sein, (...) ? es sollte 9 Eingänge haben, und es sollte Positives ausstrahlen...</p> <p>14:10 Im Gegensatz zu einer Kirche, die lang</p>	<p>SONORA TEUTO ROCHOLL (VOZ HV):</p> <p>12:46 Eu recebi da Comunidade Bahá'í todas as recomendações sobre como deveria ser o templo. Na realidade era um conceito bastante simples. Eles queriam que fosse um edifício redondo, com 9 entradas, e que deveria irradiar algo positivo.</p> <p>14:10 Ao contrário da disposição tradicional das igrejas, que se estende em direção ao Leste e tem uma forma transversal, o templo Bahá'í tem uma rotunda, e bem no meio dela está o ponto principal de toda a construção.</p>

	gestreift ist nach Osten oder ein Querbau hat, ist das ein Rundbau (rotunda), und der Rundbau hat in der Mitte sein wichtigste Punkt.	
	<p>Os templos em Wilmette, Langenhain, Nova Délhi.</p> <p>Agora, sim, cada um deve ser devidamente identificado com GC:</p> <p>Wilmette, EUA</p> <p>Langenhain, Alemanha</p> <p>Nova Délhi, Índia</p> <p>Cabe também clipe rapidinho com imagens dos arquitetos e meia-fusão deles para as respectivas obras.</p> <p>Música ainda no estilo <i>Feste romane</i> caindo para música devocional no fim (do CD Bahá'í)</p>	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Templos Bahá'ís construídos por três arquitetos – o franco-canadense Louis Bourgeois, o alemão Teuto Rocholl e o iraniano-canadense Fariboz Sahba estão nos Estados Unidos, na Alemanha e na Índia – e são considerados marcos arquitetônicos importantes da transição entre os séculos XX e XXI. Recebem milhares de visitantes por ano, entre eles estudantes e arquitetos que procuram conhecer seu estilo e concepção.</p> <p>Todos eles são fundamentalmente casas de oração.</p>
	<p>Imagens dos arquitetos em sucessão, sobrepostas aos templos que projetaram</p>	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>O conceito de templo religioso que norteou os projetos dos três arquitetos tem origem nos ensinamentos da mais recente das grandes religiões mundiais, a Fé Bahá'í.</p> <p>Os projetos para essas construções foram escolhidos por meio de concursos públicos.</p>

	Material de arquivo da construção dos três templos em ritmo de clipe moderado, música neutra	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Originais em concepção e execução, esses espaços dedicados à devoção têm em comum recomendações específicas deixadas pelo fundador da religião Bahá'í, Bahá'u'lláh.</p> <p>Apesar de seguir fielmente essas orientações, cada um desses templos tem sua própria identidade e reflete a herança cultural da região em que foi construído.</p>
	DV 964 SONORA SHATRUGHUN JIWNANI / NOVA DÉLHI, ÍNDIA 01:26:54 A: They are in a way that all Bahá'í House of Worship tend to draw upon the local culture, the local color and the local art.	<p>SONORA SHATRUGHUN JIWNANI (VOZ HV):</p> <p>Os templos são construídos de maneira que todas as casas de oração Bahá'ís tendem a absorver elementos da cultura, das cores e das artes locais.</p>
	Imagens de Haifa/2001 Música da inauguração dos Terraços. Santuário do Báb. Santuário de Bahá'ú'lláh.	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Em sua sede mundial, em Haifa, no norte de Israel, os Bahá'ís mantêm um mausoléu dedicado ao Báb, precursor de sua fé. O Báb está enterrado no alto dos imponentes jardins suspensos do Monte Carmelo.</p> <p>Em outro mausoléu, em Bahjí, 30 km ao norte de Haifa, repousam os restos mortais do</p>

		fundador dessa religião mundial, Bahá'u'lláh.
Mais imagens de Haifa/2001 seguidas de imagens dos outros templos, filmadas em nov.-dez./2005 e <i>table tops</i> . Continua música da inauguração dos Terraços.		NARRAÇÃO (VG): Templos Bahá'ís se distribuem pelo mundo em sete países: Estados Unidos, Alemanha, Panamá, Uganda, Austrália, Índia e Samoa Ocidental. Por determinação explícita de Bahá'u'lláh, todos têm nove lados, com nove portas idênticas, e são cobertos por uma cúpula – símbolo da união de todas as religiões mundiais em torno do Criador único.
Sobe som música		
Pausa pra reflexão, imagens das portas dos templos, pontos cardeais, construções com um centro explicito. Pessoas caminhando para um centro.		NARRAÇÃO (VG): Todas as portas levam ao mesmo lugar de adoração.
		NARRAÇÃO (VG): Uma das características principais é que, onde quer que seja construído, o templo Bahá'í deve se tornar um marco inconfundível, em estreita associação com a paisagem local.
Imagens dos templos em sucessão, clipe moderado, quase como exibição de <i>slides</i> , imagens de Haifa/2001 com variedade de gente em sucessão com o texto: Base da Fé Bahá'í eliminação de todas as formas de preconceito,		NARRAÇÃO (VG): Os templos são metáforas em pedra dos ensinamentos fundamentais de Bahá'u'lláh, que têm como princípio básico a eliminação de todas as formas de preconceito, com ênfase em: união de todas as raças; igualdade de direitos entre homens e mulheres; pesquisa independente da verdade; educação espiritual das crianças; importância da coesão familiar; e

	<p>com ênfase em: união de todas as raças; igualdade de direitos entre homens e mulheres; independente pesquisa da verdade; educação espiritual das crianças; importância da coesão familiar; e estabelecimento da paz mundial.</p>	<p>estabelecimento da paz mundial.</p>
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>A religião Bahá'í foi o primeiro organismo internacional a instituir uma organização não-governamental com o fim específico de trabalhar com a Organização das Nações Unidas.</p>
	<p>DV 2103 SONORA</p> <p>BANI DUGAL CHEFE REPRESENTAÇÃO BAHÁ'Í NA ONU</p> <p>00:16:09 A: As the principal representative I represent the Bahá'í International Community which is a worldwide community of the Bahá'ís to the United Nations, we have consultive status as non-governmental organization with the</p>	<p>SONORA BANI DUGAL (VOZ MA):</p> <p>Eu represento a Comunidade Bahá'í Internacional junto às Nações Unidas. Temos status consultivo como organização não-governamental junto aos conselhos econômico e social da ONU. Nós nos reunimos com representantes dos Estados-membros e de outras ONGs que têm interesses comuns conosco, particularmente os que se referem a direitos humanos, progresso da condição da mulher, prosperidade global, questões de desenvolvimento social e econômico sustentável – e também questões morais até certo ponto.</p>

	<p>economic and social councils of United Nations, meet with UN, at the UN with the members ?, with, with others non-governmental organizations on issues of common interest, particularly those of human rights, the advance of woman and global prosperity , issues of development and social development and sustainable development, and also issues of moral development in some degree.</p>	
	<p>Imagens em <i>time-laps</i> de sol nascendo muito rápido, pessoas se movimentando, relógio com ponteiros se mexendo muito depressa, imagens dos documentários <i>Cronos</i>, de Ron Fricke e <i>Nagoiaqqatsi</i>, de Godfrey Reggio. Música minimalista de Phillip Glass.</p> <p>GC atravessa:</p> <p>7 milhões de Bahá'ís no mundo todo.</p>	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Fiéis a esses princípios, os Bahá'ís constituem hoje uma comunidade religiosa de 7 milhões de pessoas espalhadas pelo mundo inteiro, unidas pela crença de que há um só Deus, uma só raça humana e uma única religião em contínua evolução através dos tempos. Isso significa que, para os Bahá'ís, todas as religiões mundiais são verdadeiras em origem – provêm de um mesmo e único Deus.</p> <p>Eles as consideram etapas sucessivas do processo eterno da revelação da vontade de Deus aos homens.</p>

	<p>DV 965 SONORA MAESTRINA AMELI DZIMBA – Langenhain, Alemanha</p> <p>1:09:53 A:</p> <p>The Bahá'í Faith, well, it doesn't combine all the other faiths, but it's an organic development, you know... progressive revelation... We think there is a progressive revelation.... we have Christ, then we have Muhammad... we have Buddah and Krishna, and Bahá'u'llah is now... now the last.... No, no, no, it's not. Now, the latest... If we talk again in a couple of 1,000 years, or in a 1,000 years, or something... and hopefully we will... perhaps we will not be called Bahá'ís... I don't know... we will be called the... I don't know... after... then the latest ones...</p>	<p>SONORA MAESTRINA AMELI DZIMBA (VOZ MA):</p> <p>Eu não diria que a fé Bahá'í combina todas as outras; ela é mais um desenvolvimento orgânico... Acreditamos que haja uma revelação progressiva, que vem de Cristo a Maomé, como veio de Buda e Krishna, e agora Bahá'u'lláh é o último... O último, não, o mais recente. Se a gente falar sobre o assunto de novo em uns mil anos, talvez não nos chamemos mais Bahá'ís, e sim tenhamos algum outro nome que eu não sei qual será.</p>
	<p>Imagens de arquivo da antiga Pérsia, do documentário <i>Os Seguidores da Glória</i> e/ou outras. Imagem de</p>	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Bahá'u'lláh nasceu em 1817, em uma das mais tradicionais e ricas famílias do Oriente. Seu pai era um dos ministros do xá da Pérsia, quando o império desse soberano ainda abarcava um</p>

	Mirzá Bozorg e da residência de BH em Teerã.	imenso território dividido entre os rios Tigre e Indus, do Iraque à Índia na era atual.
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Em 1863, Bahá'u'lláh proclamou ser o portador de uma nova revelação de Deus para a Era Moderna, com o objetivo de promover a unidade e o amadurecimento espiritual de todos os seres humanos – e uma civilização global que evolui e se transforma sempre.</p>
	<p>Globo desenhado em 3D, continentes ressaltados, pequenos pontos surgindo em cada cidade do Globo que gira na tela demonstrando que os Bahá'ís estão em todos os lugares da Terra.</p> <p>Fundo de templo ou símbolo Bahá'í, no qual se sobrepõe GC com estatísticas:</p> <p>Ásia 3,6 milhões</p> <p>África 1,8 milhão</p> <p>América Latina 900 mil</p> <p>Índia 2,2 milhões</p> <p>Irã 350 mil</p> <p>EUA 150 mil</p>	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Hoje, a maioria dos Bahá'ís vive na Ásia, num total de 3 milhões e 600 mil seguidores;</p> <p>na África são 1 milhão e 800 mil, e na América Latina 900 mil. A maior comunidade Bahá'í no mundo está na Índia: 2 milhões e 200 mil pessoas. Em seguida vem o Irã, com 350 mil, e os Estados Unidos, com 150 mil.</p> <p>Em outros países o número de Bahá'ís varia bastante. No Brasil eles são cerca de 60.000.</p> <p>A Guiana concentra a maior porcentagem de Bahá'ís na população: 7%.</p>

	<p>Brasil: 60 mil</p> <p>Maior concentração: Guiana: 7%</p> <p>Religiões mais difundidas:</p> <p>Cristã</p> <p>Bahá'í</p>	
	<p>Imagem (table top) do texto da Britânica.</p> <p>Imagens de Bahá'ís em diversas situações (com ênfase na inauguração dos Terraços em 2001 e na diversidade de pessoas, roupas, atitudes), com sobreposição de GCs:</p> <p>Bahá'ís estão em 247 países e territórios</p> <p>Compreendem mais de 2100 grupos étnicos, raciais e tribais</p> <p>Escrituras Bahá'ís traduzidas em mais de 800 línguas</p>	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>De acordo com a Enciclopédia Britânica, a religião Bahá'í é a segunda mais difundida no mundo, depois do cristianismo, quanto ao número de localidades em que vivem seus praticantes.</p> <p>Ela tem seguidores em 247 países e territórios no mundo inteiro.</p> <p>Entre seus integrantes há pessoas de mais de 2100 grupos étnicos e tribais.</p> <p>As escrituras Bahá'ís já foram traduzidas para mais de 800 línguas.</p>
	<p>Vinheta do programa</p>	<p>Fade in / out - Intervalo</p>

	Vinheta da Parte II	PARTE II – A ARQUITETURA DA HUMANIDADE
	Vinheta do programa	Fade in / out
	<p>Fundo com templos e catedrais em sucessão.</p> <p>Imagem de câmera entrando em uma igreja (<i>Poaqqatsi</i>)</p> <p>Texto entra em GC e se desenrola em concomitância com a voz: “O templo é uma paisagem da alma. Ao entrar numa catedral a pessoa penetra num mundo de imagens espirituais. É o ventre materno da sua vida espiritual.”</p> <p>Joseph Campbell</p>	<p>EPIGRAFE (VOZ AA):</p> <p>“O templo é uma paisagem da alma. Ao entrar numa catedral a pessoa penetra num mundo de imagens espirituais. É o ventre materno da sua vida espiritual.”</p>
	<p>Sucessão de imagens de catedrais e de representações de santos</p> <p>Desenhos rupestres</p> <p>Imagem de criança orando</p>	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>De acordo com o pensador Joseph Campbell, o templo é uma projeção do que há de mais íntimo na alma de cada devoto. Todas as formas ao redor dela estão carregadas de valor espiritual.</p> <p>Na tradição católica, as catedrais são decoradas com imagens antropomórficas: Deus, Jesus, os santos e tudo o mais têm forma humana.</p>

		Em contraste, nas cavernas em que civilizações mais primitivas deixaram traços de sua cultura, as divindades têm forma animal. Joseph Campbell observa que tudo é a mesma coisa. A forma é secundária. A mensagem é o que importa. (pág. 84, <i>O poder do mito</i> , edição brasileira, 1987).
	Imagem da Acrópole em Atenas, de pinturas de cidades medievais destacando a imponência das catedrais na malha urbana, de Palácios como Versailles, Buckingham ou o Congresso Americano, da Torre Eiffel e estações de trem com grandes vãos, do Empire State Building, prédios em Chicago, Frankfurt...	NARRAÇÃO (VG): É possível perceber os valores de uma sociedade através do edifício mais alto, ou mais imponente, que se vê na organização urbana. Numa cidade medieval, a catedral se eleva acima de tudo. Nos séculos XVII e XVIII os palácios do governo competem com as catedrais. Durante a Revolução Industrial, a majestade arquitetônica aparece em imponentes obras com inovadoras estruturas metálicas. Na cidade moderna, os edifícios mais altos são prédios ligados ao capital financeiro, industrial e comercial, com escritórios que se destacam entre os espaços da vida coletiva.
	Imagens dos maiores e mais importantes edifícios do mundo, no Japão na Indonésia, Malásia, Alemanha, Inglaterra, EUA, Brasil... Imagens de templos de todos os tempos, ruínas etc.	NARRAÇÃO (VG): Há sempre uma forma que se adapta melhor ao que o edifício representa: sedes de instituições financeiras, estádios, praças, teatros, prédios públicos... Igualmente, há um estilo próprio para as edificações destinadas ao recolhimento e à oração.

	<p>Arte animada: templo como marco inicial de círculos concêntricos. Sobrepor imagens de arquivo:</p> <p>Acrópole, Vaticano, Mesquita de Santa Sofia em Istambul, Daibutsu em Kamakura, Pagodão em Asakusa, Kinkakujin em Quioto, Taj Mahal em Agra</p>	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>No passado, as cidades tinham como referência um centro espiritual, e dele se irradiavam praticamente todas as vias de circulação. Com base nessa estrutura se organizava também a vida social, política e econômica dos aglomerados urbanos.</p> <p>(Outra sonora de Campbell, <i>O poder do mito.</i>)</p>
	<p>Igrejas e catedrais nas Américas do Norte, Central e Sul, com destaque para imagens de igrejas em Porto Seguro, Salvador, São Paulo, que deram início a povoações.</p>	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Nas colônias fundadas pelos cristãos europeus na América a partir do século XVI essa tendência se reproduziu.</p> <p>No Brasil, povoados que surgiram durante os primeiros cem anos depois do descobrimento guardam até hoje como seus marcos iniciais exemplos bem definidos de arquitetura religiosa.</p>
	<p>Fotos do Google Earth, girando na tela com o centro imóvel no ponto em que o templo ou edifício importante se encontra. Images da torre Eiffel, Berlim, Chicago, NY, de preferência bem antigas – ou recentes, mas c/ prédios do início do séc. XX.</p>	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>A localização central do templo na malha das cidades foi se perdendo ao longo do século XX.</p> <p>A organização urbana e a distribuição de vias de acesso se modificaram radicalmente.</p> <p>Houve grandes transformações na Paris de fins do século XIX, na Berlim do início do século XX, nas cidades da América do Norte a partir dos anos 20 e 30.</p>

	Imagens de fachadas e/ou de outros ângulos de sedes de grandes empresas e de Bolsas de Valores, Chrysler Building, Empire State, Torre da Sears em Chicago etc.	NARRAÇÃO (VG): As cidades passaram então a girar em torno de outros marcos arquitetônicos, símbolos do poder político, social e econômico, sedes das grandes corporações e das Bolsas de Valores em Nova York, Londres, Frankfurt e Paris. São, em geral, lugares fechados e muito bem guardados. Eles encerram a riqueza material de nações ou de poderosos conglomerados econômicos. (Outra sonora de Campbell, <i>O poder do mito.</i>)
	Templo em Wilmette Flávio precisa mostrar os símbolos específicos	NARRAÇÃO (VG): Em contraste, na era moderna, os templos Bahá'ís são abertos a todos os povos e religiões, sem levar em conta poderio econômico ou político.
	Idem, com insistência nas formas redondas, fechando com templos Bahá'ís. Mostrar em cada um deles a profusão de luz que vem de fora, se reflete dentro e de certa forma volta para fora.	NARRAÇÃO (VG): Nessas casas de oração, a luz tem papel preponderante como representação da divindade no mundo material. Uma maneira de evidenciar esse conceito é a abertura para o céu, com a chamada luz zenital.
	DV 1006 SONORA BOB	SONORA BOB ARMBRUSTER (VOZ HV):

	<p>ARMBRUSTER, ARQUITETO / WILMETTE, EUA DV 1006 E00:49:45</p> <p>(...) the architect Louis Borgeois. Even as a young architect he had this dream of a temple of light, a building where light could go out from the building at night and people could see it. During the day when you were in, the light would be coming in. (...) When he heard about the competition for the Bahá'í temple in Wilmette and learned more about the Bahá'í faith, he said: "Maybe this is what my dream is for". (...) his dream was, you had the ornamentation, this filigree, this lace, all the artistic sculpture with light coming through it. (...) So Louis Bourgeois said: "I want my building to have the light come through the ornamentation".</p> <p>Imagens Wilmette</p>	<p>O arquiteto Louis Borgeois ainda jovem sonhou com um templo de luz, uma construção em que a luz saísse do prédio e que à noite isso pudesse ser visto. Durante o dia, para quem estivesse dentro, a luz entraria. (...) Quando ele soube do concurso para o templo Bahá'í em Wilmette e se informou sobre a fé Bahá'í, ele disse: "Talvez meu sonho seja para isso". (...) O sonho dele é que essa ornamentação, as filigranas, o bordado em concreto, todo esse trabalho de escultura artística teria luz através dele. (...) E Louis Bourgeois disse expressamente: "Quero que no meu edifício a luz venha através da ornamentação".</p> <p>ATENÇÃO: SONORA PICOTADA NO TRECHOS COM A MARCAÇÃO (...)</p>
	<p>DV 966 35:15 Ich glaube, die Wirkung dieses Raumes besteht, einmal, aus der</p>	<p>SONORA TEUTO ROCHOLL (VOZ HV): O efeito que se destaca nesse espaço vem, de</p>

	<p>Form der 27 elliptischen Stützen; und zum anderen, aus der Durchbrechung der Teile dazwischen nutzt (35:32) über 600 bis 700 solchen kleinen Einzelteilen, die das Licht hereinlassen. Imagens Langenhain</p>	<p>um lado, da própria forma das 27 pilastras elípticas; e, do outro, da interrupção da forma redonda contínua por meio de 600 a 700 pequenas aberturas, que deixam entrar a luz por toda a cúpula.</p>
	<p>Miniclipe com imagens Langenhain e de outros templos, com ênfase nas aberturas de luz</p>	<p>NARRAÇÃO (VG): Esse efeito da luz que irrompe em meio à forma familiar da rotunda é uma das marcas da arquitetura dos templos Bahá'ís.</p>
	<p>Imagens feitas por Valdir R. Souza em Israel/2001</p>	<p>NARRAÇÃO (VG): Toda essa concepção se apóia no aproveitamento máximo da natureza ao redor da edificação. Em Haifa, norte de Israel, encontra-se um bom exemplo da aplicação desse conceito: é o santuário do Báb, o precursor da fé Bahá'í.</p>
	<p>Idem, ibidem</p>	<p>NARRAÇÃO (VG): Luz e cor estão muito ligadas. Os jardins receberam as espécies de plantas de Israel mais adequadas ao tipo de solo, à direção do sol, à proximidade do mar e ao regime de ventos. Há uma coordenação precisa entre as cores das flores da estação, das que cobrem o gramado permanentemente e das árvores com flores. As mais utilizadas são o vermelho e o verde. O vermelho simboliza o martírio do Báb, e o verde marca sua descendência do profeta</p>

		Maomé.
	Idem, ibidem / interpolar imagens aéreas de arquivo.	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>No estilo arquitetônico do monumento encravado no Monte Carmelo destaca-se o uso criativo da luz natural combinada com a iluminação externa.</p> <p>Como se verifica em todas as edificações Bahá'ís, o dia e a noite são duas faces importantes dessa presença.</p>
	Idem, ibidem	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Quem olha para o Monte Carmelo de cima vê o Santuário como o ponto central de nove círculos concêntricos – idéia que cria a base geométrica para os nove planaltos acima e abaixo.</p> <p>Esses círculos ficam evidentes por meio de nove cercas de ciprestes, alternadas com luminárias dispostas simetricamente.</p>
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>O próprio santuário e sua cúpula têm uma relação marcante com o céu. Essa combinação produz um espetáculo diferente – que evoca, no observador, sentimentos diversos daqueles a que está acostumado.</p>
	Idem, com aérea mostrando o santuário circular / funde para os outros templos filmados em Langenhain, N. Délhi, Wilmette	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>A estrutura circular simboliza a disposição de receber gente que venha de todas as direções. Ao mesmo tempo, ela oferece a quem chega um grande espetáculo de luminosidade natural – é a luz como metáfora da presença de Deus</p>

		entre os homens.
DV 1006 SONORA SCOTT CONRIAD, ARQUITETO / WILMETTE, EUA	01:31:45 A: That's exactly the goal that both Luis Bourgeois and Hilbert Dahl, the landscape architect, expressed. Dahl said he hoped that these gardens would take you out of your life, that as soon as you walk into the gardens and the building. that kind of make you take a pause and unwind your soul, so to speak, that it takes you away from your day-to-day struggles and work and family obligations, and that for a moment you feel peace and it is supposed to allow you to open up yourself to thoughts that usually we don't have the time to think about...	SONORA SCOTT CONRIAD (VOZ HV): Foi exatamente esse o objetivo de Luis Bourgeois e Hilbert Dahl, o paisagista. Dahl esperava que esses jardins tirassem as pessoas da vida normal; que, ao entrar nos jardins, a pessoa fizesse uma pausa e liberasse a alma, por assim dizer. O jardim é para tirar a pessoa das lutas do dia-a-dia, do trabalho e das obrigações familiares, e para que, por um momento ela se sinta em paz e aberta a pensamentos aos quais normalmente não teria tempo de se dedicar...
Templos religiosos ocidentais, seguidos de imagens de jardins, pessoas meditando em		NARRAÇÃO (VG): Os templos religiosos do Ocidente se erguem como entidades autônomas, praticamente sem nada em torno além da própria realidade

	<p>silêncio.</p> <p>Aproximação dos rostos serenos, às vezes com olhos fechados, às vezes olhando para cima.</p>	<p>material que os cerca.</p>
	<p>Começa com imagens <i>fast</i> de carros/pedestres (NY, ND, Chicago), desacelera e revela jardins budistas e bahá'ís, pessoas meditando, andando calmamente em estado de reflexão. Música acompanha o movimento.</p>	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Assim como na concepção budista, por exemplo, os jardins fazem parte do espaço intermediário que permite ao visitante sair da “geografia profana” – ruas, ônibus, táxis, o burburinho do tráfego e das pessoas – e mudar de ambiente, disposição e atitude.</p>
	<p>Mostrar a serenidade de dentro do templo, acelerar o ritmo da edição e entrar com o clipe forte a seguir</p>	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Nesse local o visitante busca o silêncio interno que o próprio ambiente lhe sugere. No templo ele sabe que vai encontrar paz, alívio para o ruído frenético do dia-a-dia, no qual prevalece o medo do silêncio.</p>
	<p>Imagens dos templos com detalhes arquitetônicos</p>	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Um dos objetivos da Arquitetura da Unidade que orienta a conceituação do espaço sagrado é criar as condições para a perfeita harmonia entre os seres humanos – e também entre eles e o Criador.</p>

	Caráter místico, crianças orando. Imagens do <i>Ryan Haidarian</i> .	NARRAÇÃO (VG): Dentro do templo uma realidade nova se estabelece. Para o indivíduo, não basta aceitar e observar os ensinamentos do Mestre. Ele precisa também cultivar e desenvolver o senso da espiritualidade – principalmente por meio da oração e da meditação.
		NARRAÇÃO (VG): Porém, a frequência ao templo não tem finalidade apenas espiritual – e sim também de ajudar o devoto a se aperfeiçoar como indivíduo e como integrante da sociedade em que vive. E a cumprir os mandamentos de Bahá'u'lláh, como o de promover a paz mundial.
	DV 966 SONORA NEGIN PITTAS, MÉDICA ANGLO- IRANIANA / LANGENHAIN, ALEMANHA 00:00:23 A: I think that the most important message is hope, because this is the reason why people stand up and do things and Bahauallah is the source of hope for me, because he not only says that world peace is possible but he shows the way and not only says that	SONORA SONORA NEGIN PITTAS (VOZ MA): Acho que a mensagem mais importante é a esperança... Bahá'u'lláh é a fonte de esperança para mim, porque ele não só diz que a paz mundial é possível como também mostra o caminho para isso. Diz que você precisa ser uma pessoa melhor e mostra o caminho para isso. Diz que as crianças têm de receber educação melhor e mostra o caminho para isso. Assim, sabemos onde queremos ir e sabemos como chegar lá.

	<p>you have you have to be a better person, he shows how; he not only says children have to be educated in a god way and find out yourselves, he shows how and showing the way is to me the most source of hope ... we know where we want to go to and we have the way but you have to go, which is hard enough but to this we invite everybody else and this gives the reason to stand up and do things.</p>	
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Entre as principais atividades promovidas pelos Bahá'ís em todos os países onde vivem vários empreendimentos voltados para o bem-estar e o desenvolvimento geral das populações a quem buscam servir.</p>
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Essa disposição está presente também no serviço voluntário de jovens Bahá'ís que ajudam a atender o público durante as horas de visitação aos templos.</p>
<p>DV 964 SONORA NILA FACHA SADI / TEMPLO DE LÓTUS – NOVA</p>		<p>SONORA NILA FACHA SADI (VOZ MA):</p> <p>Sou da Austrália, de Melbourne, estou prestando serviços aqui há duas semanas e</p>

	<p>DÉLHI, ÍNDIA</p> <p>01:01:17 A: Hi, my name is Nila Facha Sadi and I'm from Australia, from Melbourne, I have been serving here for two weeks and I will be here for another 9 weeks , I love serving here and I love being able to work for the word of Bahaulah, in his capacity , but I also believe that any work that you can handle to the humanity in the spirit of service is considered as worship.</p>	<p>ficarei por mais nove semanas. Acredito que, como diz Bahá'u'lláh, qualquer serviço que se faz pela humanidade é também uma forma de oração.</p>
	<p>SONORA EVAN WALKER / TEMPLO DE LÓTUS – NOVA DÉLHI, ÍNDIA</p> <p>Depoimento Evan Walker:</p> <p>01:11:35: Mensagem Bahá'í do Nepal: Hi, my name is Evan, I'm from Katmandu,Nepal and right now I'm serving here at the Lotus Temple in Delhi. A House of worship is a very special place, is where people from all backgrounds and all kinds of life can be together to pray under one roof and I</p>	<p>SONORA EVAN WALKER (VOZ HV):</p> <p>Sou americano, mas vivo em Katmandu, Nepal, e estou prestando serviços no Templo de Lótus em Nova Délhi. Uma casa de oração é um lugar muito especial, é onde pessoas de todas as procedências e todos os modos de vida podem se reunir para rezar sob um só teto, e eu não consigo imaginar algo mais unificador para a humanidade do que isso.</p>

	can't imagine anything more unifying than that.	
		NARRAÇÃO (VG): Essas atividades se inserem no trabalho regular que a fé Bahá'í desenvolve em todos os continentes. O serviço ao bem comum é um dos mais importantes mandamentos de Bahá'u'lláh.
	Vinheta do programa	Fade in / out / Intervalo
	Vinheta da Parte III	PARTE III – A ARQUITETURA DA UNIDADE ENTRE DEUS E OS HOMENS
	Vinheta do programa	Fade in / out
		EPÍGRAFE (citação de Bahá'ú'lláh/voz de AA): “Entre os objetivos dos fiéis Bahá'ís deve estar sempre a busca incessante da eliminação das barreiras geopolíticas e a construção da fraternidade universal”.
		NARRAÇÃO (VG): Os Bahá'ís criaram a primeira Organização Não-Governamental destinada a trabalhar exclusivamente com as Nações Unidas, em 1945.

	<p>DV 2103 BANI DUGAL</p> <p>00:17:14 A: Yes, we have more than 182 nationalities in the Bahá'í community, and the Bahá'ís believe in the Bahá'í principles of very much in favor of world leaders, in member states coming together to meet in an international body such as the U.N. to further efforts for World peace, so Bahá'í community is around the world, supporting the work of the U.N. in a request for peace.</p>	<p>SONORA BANI DUGAL (VOZ MA):</p> <p>Nós temos mais de 182 nacionalidades na comunidade Bahá'í, porque acreditamos que as crenças e os princípios Bahá'ís são completamente a favor que líderes mundiais, em Estados-membros se reúnam num organismo internacional como a Organização das Nações Unidas a fim de ampliar os esforços para a paz mundial. Por isso, a comunidade Bahá'í marca presença no mundo inteiro em apoio ao trabalho da ONU.</p>
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Dentro dos templos é permitido realizar preces e leituras de textos de outras religiões – uma atitude concreta que manifesta a crença fundamental de que todas as religiões provêm do mesmo e único Deus, e que todas fazem parte de etapas sucessivas do desenvolvimento espiritual da humanidade. .</p>
	<p>Imagens da casa dos voluntários e de outras em torno dos templos, trabalho dos voluntários</p>	<p>NARRAÇÃO (VG): Eles são também o coração espiritual de cada comunidade Bahá'í. Em torno de cada templo, as edificações destinadas ao serviço social formam aos poucos um complexo de escolas, universidades, hospitais, orfanatos, lares para idosos e outras entidades. A formação desses núcleos obedece a outro princípio fundamental da Fé Bahá'í: a devoção só é verdadeira quando palavras se transformam em atos.</p>

	<p>DV 2322 SONORA GINUS ENAIATPOUR / TEMPLO DE LÓTUS / NOVA DÉLHI, ÍNDIA</p> <p>00:06:47 A: In Delhi in Lotus Temple, we got two kinds of job: Temple and Information Center . We have got some parts in Temple, for example , entrance, isolate, exit and office work as like this ... we have a table that every hour it has changed and the volunteer changes that places, their positions and in the information center.</p>	<p>SONORA GINUS ENAIATPOUR (VOZ MA):</p> <p>Em Nova Délhi trabalhamos no próprio Templo de Lótus e no Centro de Informações. Temos de encaminhar as pessoas para as entradas designadas, isolar e organizar as filas quando necessário, encaminhar as pessoas para as saídas e, ainda, realizar algumas tarefas de escritório. O nosso quadro de serviços muda a cada hora, e os voluntários se ajustam a essas mudanças.</p>
	<p>MINICLIPE com sucessão de imagens das atividades dos voluntários no Templo de Lótus, entremeadas com close-ups dos rostos dos voluntários, e música bem animada.</p>	
		<p>NARRAÇÃO (VG): A administração e o funcionamento dos templos Bahá'ís exigem uma soma de atividades muito complexas – tanto quanto as que envolveram a própria construção de cada um deles.</p>

	MINICLIPE com sucessão de imagens da construção dos templos e deles próprios já prontos, com gente, entrando e saindo.	
	Imagens das etapas da construção do templo da Alemanha.	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>O templo Bahá'í de Hofheim-Langenhain, perto de Frankfurt, na Alemanha, foi projetado e construído pelo arquiteto alemão Teuto Rocholl. A superestrutura pré-fabricada e reforçada de concreto e aço veio da Holanda. A base do domo tem 48 metros de diâmetro. A altura, do térreo ao topo, chega a 28 metros.</p>
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Conhecido também como Templo Europeu da Fé Bahá'í, ele se localiza aos pés das montanhas Taunus, no subúrbio de Langenhain, que faz parte da cidade de Hofheim, aproximadamente 25 quilômetros a oeste de Frankfurt. É um complexo de aço, alumínio e vidro. Possui acústica excepcional, criada por reverberação dentro de sua forma redonda e por ressonância no peitoril das janelas. E, como em todo templo Bahá'í, dentro dele só se ouve música executada pela voz humana, <u>à capela</u> – ou seja, sem apoio de nenhum instrumento.</p>
	Sobe som: cantoria sob a regência da maestrina Ameli Dzimba	

		<p>NARRAÇÃO (VG): Entre as lâminas curvas, 540 janelas em forma de diamante compõem um mosaico de vidro, dispostas de forma a permitir ao máximo a entrada dos raios solares. O resultado é um atraente jogo de luz e sombra. Este templo foi inaugurado em 1964, e a construção levou quatro anos. Como acontece com todas as casas de oração Bahá'ís, esta foi financiada integralmente apenas por praticantes da fé do mundo inteiro.</p>
	<p>SONORA TEUTO ROCHOLL / ARQUITETO / FRANKFURT, ALEMANHA</p> <p>31:01 R.: Ich habe versucht, das was in den Schriften steht, zu erfüllen. So, ein Andachtvollerraum sein, so man sich befinden sollte man merken, daß das kein gewöhnliches Raum ist.</p> <p>31:51 R.: Ich glaube, man hat mir viel Raum gelassen. Die exakten Vorschriften waren: Zentralraum, 9 Eingänge, Kuppel, Laterne. Das waren die... und noch etwas Anderes dazu, es sollte eine... ein heller Raum sein.</p>	<p>SONORA TEUTO ROCHOLL (VOZ HV):</p> <p>Tentei fazer com que esse fosse um espaço religioso, de oração, e que cada um que entrasse sentisse que é um espaço especial. Mas não houve uma orientação definida para isso.</p> <p>Na realidade tive muita liberdade. As únicas exigências foram as seguintes: um edifício redondo, com nove entradas, cúpula – e, além disso, que eu projetasse e construísse um lugar com muita luz.</p>
		<p>NARRAÇÃO (VG): Já o templo de Nova Délhi foi construído com inspiração num tema recorrente em todo o Extremo Oriente: a flor de</p>

		<p>lótus. A ela se associa uma imagem mítica, que representa a pureza nascida do lodo e do barro e preservada mesmo no meio deles.</p> <p>Conforme crença religiosa comum na região, quem encontra a flor de lótus é levado a procurar dentro de si a pureza que parecia perdida e impossível de recuperar na vida terrena.</p>
	<p>DV 964 SONORA SHATRUGHUN JIWNANI, GERENTE / CENTRO DE INFORMAÇÕES / TEMPLO DE LÓTUS / NOVA DÉLHI, ÍNDIA</p> <p>01:27:00</p> <p>(Sonora Shatrughun Jiwnani)</p> <p>The physical requirement, architecturally the physical requirement of any Bahá'í House of Worship is that it should have 9 sides or 9 doors, 9 gates. This one House of Worship for example has 9 petals or 3 of 9 petals, 9 because 9 is a number in many cultures that is seen as a number of unity, is the number of what they call all comprehensive figure, fulfilling figure because all of the other numbers</p>	<p>SONORA SHATRUGHUN JIWNANI (VOZ HV):</p> <p>Em termos arquitetônicos, há a exigência física de que qualquer casa de oração Bahá'í tenha nove lados e nove portas. Já o Templo de Lótus tem nove pétalas estilizadas, dentro do mesmo conceito. O nove é em muitas culturas o número da unidade, o número abrangente na sucessão de todos os outros. A unidade é o princípio fundamental da fé Bahá'í, e dela emanam os outros: a igualdade entre homem e mulher, a abolição dos extremos de riqueza e pobreza, a abolição do preconceito. A forma do templo obedece a esses conceitos.</p>

	<p>is an all embracing figure. So we use that because unity is the main principle of the Bahá'í faith, all the other principles that we have wheter is the equality of man and woman, abolition of the extreme wealthy and poverty , abolition of prejudices, they all are connected with this main principle of unity.</p>	
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>A idéia para o Templo de Lótus surgiu em 1921. Algum tempo depois foi escolhido um terreno nos subúrbios de Nova Délhi. Com contribuições de fiéis Bahá'ís a compra foi efetuada. Mais tarde se descobriu que fazia parte de um antiga aldeia chamada Bahapur, que significa terra dos Bahá'ís. Em 1974 o órgão supremo da fé Bahá'í, a Casa Universal de Justiça, abriu um concurso público para o empreendimento. O arquiteto iraniano-canadense Fariborz Sahba, foi à Índia em busca de inspiração.</p>
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Prevaleceu, porém, a concepção fundamental de que o lótus é uma manifestação de Deus e, por isso, a flor é considerada sagrada. Para muitos povos do Oriente, ela está também associada ao culto à divindade e à oração.</p> <p>Também pesou na escolha da flor para a forma do templo o fato de que ela nasce em águas impuras, mas se mantém sem mácula,</p>

		resplandecente e luminosa mesmo nesse ambiente.
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Quando o ousado projeto de Sahba foi apontado vencedor, muita gente disse que era irrealizável. Alguns arriscaram que na Inglaterra, com técnicas bem mais modernas de construção, talvez fosse possível erguer uma obra assim. Na Índia, nunca. Os indianos decidiram, no entanto, que executariam a obra à maneira deles mesmos, com seus próprios recursos e capacidades.</p>
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Além das dificuldades inerentes ao próprio projeto, Fariborz Sahba teve de levar em conta ainda adversidades naturais.</p>
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>O espírito de unidade, que transcendeu culturas, raças, linguagens e até credos diferentes, foi essencial para o êxito do projeto. E também a capacidade profissional dos principais envolvidos na execução. Por exemplo, a estrutura externa de mármore foi coberta com material vindo da Grécia – o mesmo utilizado há séculos no Pártenon e também no Centro Mundial Bahá'í em Haifa, Israel. Na Itália, uma meticulosa operação moldou a forma curva com o uso de modelos em escala real e serras controladas por computadores. Os artesãos italianos</p>

		trabalharam dois anos e meio na moldagem das sutis e elegantes linhas do lótus. O mármore foi suspenso sobre as chapas de concreto por meio de âncoras – um sistema nunca usado antes. Mais de 10 mil pedaços de mármore curvo tiveram de ser encaixados como peças de um gigantesco quebra-cabeças em três dimensões. O resultado final mais do que compensou todo o esforço.
		NARRAÇÃO (VG): O Templo Bahá'í em Nova Délhi foi terminado em 1986. Conquistou grande número de prêmios de entidades e publicações especializadas e tornou-se um dos mais conhecidos marcos arquitetônicos da capital indiana.
		NARRAÇÃO (VG): Inspirado pela flor de lótus, compõe-se de 27 pétalas de mármore dispostas em grupos de três para formar nove lados. Nove portas levam ao auditório, com capacidade para até 2 500 pessoas. Com pouco mais de 40 metros de altura, sua superfície luminosa flutua sobre um espaço de 105 000 m ² (105 mil metros quadrados), nos arredores de Nova Délhi.
		NARRAÇÃO (VG): Inaugurado em dezembro de 1986, recebe perto de quatro milhões de visitantes por ano. Segundo autoridades de turismo da Índia, é o edifício mais visitado do mundo, superando a

		Torre Eiffel e o Taj Mahal.
	Sobe som	
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>História semelhante de sonho e superação marcou a construção do Templo Bahá'í em Wilmette, perto de Chicago, no Estado americano de Illinois. O projeto começou a tomar forma em 1903 e, como aconteceu com empreendimentos semelhantes, demorou anos a se concretizar.</p>
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>O concurso público para a construção foi vencido pelo arquiteto franco-canadense Louis Bourgeois. Abdu'l-Bahá, aprovou a escolha do local, comprado em 1908, e presidiu o lançamento da pedra fundamental em 1º de maio de 1912. As obras, no entanto, só começariam de fato em dezembro de 1920. A construção foi suspensa várias vezes por falta de dinheiro. Mas, a despeito da quebra da Bolsa de Nova York em 1929, naquele ano o esqueleto de aço da cúpula foi completado pela firma do empreiteiro John Early, de Washington. E o templo só seria inaugurado formalmente em 1º de maio de 1953.</p>
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Como todas as casas de oração dos Bahá'ís, a de Wilmette tem nove lados e uma cúpula e é cercada por jardins e fontes. Desde o início recebeu o nome de Templo-Mãe do Ocidente, por ter sido o primeiro erguido no hemisfério ocidental.</p>

	Sobe som: canto do mestre de música Evan	NARRAÇÃO (VG): Dentro do auditório, com paredes revestidas de ornamentos que mais parecem bordados de renda feitos em concreto, a cúpula se eleva a 50 metros de altura. Em 1978 entrou para o Registro Nacional de Locais Históricos do governo dos Estados Unidos.
	Idem	
		NARRAÇÃO (VG): O Templo de Wilmette foi a grande realização de Louis Bourgeois, que monitorou a obra de sua casa do outro lado da rua. Louis Bourgeois morreu no último ano da construção, mas viveu o suficiente para ver pronta boa parte dos 10 mil entalhes de renda em concreto, uma das principais características da obra.
	Sobe som	
	Clipe da maquete eletrônica do templo do Chile. Imagem da planta virtual do Templo do Chile.	NARRAÇÃO (VG): Além dos sete templos Bahá'ís já existentes, outro está em construção: o da América do Sul, perto de Santiago do Chile. Suas linhas modernas estão em harmonia com a paisagem e com o conceito de que essa região faz parte do Novo Mundo descoberto pelos europeus a partir de fins do século XV.
	Vinheta do programa	Fade in / out / Intervalo
	Vinheta da Parte IV	PARTE IV– A ARQUITETURA DO FUTURO

	Vinheta do programa	Fade in / out
	<p>“No futuro, templos Bahá’ís serão construídos em todas as aldeias, vilas e cidades, com o objetivo de marcar a universalidade e a abertura da fé a todos os povos, raças e classes sociais, e reafirmar o propósito de servir aos seres humanos sem nenhuma distinção de espécie alguma”.</p> <p>(Shoghi Effendi, guardião da Fé Bahá’í de 1921 a 1957.)</p>	<p>EPIGRAFE (palavras de Shoghi Effendi/AA):</p> <p>“No futuro, templos Bahá’ís serão construídos em todas as aldeias, vilas e cidades, com o objetivo de marcar a universalidade e a abertura da fé a todos os povos, raças e classes sociais, e reafirmar o propósito de servir aos seres humanos sem nenhuma distinção de espécie alguma”.</p>
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>A contemplação da arquitetura dos templos Bahá’ís sugere uma pergunta: que tipo de cidade o ser humano deseja? Qual é o espaço urbano ideal para que ele viva em plenitude?</p>
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>É possível simplesmente os cidadãos de cada país se conformarem com projetos urbanísticos geradores de metrópoles em que o dinheiro e o poder econômico serão o centro incontestável de toda atividade humana?</p>

		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Ou eles terão condições de optar por espaços urbanos em que a busca da unidade, justiça e fraternidade será o símbolo visível e poderoso ao redor do qual deverão girar todos os desejos e aspirações da população?</p>
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>A construção dessas cidades, como os conceitos que as criaram, teve como fundamento reconhecidas teorias econômicas e políticas. Mas, com o tempo, ficou claro que haviam deixado de levar na devida conta os novos anseios e necessidades das populações em seus aspectos mais essenciais.</p>
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Como as cidades construídas dessa maneira não refletiram a natureza espiritual e os sonhos de seus habitantes, essas populações passaram a sentir a angústia de serem obrigadas a viver em espaços com os quais não se identificavam.</p>
	<p>Imagens modernismo seco à la Niemeyer, Memorial da América Latina, sem plantas etc.</p>	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Numa tendência que se acentuou cada vez mais durante o século XX, agrupamentos humanos fundamentados em princípios meramente materialistas se tornaram verdadeiras prisões, numa contraposição clara ao sonhado espaço livre para o convívio e à troca de experiências.</p> <p>Além disso, a construção do espaço urbano</p>

		passou a confrontar diretamente os limites da natureza colocando os “construtores” das cidades como antagonistas do meio ambiente.
		NARRAÇÃO (VG): A concepção arquitetônica dos templos Bahá’ís é um bom exemplo de oposição a esse modelo insatisfatório. Em cada um deles, o tom dominante do projeto é fazer o templo se incorporar às forças da natureza, fazendo com que ele possa, literalmente, brotar da própria paisagem.
		NARRAÇÃO (VG): Por trás disso está a idéia de que, nesse espaço de integração e de riqueza, as diferenças entre os seres humanos encontrarão um ponto de harmonia que os levará a reconhecer a unidade do gênero humano e sua união em torno de um só Criador.
		NARRAÇÃO (VG): O objetivo desse esforço é promover, conforme os ensinamentos das escrituras Bahá’ís, a <u>unidade na diversidade</u> .
	SONORA SCOTT CONRIAD, ARQUITETO / WILMETTE, EUA DV 1006 01:33:00 I think Bourgeois’s	SONORA SCOTT CONRIAD (VOZ HV): Acho que a inclusão de tantos símbolos diferentes é para fazer a pessoa parar e pensar sobre essa idéia de unidade religiosa e espiritual, a continuidade da busca do ser

	<p>inclusion of so many different symbols was to make you stop and pause and think about this idea of religious unity, spiritual unity, the continuity of humanity's quest for truth... (...) this experience of going to a place like this is to stop and then pause. That's why silence is such an important feature of these buildings, there is no sermons or speeches... (...) this is a personal journey... (...) and a quiet one...</p>	<p>humano pela verdade... (...) ... essa experiência de ir a um lugar como este, parar e fazer uma pausa. Por isso o silêncio é uma característica tão importante desses edifícios, não há sermões ou discursos... (...) ... é uma jornada pessoal... (...) ... e silenciosa.</p> <p>ATENÇÃO: SONORA PICOTADA NO TRECHOS COM A MARCAÇÃO (...)</p>
	<p>Igrejas da Espanha, escuras, sinistras, do tempo da Inquisição.</p>	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Muitos templos no passado se ergueram quase como um obstáculo, uma dura e tenebrosa via a percorrer entre a Terra e o céu. No templo Bahá'í o caminho é aberto, e a proposta do vínculo direto do ser humano com a divindade tem uma de suas mais fortes expressões na luz zenital, que retira do local de oração qualquer conotação sombria ou opressora.</p>
	<p>Imagens de shopping centers</p>	<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Essa nova concepção se contrapõe à idéia comumente aceita de que o templo deixou de ser marco decisivo dentro do espaço urbano. A própria palavra <u>templo</u> se deteriorou: fala-se muito em <u>templos de consumo</u> – não se pode esquecer que consumo contém a idéia de</p>

		queima, destruição.
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>E, ainda, no mundo materialista o resultado do encontro das pessoas passou a ser mera e simplesmente a troca de mercadorias – com o conseqüente esvaziamento da noção de convívio humano. As linhas dos templos Bahá'ís são projetadas para restabelecer esse elo perdido.</p>
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>A casa de oração é “uma das instituições mais vitais do mundo”, nas palavras de Shoghi Effendi, guardião da fé Bahá'í de 1921 a 1957. Segundo ele, o templo é o exemplo mais tangível da integração entre a prática religiosa e o serviço à comunidade.</p>
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>Um dos fundamentos principais da fé Bahá'í é espalhar esses locais de culto por toda parte – sempre com a idéia principal de que qualquer construção, seja ela um templo ou qualquer outro edifício, deve ser erguida com o objetivo de proporcionar à humanidade um local de encontro, que conduza à unidade e à fraternidade entre seres humanos.</p>
		<p>NARRAÇÃO (VG):</p> <p>A simples presença de pessoas dentro de um templo é reflexo da predisposição para a unidade em que se baseiam as grandes</p>

		religiões – e de sua missão principal, que é revelar que Deus é um só para todos os habitantes do planeta..
		NARRAÇÃO (VG): Igreja, é bom lembrar, vem do grego <i>ecclesia</i> e significa assembléia, ponto de reunião. Desde os templos das civilizações mais antigas até os monumentos religiosos construídos agora, a função dos templos é promover paz e harmonia.
		NARRAÇÃO (VG): A reflexão sobre a vida e a morte, as tribulações que acompanham o caminho daquele que busca a verdade, todas as dores da transformação levam a um lugar onde o desejo da transcendência pode se materializar. A simples visão do templo abre o caminho para essa aspiração natural de todos os seres humanos.
	Clípe final: imagens de templos Bahá'ís, em sucessão não muito rápida nem muito lenta, com interpolação de rostos de pessoas de várias etnias, idades e países diferentes etc.	(SOM DA CANTORIA DOS BAHÁ'ÍS EM LANGENHAIN, QUE VAI SE ELEVANDO À MEDIDA QUE AS IMAGENS VÃO SURGINDO)
	Vinheta do programa	Fade in

		<p>AGRADECIMENTOS</p> <p>Assembléia Nacional Bahá'í do Brasil (Brasília-DF)</p> <p>Centro Europeu Bahá'í, Hofheim-Langenhain (Alemanha)</p> <p>Comunidades Bahá'ís de Hofheim-Langenhain e Frankfurt (Alemanha)</p> <p>Wilmette, Ill., e Nova York, NY (EUA)</p> <p>Nova Délhi (Índia)</p> <p>São Paulo-SP</p>
		<p>AGRADECIMENTOS ESPECIAIS</p> <p>Ameli Dzimba</p> <p>Bahá'í Haus der Andacht, Alemanha</p> <p>Bahá'í House of Worship, Índia</p> <p>Bahá'í House of Worship, EUA</p> <p>Bahá'í Media Services, EUA</p> <p>Bordjhradjh e todo o pessoal do Centro de Informações do Templo de Lótus, Nova Délhi, Índia</p> <p>Craig Rothman</p> <p>Gisella von Brunn</p> <p>Iradj R. Eghrari</p> <p>Pamela Moonshine</p> <p>Samson NY?</p> <p>Shaheen Javid</p> <p>Shatrughun Jiwnani</p> <p>Washington L. Araújo</p>

	Fundo e música para créditos	<p>CRÉDITOS</p> <p>Roteiro e direção</p> <p>Vicente Adorno</p> <p>Consultoria de roteiro</p> <p>Flávio Rassekh e Luiz Henrique Beust</p> <p>Direção de Fotografia e Câmera</p> <p>Valdir Rodrigues de Souza</p> <p>Narração</p> <p>Valéria Grillo</p> <p>Locuções</p> <p>Alfredo Alves</p> <p>Hélio Vaccari</p> <p>Madeleine Alves</p> <p>Edição off-line e pós-produção</p> <p>César Melão</p> <p>Coord. Edição / Produção Executiva</p> <p>Lina Murano</p> <p>Assistentes de produção</p> <p>Lívia Corulli</p> <p>Mariana Ferreira Gonçalves</p> <p>Música</p> <p>Pesquisa iconográfica / Material de arquivo</p> <p>Cento de Documentação da Fundação Padre Anchieta</p> <p>Gerência de Documentários</p>

		Pedro Vieira Diretor de Rede, Expansão e Documentários Marco Antonio Coelho Filho
	Tema de encerramento	
	Logo NUDOC / TV CULTURA	

Apêndice II

Decupagem da entrevista realizada no dia 12 de março de 2011, com os dois principais responsáveis pelo documentário da TV Cultura “Arquitetura da Unidade”: o roteirista, editor e produtor, Vicente Adorno e o cinegrafista, Valdir Rodrigues, em São Paulo.

00’00’00” – Dia 12 de março de 2011 entrevistamos Vicente Adorno e Valdir Rodrigues. Os dois foram “pai” e a “mãe” – não me pergunte qual dos dois era um e outro – do documentário intitulado “Arquitetura da Unidade”, produzido pela TV Cultura. Este documentário foi escolhido como tema de conclusão do curso de jornalismo da aluna Jordana Andrade de Araújo, a qual elaborou todas as perguntas desta entrevista.

J: O que o motivou para traçar um paralelo entre arquitetura e civilização?

00’41’20” – A: Me chamou muito a atenção a maneira como as cidades são organizadas e como as pessoas passaram a viver primeiro em habitações precárias e depois elas foram evoluindo e agora você tem toda essa tendência dos arranha céus que têm mais de cem anos, que é por causa do acúmulo de pessoas nas áreas urbanas. Me interessa muito a simbologia, tanto dos edifícios de cunho religioso, como os de cunho não religioso, porque eles sempre têm... eles são uma espécie assim de linguagem.

00’01’26” – A: E eu me lembro quando eu era criança, eu lia assim com absoluto pasme a descrição minuciosa que tem na Bíblia de como deveria ser o templo que o Salomão construiu: em relação a altura e disposição de cada câmara. Eu falei puxa vida! Já naquela época tinha toda essa preocupação! Depois eu vi também os gregos tinham esse tipo de preocupação, as ruínas deles, elas são quase que uma afirmação de identidade de cada povo. né? Eu sou até suspeito para falar porque eu sou descendente de italiano, na Itália então é impressionante o tópico de coisas de arquitetura.

00’02’16” – A: E eu tinha lido um livro muito interessante que se chama *Tudo que é sólido se desmancha no ar*, do filósofo americano chamado Marshall Berman. Ele faz uma análise dessa tendência que o homem tem de construir coisas e na maior parte das vezes de destruir primeiro para construir. Esse ensaio me pegou porque logo de cara ele faz uma apreciação de Fausto de Goethe, que eu li quando estava estudando alemão. E a maior parte das pessoas veem a história do Fausto como o cara que vendeu a sua alma para o diabo para ser jovem de novo por causa do amor de uma mulher, uma coisa assim. Isso é uma simplificação super exagerada, na verdade o Fausto é um personagem muito mais complexo, tanto que até hoje se lê Fausto, se discute, não tem... (ininteligível) O Fausto - ele é apresentado por esse Marshall Berman, de uma maneira que eu não tinha pensado como o protótipo do homem moderno. O Fausto é que faz várias populações se deslocarem de um lugar para o outro, manda derrubar uma floresta para construir lá, empurra as pessoas do campo para a cidade e tal.

00'03'34" – A: Isso aconteceu no século XVIII, quando Goethe teve uma vida longuíssima, viveu 83 anos, o que era um absurdo para aquela época. E curiosamente ele não morreu até terminar toda a obra dele então, vai ver que ele tinha que deixar todo esse testemunho. E o Fausto é um personagem muito forte justamente porque ele significa essa ânsia que o homem tem por destruir, construir, destruir, construir. De ocupar outros espaços e etc. E eu fiquei pensando, puxa! - como é que as pessoas ocupam espaços? E nesse mesmo livro tem a história da construção da cidade de São Petersburgo que foi ordenada pelo desaltero, o grande, tanto que tem o nome do padroeiro dele que depois virou Leningrado e agora voltou a ser São Petersburgo. Essa cidade foi construída por arquitetos italianos, enfim, é uma cidade que surgiu do nada... então a gente fica falando: Brasília surgiu do nada, isso são coisas que se faz há muito tempo.

00'04'31" – A: Os egípcios também construíam cidades administrativas desse tipo assim, já é uma coisa bem antiga digamos assim. Então o projeto me pareceu extraordinário porque ao mesmo tempo a gente ia falar sobre um aspecto muito interessante que é da cultura bahá'í que é essa, esse cuidado e esse refinamento eu diria, com a construção dos templos. E, eu confesso para você que todos dos que eu vi até hoje me deixaram emocionados. Me tocaram muito porque mostram as coisas boas que um ser humano é capaz de fazer quando se dispõe a um esforço coletivo. E em especial aquele da Índia que foi feito assim...

00'05'22" – J: Flor de lótus.

A: contra tudo quanto é previsão, contra tudo quanto a cálculo técnico... foi realmente muito engraçado, e a gente viu lá... Você vai para aquele lugar, é uma cidade que tem gente para "chuchu", que é uma das maiores concentrações demográficas do mundo. E aquele espaço em torno do templo, dá uma paz assim, aquilo é uma coisa de beleza impressionante! Realmente, uma das figuras mais bonitas que eu já vi na minha vida é aquele templo. Então foi realmente isso...

00'05'59" – J: Então, na sua opinião, porque foi a escolha da Fé Bahá'í justamente para fazer esse paralelo entre arquitetura e civilização?

A: Eu acho que talvez porque a Fé Bahá'í seja uma religião mais moderna né? Tem uma coisa que desde o começo eu achei muito interessante entre os bahá'ís foi essa coisa da igualdade entre o homem e a mulher. Aquela afirmação de Bahá'u'lláh, né?

J: Bahá'u'llah.

A : Disse que o homem e a mulher são as asas.

J: Uma asa é o homem e a outra a mulher.

00'06'36" – A: Do mesmo pássaro. Eu achei magnífica essa comparação. O homem e a mulher são!

J: Uma asa é o homem...

00'06'38" – A: Eu achei magnífico essa comparação. Com uma só não funciona. E também me impressionou muito a história da Tahírih que resolveu tirar o véu em público e tal. Eu considero certos costumes que são impostos a mulher são uma coisa... não tem mais sentido no mundo moderno e acho assim uma atitude extraordinária de desafio, extraordinário e desprendimento alguém se propor a isso.

00'07'14"- A: Então nesse sentido eu acho que vocês inovam também na maneira que os templos são construídos. Isso me chamou muita atenção, na minha conversa com o arquiteto Teuto Rocholl, que construiu o templo bahá'í na Alemanha, ele me deixou bem clara, assim... as instruções que ele tinha recebido. Que era para fazer um lugar que entrasse bastante luz e tivesse um ambiente acolhedor e ao mesmo tempo inclinasse ao recolhimento, mas que, não deixasse de lado principalmente a visão estética e essa coisa de ter a maior iluminação possível. E aí quando ele me chamou atenção para isso eu falei puxa! - realmente é isso que acontece! Nos outros templos tem essa mesma preocupação, apesar deles terem desenhos e estruturas diferentes, essa preocupação principal fica bem marcada.

00'08'14"- A: E é interessante também que são lugares assim que tem uma acústica muito boa, que é bom para você ouvir música e ouvir a voz humana ali dentro quando alguém está falando. E até eu me senti muito honrado quando fui convidado porque me convidaram para ler um pedaço de uma escritura durante uma cerimônia lá na Alemanha e eu fiquei muito feliz com isso. E eu percebi como esse ambiente é muito bem pensado, é muito bem imaginado.

00'08'44"- A: E aí você faz um paralelo, por exemplo, todas as grandes civilizações de fato começavam com a construção de templos, até mesmo os imigrantes que foram dos Estados Unidos, eles construíam, uma igreja, uma escola, uma fundição. A ideia que eles tinham de como a vida deveria ser organizada, você tinha que ter a instrução, a fé e a indústria.

00'09'10"- J: É o desejo para atingir a imortalidade.

Vicente: Exatamente. É. E para ter também sempre presente aquela manifestação física, bem ostensiva e agradável, bonita de se ver.

00'09'27"- J: E por que esse assunto é relevante para a sociedade?

V: Ah! Mas sem dúvida. Eu acho que.... De uns dois ou três séculos para cá, o homem vem perdendo cada vez mais a perspectiva em relação ao que um filósofo romeno, Mircea Eliad, chama de sagrado. O que ele chama de sagrado é tudo que é capaz de dar vida, a natureza, as plantas etc. E a gente costuma se voltar muito para a estrutura urbana, hoje nós estamos vendo, nós estamos pagando o preço disso, né? Com inundações, calor excessivo, frio, quer dizer há um descontrole total das próprias condições atmosféricas justamente por causa da interferência do homem, então é... eu acho muito bom você refletir.... Quando você pensa que na filosofia de construção dos templos bahá'ís, por exemplo, ela obedece a critérios bastante naturais digamos, na Índia eles utilizaram ao máximo todos os recursos que eles tinham; foi por isso que eles conseguiram fazer. Nos Estados Unidos tinha muito mais recurso foi mais fácil e tal. Eu cito mais o exemplo da Índia justamente pois é o mais complicado. Inclusive, como a gente mostrou no documentário, tinha que ter o tempo certo entre colocar a água e colocar a mistura de cimento para que houvesse a solidificação do material e, se errasse o tempo - tinha que começa tudo de novo.

00'11'07" – J: Vocês viajaram para 4 países? Índia, Estados Unidos, Alemanha e Israel?

A: É.

W: Valdir, como é que foi o impacto de ter sido cinegrafista; a pessoa que desenhou com luz e sombra toda esse documentário "Arquitetura da Unidade"?

00'11'26"- A - Esse de... nós começamos com o de Israel, o Vicente não citou, que foi o "Seguidores da Glória".

W: Que ano foi esse?

V : 2001 em Israel e o outro, agora, foi em 2005.

W: E você considerou... dos trabalhos que você já tinha feito, como é que você sentiu esse?

V: Bom, a participação do cinegrafista.... Tudo depende mais de qual a proposta que a gente tem de fazer com a imagem, e o Vicente como é um gênio nisso, ele fez todo o roteiro. Então meu trabalho, com a minha imagem é sempre em cima do roteiro. Sempre com o que está escrito. Então, em cada lugar que nós vimos a gente percebia isso no lugar que a gente pretendia mostrar: o aspecto, o ambiente, que todo lugar tem que ser, entrar luz natural, um ambiente acolhedor. Então, tudo que se fala no documentário a gente tem que registrar com imagem. Então, tudo que estava escrito e eu tentava mostrar com imagem para a pessoa tentar entender um pouco do que... como que é o ambiente das pessoas meditando lá dentro, do espaço físico.

00'12'56" – J: Qual era a sua maior preocupação?

V: A preocupação maior como sempre era não atrapalhar as pessoas que estavam lá dentro. Porque quando você entra em um ambiente, que nós na verdade tínhamos que tirar os sapatos antes de entrar. Porque tinha que respeitar toda a conduta que eles exigem lá dentro de um templo. Então a gente tinha muita preocupação de não atrapalhar as pessoas lá dentro que

estavam meditando, né? E, na verdade, a gente se sente um intruso dentro de um lugar que eu tenho que entrar o mais sutil possível, para pegar as expressões mais verdadeiras das pessoas. Às vezes a pessoa está lá meditando... tá lá a pessoa fumando, já tira a atenção dela. Às vezes a pessoa está lá meditando... e ela percebe que tem alguém filmando; já tira a atenção dela. E a gente tem que ter esse cuidado de filmar, sem atrapalhar, o que as pessoas estão fazendo.

00'13'44" – J Por que vocês não gravaram no Irã, no país de origem da Fé Bahá'í?

A: Aí é uma questão bastante complicada! A gente até gostaria de ter feito isso, mas a gente foi... digamos que desaconselhados. É uma questão que ainda não foi resolvida e provavelmente ainda vai demorar para ser resolvida. O Irã é um país que vive uma situação muito especial, a gente lamentou não poder filmar nos locais originais do nascimento da Fé Bahá'í. Paciência! Não houve mesmo essa possibilidade.

00'14'42" – J: Houve algum impacto dos telespectadores? Vocês tiveram esse *feedback*?

A: Ah sim, até hoje as pessoas me falaram do documentário, aliás, dos dois documentários. Eles falam que não só por causa da beleza do documentário, as imagens são deslumbrantes, vocês capturaram um universo tão diferente e os conceitos que tem dentro. As pessoas ficaram chocadas ao descobrir que em meados do século de XIX já tinha alguém falando que o homem e a mulher é igual. Disposto até a morrer para defender isso, como foi o caso da Tahírih que eu citei. Eu acho essa Tahírih uma figura extraordinária!

00'15'33"- A: Eu e o Valdir até bolamos uma reencenação da Tahírih e ficou muito bonita!

Valdir: A gente montou todo um cenário para criar um clima, né? E um ambiente mais ou menos da época, né? E uma personagem, uma mulher que tira o lenço, para dar uma visão de como foi a cena, de como foi tirar o véu e a reação das pessoas.

00'16'16"- J: E o que vocês vão fazer com o vídeo?

Adorno e Vicente: Foi incluído no primeiro documentário.

Valdir: Eu acho que você não chegou a ver.

J: Eu assisti... só que faz tempo.

A: Tem a sequência da Tahírih termina com.... Nós imaginamos contar a história através da dança. Então, nós contatamos uma moça que é professora de dança e ela ficou muito entusiasmada! Porque ela estava, justamente, pesquisando coisas referentes ao passado persa. Coisa de dança, de música e tal. E ela fez isso e o resultado foi muito bonito, né? Eu gostei muito. Das ideias que o Valdir usou, ali ele mostrou o diretor de fotografia que ele é, ele fez toda uma encenação e.... o que eu ia dizer??

00'17'19"- Valdir: Porque na verdade é assim, "Os Seguidores da Glória", "O Arquitetura...", na verdade, é uma sequência. Então você chegou a ver o primeiro?

J: Cheguei... só que faz tempo.

Valdir: Então o número um na verdade é uma sequência do segundo, porque nós fomos a Israel e era uma lógica totalmente diferente, porque lá é o berço, né? O templo maior que é ali, no Monte Carmelo. Infelizmente tinha um acontecimento lá e não deu para fazer tudo que eu queria.

W: A inauguração dos patamares.

Valdir: Isso. Quer dizer o lugar.... Para você fazer um trabalho, né? Eu ficaria lá uns 3 ou 4 dias para você pegar “por do sol”, “nascer do sol”, eu ainda consegui...

A: sobrevoar.

Valdir: Sobrevoar. Eu ainda consegui umas imagens no entardecer...

J: Vocês ficaram quantos dias?

00'18'17"- J: Nós ficamos 10 dias em Israel. Mas foi muito pouco tempo que a gente teve para fazer dentro do templo, eu acho que um dia ou dois. Depois a gente fez Massada, Mar Morto, um pouco do entorno, contando um pouco da história de Israel, da arquitetura de Israel...

A: É para situar bem. Uma das coisas que eu queria dizer é que quando a gente fez o primeiro documentário, “Os Seguidores da Glória”, as pessoas se espantaram de saber que Israel não é a sede só de três mais de quatro religiões. Mas como quatro?? E aí as pessoas se admiraram! Eu achei legal, porque as pessoas criaram esse interesse. Então até hoje tem muita gente que me fala e aí como “tão” os bahá’ís que você descobriu? E eu falo: não! É o contrário, foram eles que me descobriram. Risos.

00'19'08"- J: E para você acreditar que existe apenas um Deus, uma só raça humana, uma só religião em constante evolução?

A: É... Eu acredito que o ser humano é igual em qualquer lugar. Até recentemente se desmentiu uma teoria imbecil de racistas, de que a construção orgânica interna das pessoas de cor seria diferente da nossa. O sangue é igual, o coração bate igual, a construção entre aspas de todo os tecidos, de todos os órgãos, toda a.... todo o funcionamento é a mesmíssima coisa. E até uma coisa engraçada que eu vi em um filme recentemente é que tinha um personagem branco e um preto conversando e o branco falando – “Como é que você liga com essa história da segregação?” – Pode crê que vai demorar, mas vai chegar um tempo em que todo mundo vai se misturar, tanto que daqui há pouco só tem uma raça, que é como deve ser. Que é isso que você falou.

00'20'09"J: A raça humana.

A: Eu vivi quatro anos no Japão, você vai para lá e é uma experiência muitíssimo diferente porque você desce do avião e você vira analfabeto. Porque você está em um país que usa outro tipo de escrita, né? A sua própria maneira de se referenciar com o ambiente, imediatamente, tem que se alterar. E aí, por exemplo, as ruas no Japão, por exemplo, não tem nomes, com a exceção de algumas lá no tempo da ocupação americana, mas o sistema deles de endereçamento é completamente diferente do nosso, difícilíssimo de entender. Então eu tive

que desenvolver todo um sistema de orientação, de reconhecimento de ambiente, mas depois de duas semanas eu não estava nem aí! Eu estava me sentindo perfeitamente à vontade!

00'21'00"- Vicente: Mesmo sem saber a língua... você vai vendo.

J: Você se adapta.

A: É, você se adapta. Depois de um certo tempo, você vai vendo que o japonês tem algumas características... O japonês é uma pessoa mais reservada, não é tão expansiva e tal, mas depois de um tempo ele se torna seu amigo como qualquer outro, sabe? Então não tem.... Ah!.. O alemão é uma pessoa muito fria. A minha experiência é o contrário, eu conheço alemães altamente emotivos, né? Que são meus amigos, inclusive. Mas sabe? Se criam tantos estereótipos e se esquece de uma coisa fundamental: a gente só é um ser humano como qualquer outro, meu Deus do céu!!! Na Austrália, na Ásia, na África... é tudo a mesma coisa.

00'21'39"- Valdir: Principalmente a Comunidade Bahá'í da Alemanha. Nossa a recepção para gente lá foi uma coisa assim fantástica. Você se sente à vontade. Você se sente tranquilo. Você vai... até convidaram o Vicente para fazer uma leitura lá. Eles foram muito receptivos, muito diferente [ininteligível]... aí você tira aquela coisa da cabeça: o alemão é uma pessoa fria, calculista... Não é. Lá nós percebemos que está existindo um problema. A Alemanha está enfrentando o problema de que a maioria dos casais não quer ter mais filhos. Eles preferem manter a boa vida... então os alemães estavam incentivando os casais a terem filhos.... Porque senão.... a única coisa que eles colocaram.

00'22'23" – A: Em toda a Europa Ocidental a população está diminuindo horrores! Até um amigo meu alemão falou: “nós estamos construindo um país para os turcos, porque os turcos já são 6 milhões, mais de 6 milhões, na verdade. E eles não tem mais nada a ver, eles estão na terceira geração... já nasce falando alemão, quase ninguém fala turco. E em outros países também houve um crescimento extraordinário de populações diferentes. E o que eu vejo é... uma coisa que eu acho muito interessante do... e que eu continuo a achar muito interessante do meu convívio com os meus amigos bahá'ís é que vocês tem essa abertura para o mundo que eu acho fantástica, uma coisa maravilhosa e que isso seja inclusive um preceito fundamental da religião, a igualdade de sexo, entre raças, entre pessoas, enfim, sem fazer distinção nenhuma.

00'23'10" – A: E aliás, eu me lembro quando a gente estava na cerimônia de inauguração lá dos.... como é que chamava?

W: Patamares.

A: Patamares. Eu ia falar terraço, é patamar. Tinha assim uma diversidade de cor de gente, de cor de roupa, que é uma coisa fantástica! Quando ventava, sabe? - ... Aquelas roupas balançando ao vento, aquelas cores. Ah, aquilo ficou maravilhoso! Realmente um espetáculo, ... com a música que estava tocando.

J: Cultura.

A: Que maravilha, né? É possível realmente você conseguir colocar as pessoas em pé de igualdade e as pessoas se respeitarem, terem afeto e construir coisas juntas. É, na verdade, eu acho que esse é o nosso destino.

00'24'09" – Valdir: E lá há mistura! Nós vimos essa mistura.... essa mistura de raças. Nós vimos pessoas vestidas com roupa característica de cada país, o mongol com a roupa característica, o africano com aquela roupa colorida, pessoal das ilhas [ininteligível], índios vestidos de índios... E todos ali, juntos.

00'24'26" – J: E isso que é o bonito, né?

Valdir: É. Uma maneira de mostrar a igualdade entre os seres humanos. A raça humana é uma só. O bonito é isso! Vocês passam isso! Ali é uma assembleia mundial, né? Onde reuniu todos os bahá'ís do mundo. Então a gente via essa união... eles faziam questão, se a gente estava lá filmando, eles faziam questão de, os negros vestidos com aquelas roupas coloridas, uma senhora que era da Mongólia com a roupa característica da Mongólia, o polonês com a roupa característica de polonês, o índio com... quer dizer, a gente conseguiu mostrar com imagem, essa diversidade e esse colorido bonito, que é a união entre a raça humana, que é difícil a gente ver.

00'25'13" – Vicente: É isso aí, foi uma coisa realmente muito marcante.

Valdir: Dentro de um país que é Israel, né? A primeira coisa que me impressionou quando nós chegamos no aeroporto: nós falamos que íamos a uma cerimônia bahá'í, não teve restrição, ah não tudo bem. Tipo assim, os bahá'ís a gente conhece. Foi totalmente diferente a recepção do que se a gente falasse que era de outro lugar. A recepção foi maravilhosa.

00'25'35"- J: E esse foi um dos objetivos do documentário "Arquitetura da Unidade": promover a igualdade e que todos somos iguais e, assim, criar condições de uma perfeita harmonia mundial, não é isso? Vocês até falam isso no roteiro.

00'25'48" – Vicente: Aham, sim. É digamos que isso é um sonho que tem desde... sei lá, acho que existe desde que o ser humano começou a raciocinar. Mas nunca foi possível, por uma série de circunstâncias: por causa da luta pela sobrevivência, das adversidades e tal. Mas acho que hoje, a gente chegou em uma condição de progresso, de condições tecnológicas que não justifica mais ficar adiando isso, e a gente tem que colaborar, inclusive como a gente estava falando antes, a gente tem que enfrentar tantos problemas ambientais que se as pessoas não se juntarem para resolver isso não vai dar certo, porque o que acontece na Amazônia se reflete aqui em São Paulo, se reflete na Venezuela, se reflete no Vietnã, sei lá ... Porque chove mais ou chove menos, porque você vê por exemplo no Rio Grande do Sul que não chove tem 3 ou 4 meses... que não chove uma gota d'água, tem lugar que está em baixo d'água há semanas. Todas essas oscilações que a gente está vendo... isso aí o ser humano vai ter que sentar para juntar o que nós precisamos fazer. Cada um precisa fazer a sua parte.

J: Unir as forças.

00'26'58" – A: É. E tem que juntar esforços. Uma coisa que... pouco antes de sair da TV Cultura, eu fiz um último documentário sobre a União Européia e até eu me lembrei de uma conversa que eu tive com a representante de vocês na ONU.

J: A Bani Dugal.

Adorno: Isso, isso. E foi realmente maravilhoso conhecê-la. E ela estava me falando que o papel dela e de outras pessoas que exercem funções assim dentro das organizações bahá'ís, é justamente de estar junto de qualquer organismo que promova a união de todos os povos. E a ONU é, digamos assim, o mais visível que existe, né? Mas eu acho que a União Européia, por exemplo, quando eu fui fazer pesquisa para esse documentário, eu me dei conta que a União Européia é o resultado de um esforço de mais de dois mil anos. E se você pensar bem, até o fim da segunda guerra mundial, em 1945, a Europa só teve guerra.

00'28'04" – E são tantas que você nem consegue localizar direito, é guerra dos [ininteligível], guerra das rosas, guerra dos 100 anos, guerra dos 30 anos, guerras napoleônicas, guerras do império austro-húngaro e sei lá mais o que. Sabe assim? É uma coisa impressionante a quantidade de gente que se matou em guerra, durante 2 mil anos. E aí, de repente, se chegou a essa formulação que a União Européia aboliu o dinheiro diferente, que também é outra coisa extraordinária. Você ter uma só moeda, eu sempre, desde que eu comecei a viajar eu fiquei pensando que coisa idiota existir tanta moeda diferente no mundo, cada lugar que você vai, você tem que trocar dinheiro, tem toda uma burocracia, que custa caro, né? A União Européia quando trocou essa burocracia de trocar dinheiro fez uma economia, acho que 150 bilhões de euros por ano, apagou essa coisa... sabe assim, botou o ovo em pé. Demorou tanto tempo para se chegar a isso, meu Deus do céu!!! Sabe assim....

00'29'11"- A: E tem também... a União Européia foi construída sem dar um tiro, o que é absolutamente inédito para a Europa. Nunca se conseguiu fazer nada na Europa. Tem o Congresso de Viena e outras pretensas organizações que tentaram acabar o sistema. Teve que fazer uma guerra para chegar aquilo. A União Européia começou com: ninguém mais dá tiro, ninguém mais se invade e aí parou. E com o fim dos regimes comunistas se acelerou ainda mais. Tem muita gente que fala isso aí não vai dar certo, não sei o que lá... As realizações humanas demoram mesmo a acontecer, mas já é uma coisa extraordinária você pensar a União Européia já tem mais de 60 anos sem ninguém se matar na Europa por causa de guerra, o que é uma coisa extraordinária, é muito bom isso.

00'30'14"- A: E eu me lembrei muito dos conceitos dos bahá'ís quando eu estava fazendo esse documentário também, porque a União Européia é um dos organismos sonhado pelo Bahá'u'lláh, né? Me perdoe se eu estiver falando alguma bobagem, mas pelo o que eu li dele, ele sempre propõe que haja a criação de organismos internacionais, justamente para superar essas barreiras: barreiras de fronteira, de ideologia, de política, de moeda, de organização social etc.

00'30'47" – A: Por que como a gente estava falando, além dos seres humanos serem iguais, as necessidades deles também são as mesmas. O que o ser humano quer? O ser humano quer ser feliz e para ele ser feliz ele precisa de pouca coisa. Ele precisa de um bom trabalho, uma

boa casa, poder construir a sua família tranquilamente, botar o filho na escola. Isso aí não custa tanto.

00'31'10"- J: E o que representa de fato a Fé Bahá'í ter instituído a primeira organização não governamental para trabalhar com a ONU?

A: Ah, isso aí já é marcar uma posição com muita firmeza. Como eu te falei, quando eu fui falar com a Bani Dugal isso aí... até tinha falado com o Valdir, impressionante, já tinha alguém que imediatamente reconheceu o organismo que é a ONU e falou: eu vou trabalhar com vocês. Que não é só ficar falando, eles foram lá e já começaram a trabalhar. Isso aí foi extremamente marcante, uma coisa que me chamou demais a atenção e assim, eu percebi uma coisa muito importante, as pessoas que os bahá'ís põem nessas atribuições, são pessoas extraordinárias, são pessoas que têm uma visão de mundo muito abrangente, são pessoas que abrem caminhos, abrem diálogos, isso é muito importante. Acho que é... é o caminho certo. Como eu te falei, vai demorar, é um trabalho de formiguinha.

00'32'27" – J: Mas um dia a gente chega lá.

A: É por aí, é por aí.

W: Eu queria perguntar a vocês dois como vocês sentiram o apoio da TV Cultura na produção e na edição do "Arquitetura da Unidade"?

00'32'51"- Valdir: O Vicente sabe que eu... Eu atuei não só como cinegrafista: ir lá e fazer as imagens. Mas o Vicente sabe que eu sempre me preocupava em ajudar a escrever, fazer o texto... Então às vezes eu chegava na *internet* e fazia um monte de pesquisa, até nós fizemos... eu acho que eles não têm. Nós fizemos um especial de cinco matérias sobre Israel, dentro do material que nós fizemos...

W: Ah eu adoraria.

Valdir: Eu tenho isso.

W: É?!

Valdir: Eu tenho isso em DVD, eu tenho guardado, o Vicente fez. Mas eu enchi tanto o saco dele para ele fazer, ah!... tá bom Valdir! Eu entrava na internet pesquisava: pesquisa sobre a história de Tel Aviv, Jaffa, e isso e aquilo, ele com toda a categoria, fazia um texto e conseguimos cinco programas, uma série de cinco matérias para o jornal da TV Cultura e eu tenho gravado e ficou muito bonito - porque é um material a parte do que nós fizemos em Israel. Com as viagens...

W: Excelente. E foram ao ar?

00'34'06"- Foi ao ar. Tenho gravado no ar.

W: Nossa!!! Maravilhoso!

Vicente: Isso aí só foi ao ar graças a insistência, porque...

Valdir: Era um material muito bonito.

Adorno: E também uma coisa assim que ninguém tinha muita noção.

Valdir: Eu ficava pensando eu nunca vi uma matéria sobre como é a praia, as praias de Tel Aviv, porque quando se fala em Jerusalém o que a gente ouve, é atentado terrorista... então eu falava vamos mostrar o lado belo.

A: São cidades bonitas, agradáveis.

Valdir: Conclusão, eu estava na TV Globo, mostrei esse trabalho meu para o meu chefe da TV Globo. Quando foi um mês depois, mandaram um correspondente lá de Jerusalém, que eu esqueci o nome dele agora.

W: Ari Peixoto.

Valdir: Ari Peixoto. Fez uma matéria no templo de vocês lá. Mostrando o mesmo templo...

J: 2008?

Valdir: Foi pouco tempo.

W: Então isso teve uma ligação.

Valdir: Ele viu o meu material, esse material que nós fizemos lá, uma dessas matérias é sobre o jardim do templo. Até que eu usei as luzes bonitas. E aí ele viu esse meu trabalho e, obviamente, como ele não é bobo, já passou: manda o Ari fazer o material, porque o material é bom e bonito. Ele vai mostrar toda a arquitetura, vai mostrar os jardins do planalto, a água, como a água... toda...

00'35'29"- Vicente: Eu gosto muito das imagens que ele fez no entardecer, ficou...

Valdir: Então a Globo... eles mandaram fazer. Ficou realmente.... Então quer dizer, todo o material que a gente fez - que nós produzimos lá, eu sempre ficava pensando, dava para a gente produzir uma coisa melhor, se a gente faz uma coisa mais elaborada dá para fazer uma coisa mais bonita . Mas valeu, foi muito bom, porque a importância era tão grande que o pessoal da TV Globo viu e realmente mandou fazer a matéria. Não só para o Jornal Hoje, eu não sei se foi para o Jornal Nacional, mas eu acho que foi para o Jornal Hoje. O material, uma matéria grande, contando toda a história dos bahá'ís e a história do templo e viu que no meu material... eles viram e gostaram da ideia... porque nunca ninguém fez, nunca ninguém.... Só não fizeram matéria sobre Tel Aviv, sobre Tel Aviv a história das praias, que a gente fez foi muito pouco. As praias, ou de Jaffa, tem toda uma história, né?

00'36'22"- Vicente: São lindas...

Valdir: São praias muito lindas e a gente não vê isso na televisão.

W: E nessa feitura, na produção, como a TV Cultura tratou esse documentário, na percepção que vocês têm hoje depois de alguns anos que ele tem sido transmitido? Como é que vocês

veem a posição desse documentário dentro de uma entidade pública de televisão, como a TV Cultura?

00'36'49"- Adorno: Bom na época, a gente tinha uma presidência e uma direção que entendia muito bem o alcance, todas essas iniciativas. Inclusive, eu fui liberado... eu trabalhava no telejornal na época, eu fui liberado para ficar só fazendo isso. E eles falavam isso daí é um negócio muito importante e é um projeto que tem a nossa cara e nós temos que mostrar isso também. Depois, como a TV Cultura sofre muitas injunções políticas, a direção foi mudando e aí a produção interna de documentário se tornou cada vez mais difícil.

00'37'44" – A: Tanto que o último documentário que eu fiz, esse do documentário da União Européia foi uma briga até para botar ele no ar.

W: Quem era o presidente da TV Cultura na época desse “Arquitetura da Unidade”? Você se lembra?

Vicente: Jorge Cunha Lima.

W: E o diretor de jornalismo?

Adorno: Era o Marco... o Marco Antônio Coelho. Assim, o Marco Coelho até, eu lembro que ele falava assim: “Eu não preciso te elogiar, porque eu sei quem você é”. Mas quando ele viu o “Arquitetura da Unidade” ele falou: “Pomba meu, ficou maravilhoso!” Ele fez questão de cumprimentar a gente. Enfim, você vê... é tudo uma questão da receptividade das pessoas, como é uma pessoa que tem poder e tem sensibilidade é mais fácil de se lidar. Mas infelizmente depois as coisas mudaram muito, e aí o espaço para a gente tentar fazer esse tipo de programa foi simplesmente... até acabar com eles.

J: Em qual contexto histórico surgiu o “Arquitetura da Unidade”?

00'39'00"- A: Eu para te falar a verdade eu não saberia dizer, viu? Talvez tenha a ver com essa preocupação constante que a gente tem da ocupação do espaço urbano, de como isso é feito. E isso eu acredito que o documentário deixou passar. Inclusive com a diferença que o templo bahá'í sempre tem que ter um espaço na circulação de pessoas - digamos assim, generoso, né? E muitos lugares que eu já fui, aquelas igrejas enormes, que tem na Europa, por exemplo, às vezes você vê que “tá” em um lugarzinho apertado assim, né? A própria *Fontana di Trevi* em Roma, para você chegar lá, você vai por umas ruelas assim... de noite dá até medo, né? Eu “tive”, em fevereiro de 2009, com o meu irmão e ele: “aonde é que você está me levando!” Risos. Também quando eu estava levando ele para a igreja de São Pedro [ininteligível], São Pedro amarrado. Ué, porque nós temos que ver essa igreja! Não está no mapa. Fica quieto. Ele ficou olhando para mim...

00'40'22"- Adorno: Por que você não me falou? Porque é lá que está a estátua do Moisés de Michelangelo, mas para ir lá você vai assim sabe... e de repente você vai em um bequinho e está aquela igreja [ininteligível]... tem zilhões de igrejas na Itália, né? Você percebe que a ocupação desses espaços se deu, digamos - até quase primitiva, talvez porque não houvesse tanta tecnologia e também não houvesse essa visão que se tem hoje. Mas em compensação,

por exemplo, você vê a Basílica do Vaticano foi construída com muita largueza, com um espaço enorme, você vê dentro de outras religiões também, no Japão os templos Budistas tem todo esse espaço na frente e tal, mas você percebe que não é uma constante, agora na arquitetura bahá'í realmente é uma constante isso. E é uma coisa assim que é muito agradável, porque você vê: as pessoas vão lá, tem a cantoria, tem a oração, tem a fala das pessoas e aí depois...

J: Que é aberto para todos.

00'41'28" – Adorno: É, e depois eles saem e ficam passeando ali, as crianças e tal, fica um ambiente muito legal, fica todo mundo batendo papo, botando a conversa em dia. É um ambiente que chama não só para a oração mas também para a confraternização no verdadeiro sentido dela, que as pessoas se aproximarem, conversarem, que é uma coisa que está fazendo muita falta para gente, a gente só conversa com uma tela do computador. E olha lá.

00'41'55"- W: Então, essa foi a primeira vez que vocês estiveram na Índia, né? Qual foi a percepção, o que mais chamou a atenção de vocês sobre a Índia, a sociedade, as ruas, o povo? Valdir como é que você pensa esse seu encontro: um brasileiro chegando na Índia? Acho que foi a primeira vez, né?

Valdir: Foi. Primeira coisa é o choque da cultura. Uma cultura totalmente diferente, milhares de Deidades. Até entramos dentro de um táxi, um senhor, ele era muito simples né? E sempre via dentro dos táxis deles várias fotos né? De cada Deus. O que chamou a atenção foi a espiritualidade e todo mundo tem uma fé em alguma coisa.

A: Ou fé em muita coisa.

Valdir: Ou fé em muita coisa. Então assim, os vários templos que existem. Nós visitamos alguns lá, dentro de uma área do templo e que chamou atenção justamente isso, que o Vicente falou, foi o templo lá de Nova Delhí, pela beleza, pela arquitetura, muitos dizem que seja mais visitado, talvez, que o próprio o *Taj Majal*. E o costume, o povo indiano é um povo que... Eu com a minha câmera em um lugar que a gente foi comprar uns lenços, uns lugares que eles indicam para a gente comprar algumas coisas... Aí eu peguei a minha câmera, aí tinha uma família de indianos, morando em uma tenda, um lugar sujo imundo, onde tinha umas quatro ou cinco famílias e umas quinze crianças envolta.

00'43'31" – Valdir: Aí me chamou a atenção, eu peguei e fui com a câmera lá. A felicidade era tão grande que além de fotografar eu filmei. Eu acho que eles pensaram: "Puxa alguém viu a gente! Somos, a gente está aqui vivo, alguém viu!" E a felicidade deles quando eu cheguei para conversar com eles, para.... tirei fotos deles. Você precisa ver a expressão deles: Nossaaa alguém viu a gente aqui!!! Chamamos atenção! Mas o que me chamou a atenção é que tinha uma mulher e uma criança comendo no chão, eles põem a comida no chão e ela dividindo aquela comida com aquela criança. Uma senhora: toda com aquela roupa típica, colorida, são pessoas humildes, mas a vestimenta deles é bonita. O semblante deles é diferente, apesar deles viverem naquela miséria, aquela é uma miséria... eles moram em barracos, em um barraquinho esticado em cima de um tronquinho de madeira.

A: Na rua.

Valdir: É, na rua. Então você percebe que apesar deles viverem em extrema miséria eles aceitam aquilo como se fosse um carma. Eu tenho que aceitar esse tipo de vida, então eles vivem felizes. Não são pessoas infelizes, naquele mundinho deles ali. Aquelas cinco famílias, onde eu tenho a imagem, em que eu gravei com a minha câmera, eu não fiz para o documentário, mas eu gravei para mim, particular. O como as pessoas são pessoas humildes, simples, vivendo em um bequinho e, o quando alguém dá atenção para eles. Você precisa ver a felicidade deles: “Sabe, alguém viu a gente aqui, vamos conversar, vamos tirar foto!” Eles se sentiram muito felizes.

00'45'01"- W: E você?

A: Ah, o que mais me encantou foi a amabilidade das pessoas, apesar de... o Valdir explicou bem, delas viverem em extrema pobreza, você percebe que elas têm uma dignidade, que elas têm um olhar para a vida diferente, elas não têm essa ânsia que a gente vê no Ocidente de possuir coisas, sabe? As pessoas têm um ritmo diferente, agora para você ver a diferença... Risos. Essa é até uma história meio folclórica que aconteceu com a gente. Quando a gente foi pegar o táxi para ir ao aeroporto, para embarcar para a Alemanha e depois para os Estados Unidos, nós chamamos um táxi e veio um daqueles táxis antigos, aqueles da década de 30, que é meio amarelo limão, sei lá, e preto. Você vê filme indiano e tem sempre esses táxis. É o mesmo modelo há 600 milhões de anos... e aí eu olhei para o táxi e falei para o rapaz: Olha, eu acho melhor a gente chamar mais um táxi porque não vai caber! Ele anda com toda aquela tralha de televisão, com fio, bateria, fita, com todo o equipamento, o Valdir e aquele baú que a gente levava para cima e para baixo e tal.

00'46'22"- A: Ele olhou para nós e falou assim: Você me dá 20 minutos? Eu falei: está bom! Aí nós fomos tomar um café. 20 minutos depois, nós voltamos e o cara tinha conseguido colocar, não sei como, não me pergunte ... conseguiu colocar toda aquela tralha no táxi! Eu olhei para o Valdir, ele olhou para mim, o cara sabe, né? Aí bom, fomos embora. Chegamos aos Estados Unidos, no aeroporto [ininteligível], em Chicago, que é o maior aeroporto do mundo né? Que isso que é aquilo outro. Fomos pegar um táxi e tinha um táxi que era, daqui até ali na esquina - de tão grande que era, quase uma limusine e o cara falou que não levava o equipamento.

J: Olha que contradição. O que tem muito não quer dar...

A: Foi exatamente isso que o Valdir falou: na Índia o cara fez o maior esforço para botar o equipamento e esse daí nem.... mas dava para levar um canhão dentro. Era uma baita de uma banheira sabe. Das duas vezes, tanto quando nós chegamos, tanto quando nós fomos pegar o avião para de voltar, nós tivemos que levar dois táxis. “Ah não eu não faço isso, não, o senhor não vai por tudo isso aí no meu táxi!”

00'47'41"- W: E as questões climáticas dessa viagem? Por que deve ter lugares quentes, lugares frios, deve ter tido neve, deve ter tido gente escorregando, deve ter tido muita coisa né?

A: Isso aí me faz lembrar da Gisela Zonneveld, vocês devem conhecer.

W: Ah, conheço.

A: A Gisela foi o nosso anjo da guarda.

W: É a avó da Iliana, filha do Eduardo Couto.

Valdir: Eu lembro da Alemanha... que a gente foi no frio, né?

A: Estava um frio danado! Estava em 13/14 graus negativos. E a gente saía... quando tinha luz a gente ficava trabalhando, né? Porque o Valdir é... para trabalhar é um sossego, vai...

W: Não é à toa que a globo pegou ele.

A: E aí quando a luz ia embora, a gente falava: “Bom, agora é hora da gente voltar à Gisela. Ela esperava a gente com uma sopa que eu chamei de levanta defunto. E eu não sei, era uma sopa que tinha um monte de legumes, um monte de molho de tomate e tudo. A gente tomava aquilo e parecia que ressuscitava, era uma coisa assim, impressionante!

00'48'40”- Valdir: Deliciosa.

A: Era uma maravilha aquilo. Não, a Gisela... nossa Senhora! Pessoal da Alemanha, todo mundo foi legal, claro que a Gisela era nossa motorista, nossa intérprete, nossa tudo!

W: E já é uma pessoa de terceira idade, né?

Vicente: É, já deve ter uns 70 anos... sei lá eu... Aliás eu tenho o *skype* dela.

Valdor: É?

Vicente: Eu queria botar você em contato com ela. Ela está na Bolívia, ela mudou para lá para ficar perto dos netos. Riso. Ela está muito feliz.

W: E nos Estados Unidos, o clima estava muito....

Vicente: Estava pior. Chegamos a filmar com quase menos 30 graus.

J: Nossa!

W: E como é que vocês conseguiam luz para filmar?

Vicente: Luz até que o Valdir dribla bem, agora teve um dia que a câmera parou e congelou. Risos. O Valdir falou para mim: “A câmera não vai”. Eu falei: “Você está querendo me gozar?”

Valdir: Porque o seguinte, antes de viajar, a gente estava indo para um lugar que estava nevando... Então, nós procuramos comprar um case que é um protetor de câmera térmico, ele mantém a temperatura da câmera. Não conseguir, era um risco que a gente corria. Então, estava filmando lá em Frankfurt e tal, gravando lá e de repente a câmera vum, ela condensa. Fica tudo embaçado. E o que você tem que fazer? A gente tem que entrar em um ambiente de temperatura normal e esperar uns 40 a 50 minutos para ela voltar ao normal. Até a lente secar. Então, várias vezes, nós enfrentamos isso, porque essa diferença brusca de temperatura o equipamento não consegue, não aguenta.

00'50'18" - J: Mas perdeu o que tinha gravado?

Valdir: Não, não, não perdia nada.

W: E foi a sua primeira experiência desse tipo?

Valdir: Foi, foi, foi.

W: Chama atenção, né?

Valdir: Eu já sabia mais ou menos que... às vezes a gente viajava aqui para o Amazonas, lá é muito úmido, então se você estar gravando no meio da floresta e, de repente, a umidade é tão grande que começa a gotejar dentro da lente e umedece também, aí a câmera trava. Ela trava, ela não grava. Então você tem que esperar um tempo dela no sol, a gente põe ela no sol para a câmera secar por dentro, para a câmera voltar a trabalhar. Então, o que aconteceu muito foi isso lá na Alemanha, nos Estados Unidos também lá... porquê ventava e aí a sensação térmica é pior ainda.

W: Valdir qual era a especificação técnica da câmera que você usou para todo o documentário?

Valdir: É, a gente não foi com uma câmera técnica muito diferente do... como a cada ano evolui tecnologicamente os equipamentos e muito. Em 2005, nós levamos uma câmera chamada... era uma câmera Sony, era uma DSR-500, que era uma DVCAM, que nós levamos fitas DVCAM que tem duas horas. O bom é isso, essas 2 horas você tem um espaço, você tem um tempo bom de gravação, porquê você tem bastante trabalho e tem uma continuidade do trabalho que você quer fazer e, também, levamos uma câmera pequena, uma PD 170 - que é uma versão menor de uma DVCAM que, quando às vezes eu estava cansado de carregar a outra no ombro, que nem lá em Nova Delhí, você pega a pequenininha que é mais prática, você faz imagens rápidas com a mesma qualidade.

00'52'07" - W: Até o Vicente fez também imagem?

Vicente: Sim.

W: De boa qualidade Valdir?

Valdir: Ficou.

J: Foi ao ar?

Valdir: Foi bastante coisa.

W: Então, era uma dupla bem harmoniosa.

00'52'20" - A: É, inclusive eu ia falar isso antes, mas daí mudou de assunto... O Valdir veio comigo com uma baita pesquisa, antes da gente ir para lá, que ajudou muitíssimo.

Valdir: Eu fiz isso na *internet*.

Vicente: O Valdir... uma coisa boa de trabalhar com ele não se limita a fazer imagem... ele se envolve muito.

Outro ângulo

00'52'42" – Adorno: A gente não vai poder fazer a gravação na Índia, simplesmente porque o consulado está dormindo em cima do nosso visto, há 6 meses e não concede. Aí a gente já estava quase no elevador e o cara chamou a gente, o cara bocó do consulado chamou a gente. Se fosse encontrar mais dificuldade na Índia mas, quando nós chegamos na Índia, aí apesar de todos os problemas, aquela super população, trânsito maluco, que daí cerra o retrovisor que é para poder conquistar mais, que é uma coisa doida mesmo... Apesar de todas as dificuldades naturais no ambiente, as pessoas nos receberam muito bem, facilitaram nosso trabalho, foram todas muito receptíveis, na verdade... e como eu te contei a história do táxi, além Chicago, de resto.... foi um trabalho digamos até entre aspas abençoado. Porque aconteceram tantas coisas... foi um aprendizado extraordinário. Nosso convívio foi extremamente enriquecedor, assim extraordinário. Eu tinha falado para o seu pai, eu insisti muito, de levar o Valdir porque eu conheço ele. Toda vez que a gente fez um trabalho, foi assim... eu voltei para casa muito melhor do que quando eu saí.

00'54'09" – J: Mas não foi difícil apresentar em vídeo um paralelo entre arquitetura e civilização?

Vicente: Olha....

J: É um tema bem...

A: Eu até pensei que iria ser tão difícil, mas é que a qualidade das entrevistas foi tão boa, principalmente o alemão lá, o Teuto Rocholl, ele foi extremamente generoso. Ele estava com a mulher dele no hospital, a gente até não queria impor que desse um depoimento para gente, mas ele telefonou para Gisela e disse que iria sair do hospital e iria passar.. acho que ele ficou mais ou menos uma hora, uma hora e meia com a gente, deu um depoimento sensacional. Ele tinha assim, muito presente, na cabeça dele, essas exigências dos bahá'ís, a concepção arquitetônica e a construção de um templo. Então foi fácil porque nós estávamos falando com um mestre e realmente a gente viu até, pegamos imagens de arquivo do trabalho dele, isso, foi, você pode ver que quando o documentário ficou pronto, as imagens de arquivo tiveram um casamento tão perfeito com as imagens que o Valdir fez. Que eu te digo... o difícil foi realmente a gente conseguir sair, depois que a gente saiu, foi tudo realmente muito fácil.

Interrupção na imagem

00'55'39" – A: Em primeiro lugar tentar entender como funciona essa relação do homem com o ambiente, isso é uma coisa que eu tenho muito presente desde que eu era criança, que eu tive um avô caboclo e a gente ia muito para a roça com ele. E aprendia muita coisa com ele e, assim, o jeito que você se relaciona com o ambiente é uma coisa muito importante. Hoje que começam a tomar uma consciência maior disso, que estão ensinando isso para as crianças

desde a escola. Eu lembro que o meu avô ensinava muito para a gente. E quando nós fomos ver toda essa concepção da construção dos templos bahá'ís, que o espaço que eles ocupam e a... digamos assim, o ambiente que eles comandam, porque eles chamam as pessoas. Esses templos são como que um convite para as pessoas; um convite para as pessoas se aproximarem. Então isso aí me atraiu muito, eu te confesso. E aí, como que lhe falei, eu tinha lido aquela descrição tão detalhada do templo de Salomão e aí que eu tive a idéia do impacto que é isso. Como você mobiliza assim, toda uma comunidade, faz tantos esforços. Na verdade, todo mundo fala que é difícil arrumar dinheiro e tal mas, depois que arruma dinheiro tem problemas que você tem que resolver.

00'57'13" –A: E são problemas da adaptação de matérias, inclusive, a ideia que os bahá'ís querem para os seus templos que eu acho que é fantástica.

Valdir: Não é? Nós estamos em Frankfurt, a gente estava ali no centro, tinha até uma feirinha e eu estava fazendo as imagens e aí eu tinha aquela preocupação, porque eu sei que, com a temperatura muito baixa, a câmera pode condensar, e o que é condensar? Por dentro da lente criasse um... a imagem fica toda... uma... ficava toda embaçada a imagem e você não consegue, a câmera trava. Então eu estava gravando e de repente ficou toda embaçada a imagem e a lente ela travou. Travou e não tinha, não dava mais. E aí tivemos que sair, entrar dentro de um local onde tinha uma temperatura ambiente, esperar eu acho que uma hora, uma hora e pouco, até a câmera voltar ao normal, aí ela voltou a gravar normalmente, mas gente... a preocupação era essa, lugar muito frio se não tiver um equipamento próprio para proteger a câmera ela condensa.

00'58'29" – A: Então a gente nunca fica contente porque a gente acha que poderia ter feito melhor. Depois, até recentemente, revi o documentário e falei: Puxa ali a gente poderia ter feito isso! O Valdir fez mais algumas imagens... mas é aquela coisa, quando você chega na ilha de edição você tem um tempo. Você tem muita coisa que cortar. Teve coisa que a gente deixou de fora que realmente é uma pena não ter aproveitado. Fazer o que? Você tem uma limitação, uma hora você tem que chegar a um resultado final. Naquela hora você acha que fez a melhor escolha, um tempo depois você acha que não, você nunca está contente.

00'59'11" – J: Quem era o chefe de quem?

Adorno: Ah, essa história é muito engraçada. Um dia nós estávamos no templo de Nova Délhi, no templo de lótus e estava ali: vamos fazer isso vamos fazer aqui, precisamos fazer isso e aquilo. O Valdir falando que nós precisamos fazer umas imagens do templo do outro lado, uma imagem do templo de manhã, outra do entardecer e pá, pá, pá. Enfim, trocando ideias e ele mexendo com a câmera o tempo todo, com o tripé ali. E aquela multidão se mexia o tempo todo, ia para o templo, ia e voltava. E aí teve um cara que saiu da fila e falou: “Dá licença eu posso fazer uma pergunta, quem é o chefe aqui?” Eu falei: “Bom hoje eu sou o chefe, amanhã é ele”. Risos. Porque do jeito que a gente trabalha não tem chefe. Digamos assim, a gente adota um projeto e aí o projeto se torna um projeto nosso, meu e dele. Naquele momento que a gente está em campo, eu sou o auxiliar dele, eu levo a bateria, eu levo o tripé, sei lá, o que ele falar: leva isso aqui e tal ou põe isso aqui, sabe? Cada um vai fazendo, vai fazendo as coisas, porque quando a gente está lá a gente tem que se virar. Risos. Então eu até falei para ele, hoje sou eu

amanhã é ele, porque realmente é esse tipo de atribuição, nunca nos preocupou. A gente simplesmente abraçou o projeto, ali era um projeto... nós dois tinha esse poder, porque estava ali só nós dois mesmo, com a ajuda daquele pessoal todo, e era isso que a gente tinha que fazer.

01'00'51" – J: E qual é a definição de bom filme?

A: Eu acho que a definição de bom filme é aquele que você sente vontade de ver de novo e toda vez que você vê você nota alguma coisa diferente. Uma coisa que te chama atenção.

J: E o que o Hitchcock falava?

A: É, o Hitchcock dizia que o maior tempo de preparação de um filme tem que ser dedicado ao roteiro, porque enquanto você não tiver um roteiro bom, não há meio de você fazer um bom filme. Você pode fazer um mau filme a partir de um bom roteiro, mas fazer um bom filme a partir de um mau roteiro é muito mais difícil. E nesse caso, para mim foi um privilégio trabalhar com o Valdir porque ele ajudou muito e também, como a gente já tinha um roteiro bem estruturado na nossa cabeça, quando a gente saiu para fazer os dois documentários... quase não precisava nem falar para ele... Praticamente não dizia para ele o que precisava fazer porque ele já estava com todas aquelas ideias prontas na cabeça. Ele já sabia que nosso jargão do que a gente tinha que cobrir, ou seja, colocar imagem em relação ao texto que a gente já tinha concordado que era mais... Quer dizer, o roteiro sempre vai se modificando até o último momento né? Em função de algumas necessidades, por exemplo, acontece de a gente encontra no meio do caminho um entrevistado ou algumas imagens que são mais interessantes do que a gente imaginava e, então, a gente abre espaço no roteiro para que esses elementos também entrem. Então, sempre tem que ter essa flexibilidade, mas de forma geral.... 01'02'27"

Fita 2 –

00'38'09"- A: É porque eu acho que é uma falha de concepção. Você - veja bem, as emissoras públicas mais poderosas que eu conheço são a NHK, do Japão e a BBC, na Inglaterra. E elas têm uma contribuição que vem das pessoas que compram o televisor. Quando você compra um televisor, o seu nome vai para um cadastro que aí todo ano você paga uma taxa que pode variar de 100 a 150 dólares, que eu acho que é razoável. Você pode pagar um tanto por mês para abater essa taxa e essa taxa matem, é uma das fontes de renda da emissora pública. Então a emissora pública tem uma fonte de renda garantida que permite a ela ter um nível de qualidade, poder renovar os seus equipamentos, fazer uma transmissão bem feita, porque hoje em dia se não tiver boa qualidade no ar... você não consegue captar, cativar a audiência.

00'39'14"- A: Uma das reclamações que fazia muito em relação à TV Cultura era que a imagem da TV Cultura estava meio escura. O problema é que você tem que investir em equipamento e o equipamento ele vai se renovando cada vez com mais rapidez, a tecnologia avança muito rapidamente.

00'39'34" – J: Como que a TV Cultura pode alcançar o espaço das emissoras comerciais?

A: Olha isso, eu acho que não tem muito haver, porque eu acho que a TV pública tem que conquistar o espaço que a TV comercial não ocupa. Promover cultura, educação, valores, cidadania, promover discussões. Digamos que, até pouco tempo atrás, as emissoras públicas no Brasil, bem ou mal, ainda estavam fazendo, mas estão fazendo isso cada vez menos. Inclusive, uma mania de terceirização, porque diz que é mais barato e coisa e tal. Eu não sou contra a terceirização, mas eu acho que quando você terceiriza completamente várias áreas de produção, especialmente documentários que me interessa mais, você tira a possibilidade de você ter a sua identidade, de você ter a sua linguagem. Por exemplo, há algum tempo atrás, acho que até 2005 ou 2006, você ligava a TV Cultura e você sabia que você estava na TV Cultura, hoje em dia.... Mas para um bom motivo, né? Com programas interessantes, desafiadores, que provoca o telespectador.

00'40'53" – A: Hoje você põe lá e você vê que está uma coisa cada vez mais perdida, sem noção. E a TV Cultura, de forma geral, ela não está cumprindo esse papel. Ela tem que colocar para a sociedade esse desafio, como que nós podemos construir um país melhor, como nós podemos resolver as diferenças em níveis educacionais que são gritantes no Brasil e apenas uma pequena elite no Brasil consegue ter uma educação de qualidade que isso abre portas. É o contrário, quem chega às melhores universidades, que são gratuitas, são as universidades públicas, são as pessoas que podem pagar uma boa escola primária, depois uma escola secundária ou colegiado... sei lá como é que chama hoje. Que é um absurdo. Nos países desenvolvidos é o contrário, você tem uma educação de boa qualidade mantida pelo Estado e depois quando chega a universidade, aí você vai ou para a universidade pública ou privada, tanto faz, mas você teve a mesma oportunidade quando começa, isso é que é importante. O importante é que a escola pública seja de boa qualidade, justamente por isso, para que todo cidadão tenha acesso a educação de boa qualidade. E a TV pública poderia ajudar nisso, mas infelizmente não está fazendo.

00'42'14" – J: Qual o diferencial da TV Cultura?

A: Aí eu não saberia dizer muito... Eu acho que a gente conseguiu atingir um bom nível, mas isso se perdeu.

Fim da gravação

Apêndice III

Algumas matérias divulgadas no Brasil, nesse ano de 2011, sobre a Fé Bahá'í:

[23Dez2010] Folha de São Paulo - Fé Brasil atua em favor de minoria Bahá'í no Irã.

[20Dez2010] Folha de Londrina - Comunidade londrinense ora por presos iranianos.

[19Dez2010] Veja Online - Iranianos usam blogs como maneira de driblar a repressão.

[18Dez2010] Jornal Cidade - Bahá'ís se mobilizam contra prisão de sete líderes no Irã.

[10Dez2010]Folha de São Paulo - Poder e responsabilidade, Brasil e Irã - Roxana Saberi.

[30Dez2010] Conexão Repórter – SBT - A Polêmica História do Irã.

[01Jan2011] MGTV – Globo Minas Gerais - A busca da paz através da fé.

[12Jan2011] O Estado de São Paulo - Irã faz protesto contra crítica de Dilma.

[26Jan2011] Dourados Agora - Membro da ONU pede libertação de Bahá'ís no Irã.

[05Fev2011] Folha de São Paulo - Nobel pede a Dilma condenação do Irã.

[17Fev2011] Correio Braziliense - A ira chega à Líbia.

[23Fev2011] Folha de São Paulo - Para EUA, Brasil é manso com violadores.

[27Fev2011] O Estado de São Paulo- Votação sobre Irã é 1º teste de Dilma na ONU.

[02Mar2011] Jornal Visão - Líderes de religião independente estão presos.

[07Mar2011] Veja.com - Embaixadora brasileira na ONU dá sinais de que país vai mudar voto sobre violações de direitos humanos no Irã.

[08Mar2011] Estado de São Paulo - Brasil presta homenagem a opositora de Ahmadinejad.

[08Mar2011]Estado de São Paulo - Brasil começa a se redimir de ter apoiado ditadores, diz iraniana.

[10Mar2011] Estado de São Paulo - Um almoço em Genebra.

[11Mar2011] Veja.com - Brasil condena intolerância religiosa em sessão na ONU.

TV

17 Março, 21h30 – TV Barretos, programa Central de Notícias – entrevista ao vivo com a bahá'í Josiane Kumon, surgimento da Fé Bahá'í em Barretos e no Brasil, do período do Jejum e Naw-Rúz e sobre a perseguição religiosa no Irã

21 Março, 9h – TV Barretos, programa Manhã em Foco – entrevista ao vivo com a bahá'í Joana Soleide Dias , que falou sobre o ano novo Bahá'í

Obs.: Ambas as notícias são uma iniciativa da colaboradora da ASCOM Luciana Margean, de Barretos (SP).

RÁDIO

21 Março – Rádio Universitária de Vitória (104.7 FM) – Hoje é o ano novo Bahá'í

Obs.: Iniciativa da colaboradora da ASCOM Djamile Carreiro, de Vitória (ES)